

112¹⁰

VOLUME MARRON 2 - 1952/1953

2^o caderno

O Espelho

P. H. L. 27. Dez.
1999. -

Percebo sua mão pensando de leve no meu ombro. Sinto-lhe os beijos no meu cabelo. Mas não lhe ouço as palavras. Apenas me vêm, como se fosse dela: "Meu filho, não chora", e o menino sorri. Guarda um anel negro de seus cabelos entre as folhas de um livro, como um amor-perfeito, mas é tão brilhante ainda como se eu tivesse roubado então, enquanto dormia. É tão leve que não lhe sinto o peso quando o deito na mão: mas para mim é como um segredo que se diz baixinho ao ouvido e que se guardará para sempre.

Tenho uma carta de minha mãe. Uma carta simples.

Percebo sua mão pousan-
do de leve no meu ombro. Sinto-lhe
os beijos no meu cabelo. Mas não
lhe ouço as palavras. Apenas me
vêm, como se fosse dela: "Meu fi-
lho, não chora", e o menino sorri.
Guardo um anel negro de seus cabe-
los entre as folhas de um livro, co-
mo um amor-perfeito, mas é tão
brilhante ainda como se eu tivesse
roubado ontem, enquanto dormia.
É tão leve que não lhe sinto o peso
quando o deito na mão: mas para
mim é como um segredo que se diz
baixinho ao ouvido e que se guarda-
rá para sempre.

Tenho uma carta de
minha mãe. Uma carta simples.

em que fala em todos, pergunta por todos e se preocupa. É do tempo em que viajou para longe, separou-se dos filhos e foi tentar curar-se. Mas sem grande esperança: "Eu, meus filhos, não vou adiante. Continuarei sempre na mesma coisa, se não pior." E fala nos resultados de exames, das crianças compreendendo e apaziguando tudo: "se as provas estivessem muito boas, é claro que as notas seriam mais altas. É que vocês pensam que estavam boas, porque só sabiam fazer coisas ~~co~~ ~~fizeram~~ ~~da~~ ~~melhor~~ ~~que~~ ~~mancias~~ ~~fornic~~."

Também fomos um retrato. Um antigo retrato seu em que nos olha com tristeza, a mão ~~para~~ descansando no joelho, o vestido escuro de saia e mangas compridas, e bordado na gola e nos punhos. Era: mas é que

me acaricia, esses lábios tranquilos me beijam em segredo. E conheço o contacto de seus cabelos! Mas não sei como será sua voz. No entanto, tenho a certeza de que se da multidão ela me falasse, eu a reconheceria. Por ter lido o que escrevem e ouvido dizer o que dizia. Por estranhas razões também: por instinto.

Muitas vezes fico olhando no céu as revoadas dos pássaros, como mudam de direcção, de repente, obedecendo a não sei que poder, que não lhes quando o vo, todos a um tempo. E penso se nos meus gestos não haverá também uma força invisível me orientando e se essa força não vem dela que me desce tão cedo. Mas, muito mais vezes me sinto só. Esqueço seu nome, não me recordo que fomos dela uma carta, um retrato, e seus cabelos; não me ocorre: e é quando enfrente

o mundo e luto dentro dele, não
como no fundo do mar que nos
vencerá e nos sepultará entre as
algas, mas pelos campos lavra-
dos ~~que os pés~~ em que semea-
mos para colher. Me esqueço de-
la, que me gerou e não me criou,
justamente porque não lhe ouço
a voz dizendo "meu filho, não
chora", nem o murmúrio que fi-
ca das canções de ninar. Mas
se a esqueço, por não havê-la
conhecido, não me reparo de
sua ausência que ~~permanece~~ ^{permanece} num
lugar desconhecido, ~~dentro de mim,~~ ^{indefinido}
sempre vazio, como uma pequena
caverna na rocha que as águas
do mar jamais invadem. — in-
consciente.

Por isso, quando ~~de~~ ^{me}
me disse:
— Minha mãe é mor-

ta. Desde muito tempo; não me lem-
bro dela,

senti por ele uma súbita
simpatia que, no entanto, me man-
teve em silêncio e o obrigou a acen-
tear:

— Para muitos perder a
mãe significa pouco. O senhor já
viu uma bússola com a agulha
trêmula em direção do Norte? Quan-
do se para um ímã ao redor
dela a agulha enlouquece, gira — per-
dida, completamente perdida, como
a alguém de quem se tira a fé. Pois
para muitos a mãe é essa espí-
cie de fé.

É a Paron de falar. E em sua
presença me vieram essas angústias
todas e aqui Celeste dizendo: "Não
deus proceder mal, tua mãe está
te vendo, e chora." Então eu a via
envolta numa grande nuvem, em
olhando as lágrimas com ela.

Sim, justamente uma fé, como
um Deus do qual nascemos.
E me arrependia de haver-la
feito chorar e sentia uma gran-
de opressão que só passaria quan-
do eu também chorasse. Celeste
me abraçava e eu escondia o
rosto em seu vestido, soluçando
de encontro a seu corpo quente.
"Não chora mais; já te perderei",
dizia, e eu sabia que era certo,
por isso ia brincar de novo.

— ... ^{igual a} ~~uma~~ semente,
estava ele falando.

— Talvez fosse melhor,
continuar, que mãe fosse assim
como uma semente que para dar
a luz deve morrer.

— Porque?

— Porque... enfim, se
por natureza se faz assim o fato
dessa maneira...

E sem completar a fra-

9
se debriçava-se à janela e ficava
vendo as penas passarem na rua
e as sombras das árvores no chão.

Um nome estranho.

— Como foi que se
formou teu nome?

— Dircen, de um avô,
Memino, de meu padrinho, explicou
sem se voltar e como se estivesse
acostumado a repetir a todos.

— Dircen Memino do
Rosário, falei lentamente.

Então deixou a janela
e aproximou-se da mesa:

— Apenas um nome,
como o teu é Otaniel. Talvez? pen-
sei que não conhecêsseis ainda meu
nome — acontece às vezes, não é?,
que falamos a uma pessoa e
nos esquecemos até de que tenha
esse conjunto de letras que quando
pronunciado produz logo a ima-
gem do conhecido. Assim pensei

porque somente hoje é que fizemos
essa pergunta que todos me fa-
zem no primeiro instante. E
confesso que começava a me cho-
car essa indiferença — pelo há-
bito adquirido ~~de~~ explicar, como
se diz: "fazer em conhecê-lo."

Sorrimos então, e
fomos ambos para a panela. O
céu cobria-se de nuvens e as árvo-
res não projetavam mais som-
bras. Preparava-se uma chuva forte
de verão, as folhas paradas e o
calor sufocante.

Dizem Meninos acen-
dem um cigarro e soltam o fósforo
que cair acende na soleira da
panela. A chama enfraquece
aos poucos e ao apagar-se soltam
um tufo de fumaça azulada,
insperadamente. Assim me pa-
recer que estava o tempo: de um
momento para outro se desman-

chavam as nuvens em chuva.

Foi por tudo que dinamos
nesta tarde que começamos a nos co-
nhecer, pois só se conhece alguém
quando se sabe o que lhe é sagrado
e o que lhe comove o coração.

I

Desesperaria poder ~~per~~ conservar
 sempre junto a mim as pessoas de
 quem gosto. Custa-me aceitar a
 separação de alguém que me impres-
 sionou, e a quem, por isso, fiz con-
 fidiências. Tento sempre reaprosi-
 mar-me, ^{marcar} ~~ter~~ novos encontros, con-
 versar, ou simplesmente saber
 que aí estão e que, quando for
 preciso, saberão me ouvir, e tal-
 vez ^{sintam} ~~também~~ prazer em fazê-lo.
 Muitas vezes me prendo a estudar
 esse sentimento: estudo para sa-
 ber se não será por fulgor que
 sua ausência me prejudica, uma
 vez que conhece parte de mim e
 que, dessa forma, é como se partici-
 passe de minha própria existên-
 cia. É desagradável reconhecer

I

Desejaria poder ~~per~~ conservar
 sempre junto a mim as pessoas de
 quem gosto. Custa-me aceitar a
 separação de alguém que me impres-
 sionou, e a quem, por isso, fiz con-
 fidências. Tento sempre reaproxi-
 mar-me, ^{marcar} ~~ter~~ novos encontros, con-
 versar, ou simplesmente saber
 que aí estão e que, quando for
 preciso, saberão me ouvir, e tal-
 vez ^{sentirão} ~~tenham~~ prazer em fazê-lo.
 Muitas vezes me prendo a estudar
 esse sentimento: estudo para sa-
 ber se não será por fulgor que
 sua ausência me prejudica, uma
 vez que conhece parte de mim e
 que, dessa forma, é como se partici-
 passe de minha própria existên-
 cia. É desagradável reconhecer

em si um mau sentimento; principalmente quando não separamos com uma descoberta. Pois o homem geralmente sabe aonde está o mal, mas nem sempre consegue livrar-se dele. Pode mesmo chegar a apreciar sua presença enquanto não seja conhecido de outros; pois também é certo que existe um secreto prazer em ludibriar uma pessoa — momentaneamente quando não a prejudicamos com isso. Assim, tento afastar a ideia de que seja por egoísmo que não me apadeço separar-me dos que me são caros. Creio melhor que é pela dificuldade que tenho em fazer amigos. Espero que me procurem, e talvez as oportunidades de aproximação se postem, de minha e da outra parte, numa indecisão pelo primeiro passo. Mas também com

15
~~fazendo que~~, é, pois, tendo em mente essa dificuldade, que sofro realmente ao perceber que a distância vai substituir uma presença. Assim para um verdadeiro amigo, assim no caso de um amor que se vai. Restam as cartas. Mas como são insuficientes, quando se percebe que nada mais fazem senão retardar o final. Soam como palavras de médicos preparando um coração de mãe para a notícia de que seu filho morrerá. Há quem prefira enganar-se — ver uma a uma caírem as folhas de platano, ao em vez de, ao acordar-se, perceber que a árvore palpitante de verde na véspera amanheceu envelhecida; quanto a mim, preferiria uma dor intensa e única. No entanto, existem sempre recordações involuntárias que iluminam esses

recantos de sombra que seria me-
lhor permanecerem ocultos. E
quando nos encontramos acen-
dendo estrelas, fuzos, e com nos-
sas próprias mãos, e lançando-
as nos compartimentos cuja
chave pretendíamos haver bem
escondido e que, não obstante,
não entregamos a ninguém
com medo de que a percam pa-
ra sempre! Assim para um
amigo de infância, assim pa-
ra um amor de adolescência:
queremos e não queremos esque-
ci-los, porque nossa existência
presente é completada pela
presença indelével do passado
que cultuamos nos recantos al-
tíssimos que solidamente edifica-
mos dentro de nós e que, por-
isso, nos acompanharão até nos-
so próprio fim.

Todos esses pensamentos

17
to me surpreendem ao ter uma
carta na mão. De repente, foi
como se meu quarto me cerrasse
completamente as portas ao mun-
do exterior e ficasse repleto das
ruas e das casas e das pessoas
que se prendem aos fatos que re-
cordo. Por quanto tempo? Iguar-
do se por segundos, por minutos,
minutos, mais de uma hora;
há recordações para as quais o tem-
po não tem significação; para, de-
saparece, e, pochados em nós mes-
mos, nada mais nos interessa
além de retirar do passado tudo
o que possa ter ficado oculto em
certos gestos, nas meias palavras,
e que agora tão claramente vêm
revelar o que então nos parecia
enigma. É maravilhoso que uma
carta tenha esse estranho poder!
Revelar-nos, assim inesperadamen-
te, toda uma longa experiência

de vida, e trazer para novas mãos,
sob o contato do papel de seda
em que estão escritas essas pa-
lavras, com poder de fadas, tra-
zer-nos as algas coloridas de
um arrebatamento passado, de
um sentimento profundo que
se espalhou, como o sangue
se espalha, por todos os pontos
de novo ser.

Agora, depois de reler
a carta de meu amigo — meu
amigo cuja intimidade vai-
-se desmanchando pela distância,
pela ausência, e pelos diferentes ca-
minhos sentimentais que adotamos;
dele que somente tanto tempo
após vem conhecer pessoalmente
Hildegard, embora saberei
perfeitamente como era; e que
diretamente atreu em muitos
acontecimentos de então, — co-
meço a ordenar os fatos e a

19
escrevê-los na intenção de reen-
contrar ~~esse~~ sentimento que ~~de~~
Hildegard soube despertar em mim,
com sua aproximação, e que
se tem esvaído quasi totalmen-
te desde que partiu, sendo sub-
stituído, aos poucos, por um estado
muito próximo da solidão, do
isolamento, da ingratidão para
com o mundo. Não devo eu, no
entanto, ser grato à vida por essa
experiência que me concedeu?

Os dias, em geral, apre-
sentam algo de novo e diferente,
um em relação ao outro. Muitas
vezes, o que sucede de noite, ou
de tarde, transfigura completa-
mente o dia e, voltados para o
conjunto de horas que o compõem,
concluímos que uma preparou
a hora seguinte e que em re-

ningum outro dia poderia ter-se
pensado o que ocorreu. Talvez seja
porque, inundados por todas as
sensações nascidas daí, encon-
tramos pressúncios até mesmo am-
de não existem, com o fim de
valorizar mais e mais o aconte-
cimento. Não te acontece, por
vezes, quando se para algo fora
do comum perto de ti, digers:
"Eu sabia!" ou "Não te disse?", en-
bora nada tenhas dito ou pen-
sado sobre isso? Reis que é tam-
bem por não agradecer ao homem
reconhecer-se ignorante, ou sur-
preendido por algo. Assim, ao
me lembrar de tudo o que me
ligou a Hildegard, sou leva-
do a procurar, desde o momen-
to em que a conheci, sinais
do que viriam a ser novas re-
leções. Mas nem sempre en-
contro a interdependência dos

21
fatos. Quando me foi apresentada,
por exemplo:

— Muito prazer. Hildegard.
fa' envi falar em você, — me
disse ela, e sorriu.

— Também eu: que a se-
nhora mora no último andar
e que é pintora.

— Mãe pintora, certamente.

— Não; por certo não pode-
rão dizer isto.

Lembro-me de que era agosto,
um sábado. Sai da Escola e atra-
vessi o Parque da Redenção, fa' um
tanto obscurecido pelo crepúsculo.
Entrei pela Rua Santo Antonio,
como sempre, e enquanto a per-
longava ia pensando em mim,
em minhas irmãs, e na noite
que chegaria em breve e da qual
eu poderia dispor integralmente,
por ser a única da semana que
me pertencia, mas para a qual

não fazia bons prognósticos: pois era quasi sempre igual: esperava-a ansiosamente para vê-la transcorrer pobre e triste como as demais. Depois, meu itinerário exigia que eu tornasse a conhecida Independência, uma quadra da Faribaldi e finalmente a Rua Bistovan Colombo, aonde fica situada a casa que me recebia com bastante carinho, que eu valorizava ao extremo, sentindo nos meus dezeto anos de então reflexos de uma infância sofrida e mal terminada.

Helga me abriu a porta. Era loura e de belos olhos azuis, que sorriam muito antes dos lábios se entreabrirem. Correu para o piano, de onde saiu para me atender, e recomeçou a estudar, escondendo o rosto nos

cabelos.

— Estas na sala de jantar, disse. Sem demora termino a lição e iremos ao cinema.

O casal ainda se achava à mesa. E, de costas para a porta por onde entrei, havia uma terceira pessoa cuja cabeleira loura não me era conhecida.

— Um amigo da família, apresentou-me o pai de Helga.

— Nosso filho mais velho, acrescentou carinhosamente dona Ida. Breve troca de palavras e assim ~~Donna~~ conheci Hildegard. Falamos depois sobre meus estudos, perguntaram-me pelos irmãos, se tinha tido notícias, até que, com a chegada de Helga, a palavra ficou quasi que totalmente tomada por ela, contando uma festa que houvera naquele dia no finásio. Era muito viva e seus olhos bri-

chavam intencionalmente as descobertas
que todos se calavam para a
escutar. As mãos deixavam as
caídas e imóveis, mas a cabeça
não parava de se mover, e eu
portava de admirar os belos re-
flectos dourados que fulguravam
em seus cabelos. Outras vezes
Helga era triste. Então suas
faces apareciam decoradas e os
olhos pareciam duas flores azuis
que começavam a murchar. A
casa toda ficava em silêncio
e eu não portava menos dela por-
to: é que minha amiguinha
falava de um modo diferente co-
migo:

— Enten li Schiller e
me deixei levar pela poesia. Não
compreendo muito bem, mas é
como se alguém falasse comigo.
É pena que não compreenda, al-
mas para lermos juntos.

25
Pouco mais dizia. Não me
recitava os versos, nem me mos-
trava o livro, mas ficávamos um
em presença do outro, em silêncio,
como duas penas que folheiam
tranquilamente um álbum de gra-
vuras que tocam a ambos da mes-
ma forma.

Mas numa noite de sábado
ela estava alegre e todos alegres
saímos para ir ao cinema. Hil-
degard acompanhou-nos, sentou-
se ao lado de dona Ida, e reti-
rou-se antes de concluir o filme,
o que verificarei somente ao fim
da sessão.

De regresso à Groda, tentei
lembrar os traços fisionômicos da
pintora mas não consegui re-
mê-los. Apenas me ficava, na
mão, a forte pressão de seus de-
dos comprimindo os meus; e
na retina a lembrança da cabe-

leira louca que vi ao entrar: era, portanto, como uma figura de segundo plano aparecendo em um quadro a óleo e para a qual não precisamos imaginar um rosto, posto que nunca modificará sua posição. Nada mais, de particular. Talvez apenas o desejo de subir, — não recordo se me convidou — e no último andar apreciar seus trabalhos, o que seria muito natural.

É ainda era noite me pegou como as panadas, em que uma leve angústia me abraçava e me dizia que a vida não queria atender meus anseios, — que talvez não os compreendesse; que ela me procurasse melhor, e sem descanso.

II

Relato a carta de meu amigo:

"Sim, — escreve ele — visitei Hildegard. Meu amigo telefonou-me perguntando se queria ver uma exposição que ela fazia em sua casa. É claro que aceitei. Cheguei lá, casa perto da Lagoa, (se não me engano é a que conheço) e me abracei. A abertura foi à tarde e eram já oito horas da noite. Ela estava só em casa com uma sobrinha. Receberam-nos tapada de preto, com adereços por ela fabricados, muito elegante e envelhecidos. Rugs no pescoço, no canto dos olhos e na testa. Era exposição de cerâmica, aliás maravilhosa. Demos pareceres sobre possíveis tendências de inspiração, discutimos estética e o raciocínio da luz. Palavras animadas, aventurei-me a

declarar que satisfazia, conhecendo-a, um desejo muito antigo. Que dois amigos meus falavam muito nela: um, fulanoirio de Moura, que era ali seu conterrâneo (de quem não se recordam), e tu. Disse que se lembrava e quasi monelapando: — Como o tempo passa! com tal união romântica que não lhe cair bem sobre as rugas. Passamos a outra sala — a que tem uma escada para o primeiro andar, aonde apresentei-a tal sobrinha, uma típica alemãzinha, envelhecida e tímida, a quem disse:

— Dois amigos do Dugelo. Ao que a coitadinha, super-domesticada, respondeu: — Ah! sim, ele me falou nos senhores. Continuamos falando sobre arte e artistas, acontecimen-

29
tos artísticos de sua vida. Ah! tantas apanhou um aparelho de chá muito sóbrio, cinza, que estava em exposição, deu uma xícara a cada um e foi à cozinha. Voltou com chá e bolo. Começamos e comersamos numa intimidade que me comoveu. Falei de amigos que postariam de seus trabalhos, dos quais ela pediu para levar à sua casa o pintor Ismael-vitch e o maestro Walter Schults Porto Alegre. Falei de seus projetos e mostrei os planos para um grande agulheiro que lhe pediram, de Minas, sobre Tiradentes, para uma escola pública. Realmente belo e original, sem a crueza de forças nem esgaratizados, próprio para a contemplação de crianças, numa bela exaltação da liberdade so-

nhada pelo herói. Há dez horas
despedi-me cheio de simpatia
e inteiramente conquistado.
Não voltei mais lá."

Deixa mesma casa, jun-
to à Lagoa Rodrigo de Freitas, com
escadaria na segunda sala pa-
ra o primeiro andar, despedi-
me ~~de~~ de Hildegard para
não mais voltar. Em tudo o
que descreve reconhecemos minha
amiga, acompanho-os pela ca-
sa, bebo chá nesse aparelho cui-
zento da exposição, mas não
creio que esteja tão envelheci-
da como ele insiste em dizer.
Preciso também confessar que
um estranho prazer me domi-
nou ao ler que se lembrava de
minha ao enviar meu nome,
que o repetiu a ela sobrinha
que desconhecemos, e pelas ~~as~~ pa-
lavras: "Como para o tempo!" um

31
que apercebo recordando as mes-
mas cenas que me passaram apa-
ra pela lembrança. Também
me é grato verificar que Nel-
son gostou de seus trabalhos: a
maneira como fala dele me en-
ternece e me põe em presença
de seu atelier à Rua Cristovam
Colombo, as paredes cheias de te-
las, o cheio de tinta e de barro.

Mas preciso pôr ^{meu} ordem
nos meus pensamentos! Não
sempre o começo e o fim de uma
história contém o que de me-
lhor e mais profundo existe ne-
la. E, mesmo, quem poderá afir-
mar que Hildegard não vol-
tará a habitar minha ansie-
dade, não chegará perto de
minha com o largo sorriso es-
pontâneo e o forte aperto de
mão — acostumada a traba-
lhar a argila para esculpir?

Talvez um dia em que eu es-
tá recordando algum episó-
dio, e escrevendo-o neste cadern-
o, ele apareça... e tudo se trans-
forme, em tudo que dizer: "Sem-
pre tive a certeza de que ia acon-
tecer precisamente assim."

Por enquanto, lembro-me
que dona Lda me disse, algum
tempo depois do primeiro encon-
tro:

— Hildebrand pediu-me que
te falasse. Manda perguntar se
podes posar para ela; quer fazer
qualquer coisa, não sei bem
o que; se um retrato, um busto.

Fiquei surpreso, e não so-
mente surpreso: pensamentos e
sentimentos, os mais diversos, apo-
saram-se de mim, e nada res-
pondi. Agora, tentando dar no-
me a todas essas sensações, penso
descobrir que havia um misto

33

de vaidade, receio, vergonha, curio-
sidade, e que, embora o primeiro
impulso tenha sido o de fugir,
desaparecer, a atitude final
seria aceitar o convite, mes-
mo com orgulho. Dona Lda
não esperou resposta, por não
conceder importância alguma
ao fato, e entregou-se ao tra-
balho que executava sem per-
ceber ~~coisa~~ nada de nenhuma
agitação interior. No entanto,
Helga me observava e disse:

— Não vi se já che-
gar. Costuma vir tarde do Ins-
tituto. Mas se quizeres subir...

— Não, respondi. Hoje
tenho pouco tempo... vou dei-
xar para sábado. Além, não sei
se aceitarei: será um compo-
ninho a mais e tenho a vida
~~bastante~~ bastante sacrificada para
me superitar a isso.

Em argumento tranquili-
zou-me por algum tempo, mas
ao me despedir e passar próximo
à escada que conduzia ao atelier,
fui novamente dominado por
tudo quanto me trouxera a no-
ticia, e completei o itinerário de
volta à Escola um tanto incon-
ciente, sem poder imaginar pre-
cisamente o que Hildegard pode-
ria solicitar de mim. Então, fren-
te ao espelho do banheiro, um
~~pequeno~~ ^{pequeno} ~~espelho~~ ^{espelho} encaixado de meu pes-
to, comecei o olhar demora-da-
mente os ângulos de minha
face, o formato do rosto, dos
olhos, da boca; a maneira co-
mo penteava os cabelos — a fim
de descobrir onde poderia iden-
tificar o que ela descobrira de
inovador e digno de ser aprecia-
do e registrado numa obra de
arte. De repente, veio-me à lem-

35
brança que dona Lda falara em
busto e me dispus a retirar a
túnica e a camisa para exa-
minar o torso. Mas sem o
sinal para descer e afastei-me
do espelho, levando em mi-
nha frente ~~ainda~~ a imagem
de meus olhos, imensamente
tristes, como se fossem de outra
pessoa que eu jamais vira an-
tes desse momento.

Na sala de estudos en-
contrei Nelson sentado, o rosto
entre as mãos, olhando absorto
para o gracho negro onde um
boneco mal desenhado fazia
um gesto obscuro. Pentei-me,
falamos qualquer coisa sem
importância, e procurei meus
livros para estudar, mas não
consegui fixar a atenção no
assunto. Olhei ^{para} meu amigo,
e invitei-me com o pensamen-

to de que não poderia deixar de
contar-lhe o que se passara. Mas
decidi não o fazer naquela noite:
seria somente depois que eu
houvesse ~~decidido~~ resolvido aceitar
ou não o convite; depois de en-
trar em contacto com Hildebrand
e saber o que desepara de mim
por que me abonecia a ideia de
que Nelson pudesse já ter vivi-
do uma experiência ^{idêntica} ~~desse~~, e
contar-me tudo, esclarecer-me,
tirando-me, dessa forma, o prazer
que eu sentia em descobrir por
mim mesmo. Agora ele escre-
via qualquer coisa numa fo-
lha anancada ao caderno. Es-
morei os olhos ~~sobre~~ em seu
perfil, mas dentro em pouco
era meu próprio perfil que
eu percebia ~~no~~ ~~se~~ recortado
sobre o dele, e quando articu-
lar alguma palavra para

37
si, percebi seus lábios em desor-
denia completa com o formato
do queixo e do nariz, — mas
não pude concluir que fosse sub-
gar aquela cabeça; pelo contrá-
rio, percebia traços tão mar-
cantes que era comum ver-se
a caricatura de Nelson no
quadro negro. "Será então ridi-
culo?" — pensei. Mas, nesse ins-
tante voltou-se para mim e
falou:

— Também não consigo
estudar. Recibi carta de casa e
contam tanta coisa — compra-
ram um barco! — ~~que~~ e me
dá vontade de ir embora.

Porri, por não encontrar
nada a dizer, e temi que meu
amigo pudesse descobrir meus pen-
samentos. Inspeci-me debs, e
observei que o olhar de Nelson
era tão limpo e sincero que

resolvi alimentá-la a conversa e
dar-lhe oportunidade de contar
tudo o que sabia de casa.
Mas, ao falar novamente no
barco, e ao sonhar como pre-
tendia aprimeitá-lo no mar,
recebendo o sol e o vento no
corpo semi-nu, Hildegarde
voltou a dedilhar o meu pen-
samento...

Diário

Março 10. - (continuação)

Esta terceira parte, com ser a última e onde tudo deverá ser resolvido, parece uma, das mais importantes e grandiosas, de toda a obra de Dostoiévsky. Ainda nela aparecem personagens que foram apenas citados no decorrer do romance, e que surgem para iluminar novas faces das criaturas atormentadas e mostrar do que são capazes, como acontece com o aparecimento de Maria Ignatievna na convivência de Chator, e da vendedora de biblias que acompanhará os últimos dias de Stefan Trofimovich. O aparecimento de Maria, o nascimento da criança, a reconciliação com Chator, tudo isso cria um novo interesse por ele e por seu destino. Sendo assim, a partida de Chator para a sua partida

morte, quando foi alguma pessoa.
por reconhecer o desnecessário do
sacrifício em virtude do novo sa-
lvo de sua vida, faz navega em
nos a esperança e a desce de que
não seja assassinado. Mas

Verbovich, e por demorão, e de-
monio mais autêntico do livro, e
que por isso mesmo, continua vol-
ta pelo mundo, este é implacável
e não volta atrás na sua decisão.

Quas pandiosa, os os que
decomem da entrevista de Verbo-
vich e Kirilov, que precedem o
suicídio de último. Primeiro esse
maravilhoso diálogo, para, depois
concluir com o medo de Verbo-
vich de se enganado e anomi-
nado. Mas Kirilov queria posicionar
se até de liberdade inteiramente
se a livre de qualquer pressão: assim,
espera que o outro se afaste, força mes-
mo o outro a partir — a sair para

na, tão densa e perfeita que nos ab-
sorvem completamente.

41
Kirilov é um deente de Deus.
Nos entrevistas anteriores, ele sempre
aborda este tema. Aqui ele é ex-
põe completamente. "Deus é impres-
cindible, y por eso, tiene que existir".
"Pero yo sé que no hay Dios ni puede
haberlo". "¿Y no comprendes que un hom-
bre que tiene dos ideas semejantes no
puede seguir viviendo?". Vai além: "El
hombre solo inventa a Dios para vivir
sin suicidarse". E depois, a interpre-
tação que dá a morte de Cristo (1395 col. 2),
segundo a qual ele "morreu por uma
mentira". (Nena mesma interpreta-
ção pareceu o alto valor que Kirilov
— ou Dostoiévsky — concede ao Cristo:
"aquele homem estava por salvar a to-
da la Terra, constitua todo lo que man-
da la pena de vivir por él. Todo lo planeta
con todo lo que contiene, sin ese hom-
bre... una forma" foi antes. Chato.

cita a Stavroguin estas palavras que
dizera uma vez: "Pois, e não me
decia antes que o matemático
mente se demonstrasse que a ver-
dade existia fora de Cristo, prefe-
ria quedarse com Cristo a irar
com a verdade?" (Parte II, Cap. I, pag.
1166-col.1).

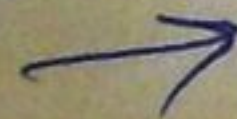
Isa de outro sentido, no
que se refere a Deus, remete-se o
fim de Stepan Trofimovich que
reconhece que "la ley toda de
la vida del hombre se reduce a
que el hombre pueda ir alimen-
te siempre ante lo infinitamen-
te grande", e que para viver-se
de uma ilimitada ternura e
alegria, basta a ideia de que exis-
te algo incomparavelmente mais
bom e feliz do que ele.

Ham A

Quasi todos os personagens
de Dostoiévsky têm a consciên-
cia de seus crimes e do mal que

45
sua existência pode acarretar aos
outros. São seres atormentados e perse-
guidos pelo mal. Stavroguin confessa
a Daria Pavlovna, em carta, que é
"capaz de querer fazer algo bom e sen-
tir prazer nisso, mas também deseja
o mal e também nele sente satisfa-
ção." (1430 col.2) Ele tem um sentimen-
to de culpa e procura de alguma
forma a purga de consciência, como
os personagens de Ibsen. Assim, pois,
Stavroguin não quer ser perdoado por
Lianzeta, e esta diz a Mavrikii: "no
me perdono; estou deshonrada!" Kirilov
suicida-se, em parte, por reconhecer-se
um canalha, como diz-se a pag. 1394-col.2.
Kirilov, suicidando-se, demonstra penen-
sidade, encena Stavroguin (1431 col.1). E,
por fim, qual o motivo essencial do
suicídio de Stavroguin, senão o seu sen-
timento de culpa? culpa perante
Deus e seus semelhantes?

Antes de encerrar estas no-



tos, ainda quero notar a maneira
carinhosa como Dostoiévsky fala
de Eikel, um dos revolucionários. É
uma nota que dá uma realidade
de fantástica à novela. Como se
fosse uma pessoa que realmente
existiu — talvez um dos "revolu-
cionários" do tempo em que o
autor foi preso? Diz, por exemplo,
desejando, que "era muy guapito
y parecia inteligente", que tinha
seus mãos doente e quem rece-
bia metade de seu soldo. E acres-
centa em palavras tão ternas:
"¡y cómo seguramente besaría ella
aquella pobre cabeza rubia, cómo
temblaría por ella, cómo por ella
reparia! Me estiendo tanto acerca
de él porque me daba mucha lós-
tina" (III cap. IV pag. 134P) Mais tarde vol-
ta a falar nele, quando do ju-
ramento. Diz que dificilmente
poderei ser atenuada sua falta,

47
mas que, não obstante, até nos pruz,
mais severos despertava simpatia....
"por su juventud, su desamparo, la
prueba palmaria de que no es más
que la fanática víctima de un seduc-
tor político". E volta a falar em
sua mãe, a quem manda metade
de seu escasso soldo, e que agora
vive implorando a clemência dos
pruz. As últimas palavras sobre
ele: "No sé qui será, pero a Eikel
son muchos los que entre nosotros lo
compadecen".

Marco 20.-

Tenho andado perpetuamen-
te atarantado com a preparação da via-
gem. Espero poder, mais tarde, descrever
detalhadamente todos "estes dias tumbul-
tosos".

Outil 2.-

A duras provas me tem
superficialidade o destino, nos dias que
passam. Muitas vezes penso que
o homem não pode resistir a
todos estes combates sem que fi-
que profundamente marcado;
e espero mesmo que assim seja,
pois todas as preocupações, a lu-
ta constante contra a adversida-
de, senão perfeitamente inútil
se não deixasse uma grande
marca servindo de ensino e
lembrança para os dias futuros.

Continuo em Porto Alegre.
No entanto, já era para eu estar
muito longe, e desejo seguir o
meu bem pessoal deste cenário
para ver se consigo tranquilizar
meu espírito, dar nova orienta-
ção a minha vida, espalhar nova
espécie de raízes, ser mais pro-
dente e menos apaixonada, mais

razoável, menos ensado e teme-
rário para com o absurdo.

Nunca compreendi ou
escutei melhor a existência de
um estranho poder superior como
agora, quando minhas menores
e mais insignificantes inten-
ções são anuladas. Fostaria de
esperar as causas de toda essa
angústia, de todas as preocupações
atuais; de justificar a própria
palavra, que escrevo, — mas sei
perfeitamente que somente quem
efetivamente sente as difficul-
dades, quem luta contra elas,
é que pode compreender o seu al-
cançe. No entanto, desde outu-
|| bro venho lutando em todos os
setores, empunhando o melhor de
minha lucidez e inteligência
para sobreviver. C se eu fosse so-
lhado estaria bastante simplifi-
cado, mas, há entes que de-

pendem de mim, e eu mesmo
tenho de dar satisfações às
diversas correntes que se formam
e se debatem dentro de mim.

Com a minha trans-
ferência, nasceram problemas
tão grandes que ainda não pu-
deram ser selecionados e solu-
cionados. Se fossem todos de or-
dem material, nada significar-
iam; mas o sentimento en-
volve a todos, e até que se
conseguam afastar todos os
complicados camadas de tec-
do sentimental para se atin-
gir o ponto material da questão,
muito sangue se perde, e mu-
to tecido se inflama.

Parece uma coisa sim-
ples: levar Ruth consigo e deixar
Celeste e crianças em Porto Ple-
ge. Mas porque levar uma e
deixar os outros, para onde levar

uma e como deixar os outros já
apresenta dificuldades. É o con-
flito que nasce de todas essas re-
soluções?

Vejo como parece até certo
ponto ridículo dizer tanta coisa
por uma situação tão facilmen-
te exposta. Por outro lado, não
estou suficientemente calmo
para fazer uma "exposição de mo-
tivos". Creio que tudo é por de-
mais recente, principalmente o
que se tem passado nestas duas
últimas semanas, para que possa
ser convenientemente exposto.
Quando se presena uma tempesta-
de, não se pode comentá-la com
clareza e perfeição enquanto se
agiganta: pode-se, tão somente,
anotar os fatos, os principais fatos,
para depois, com calma e reflexão,
estudá-los com a devida tradio-
te, fazendo uma reconposição. É

o que devo fazer.
Pensei, no entanto, e des-
de já, dizer que nunca meu
amor próprio e orgulho, mi-
nha inteligência e crença
em mim e nos outros, fossem tão
indolentemente sacrificadas, es-
poliadas, humilhadas. Mas,
e aí reside minha maior e
mais cara esperança, espero
vencer tudo isso e me for-
talecer com a luta, sem me
desprezar nem me deixar
abatido. É a vida ativa pela
sobrevivência de minha perso-
nalidade tal qual é. Pensei
o que sou e não o que deparar-
me sei. Ou então, e também:
"Sabemos o que somos, mas não sa-
bemos o que podemos ser".

53
Minas Gerais
Juiz de Fora
Abril, 16. -

Embarquei em Porto Alegre, sába-
do, dia 5 do corrente, com Ruth, por
avião. Estive no Rio até segunda-
-feira, quando segui para meu
novo destino.

Cheguei cerca das 18.00 horas
do dia 14. Chovia e anoitecia. Não
é agradável chegar-se a lugar
algun, e principalmente a uma
cidade desconhecida, de noite...
e com chuva. Um carro levou-
-me a uma pensão que me foi re-
comendada. Não havia lugar. Ao
voltar ao automóvel, percebi que o
motorista havia descarregado a ba-
ragem que teve de ser repostada na
mala do carro. Pedi, então, que me
levasse a um hotel do centro, e
levou-me ao São Luiz, na rua
Halsted. Se refiro estes mínimos

detalhes e para chegar a um ponto particularmente interessante de minha chegada: ao descer do auto notei sobre o banco traseiro, na parte superior do encosto, um vidro de locação que me pertencia.

— Parece o meu vidro de locação, disse eu.

— Não, já estava aí antes do senhor chegar, falou o motorista, e continuou a retirar a bagagem.

Examinei melhor o vidro, com o olhar, e certifiquei-me de que não podia deixar de ser meu; por certo ele retirara da mala, que não tem chave, em frente à pensão, enquanto eu falava com a proprietária.

— Tem que ser a minha locação, falei novamente, mas sem convicção.

— Não é, foi alguém que

esqueceu aí. Tem também um ^{maço} rolo de papel que não sei de quem é — acrescentar o "chauffeur".

— Mas o carro não é seu? como é que não sabe de quem é o que tem dentro dele?

— O carro é meu, sim.

— Quanto é que lhe deve?

E paparei o que pediram e entrei para o hotel sem ter feito absolutamente nada contra o roubo, e sem ver o número do carro, (coisa que pensei fazer). No quarto abri rapidamente a valise e verifiquei, com certa alegria, que não tirara meu relógio despertador nem nada mais de valor que lá havia. Repeti várias vezes, em voz alta: "Mas que coisa absurda!", e foi só. Depois então, mais empenhado, como se todosoubessem e fossem me chamar de "trouxa", recondi toda a rapí-

da cena sob a chuva e o alvoroço da chegada, imaginei diálogos, discursos, polícia, etc. e fui fantar conformado com tudo. (Devo dizer que várias vezes tem-me acontecido fatos dessa natureza, em que prefiro ser prejudicado a tomar uma atitude enérgica que estaria, não obstante, plenamente justificada).

A chuva parou depois do fantar e saí para ver a cidade. Muita gente na rua principal, cinemas, bares, leteiros luminosos, enfim, tudo o que caracteriza uma cidade. Depois um parque-jardim, cujo particular, bem interessante, são os sapos construindo um edifício invisível dentro das águas. Mas, aos poucos, foi-me dominando uma terrível sensação de isolamento e solidão. Resolvi

57
pegar um bonde para reconhecer o quartel-general e meu novo quartel. Mas não quis perguntar a ninguém qual bonde deveria tomar. É o que tomei levou-me para lá. Um carro pequeno e velho, como os de Natal, com outra característica: sanefas horizontais para os para-brisas do estibo não se molharem com a chuva. Custava muito a chegar o quartel, mas de repente vi qualquer coisa à esquerda, mal iluminado, que deveria ser. Desci e me aproximei. Minha desolação aumentou pelo aspecto lúgubre, pela escuridão, e voltei tão entristecido para o hotel que me parecia não suportar por muito tempo uma crise de pranto. Pensei em Porto Alegre e desfei estar lá no meu apartamento, com meus irmãos. Talvez a maior angústia tenha nascido dessa pergun-

ta: — afinal, o que vim fazer a-
qui? até quando viverei assim, de
um lado para outro? e porque tu-
do isso?

Dia 15 foi um dia melhor.
Fui de Fora de dia e mais agra-
dável, tem mais vida, mais calor,
mais amizade. Cumprí minhas
formalidades militares e, de tar-
de, procurei um quarto para morar.
Fiquei com o primeiro que vi, Rui,
Rua Fonseca Herms, 144, (o extra-
nho é que me parece deveria ser
Herms da Fonseca) porque o casal,
do Porto Alegre, fez tudo para que
eu ficasse. De noite fiz uma
visita a um oficial com quem
sevi em Casbis, e esse contato
com sua família me fez muito
bem.

59
Hoje instalei-me no quarto
n.º 212, e é aqui que escrevo mi-
nhas primeiras palavras e impres-
sões de fugir de Fôia. Na parede,
a Madalena de El Peco, no guar-
da-roupa, um guarda-roupa enor-
me, vindo da Alemanha, alguns
de meus livros, alguns dos mais
caros: obras completas de Dostoié-
vsky, Shakespeare e Cervantes, as
do segundo especialmente caras
por terem sido dedicadas a mim
por meus alunos, na despedida, com
dedicatória e assinaturas de todos.
Os outros ainda encaixetados —
mas, a certeza de que não se re-
travaram!

Muito pouco de tranquilida-
de. Mas, é ainda tudo tão vago.
É sobretudo um sentimento tão
grande de insegurança... de deso-
lação. Esse pouco de tranquilidade
dilui-se completamente em certos

momentos, e então me "desespero
celmo", que tão bem conheço, se
apodera de mim, me sacode
de um lado para o outro em
busca de uma esperança qual-
quer e me deixa completa-
mente atordoado e desiludido.

Ab. 18 -

Estou só. Não tenho
absolutamente ninguém com quem
pouco falar sobre os assuntos que
me interessam. Ontem de noite
encontrei alguns colegas de turma.
Assunto: futebol. Creio que atual-
mente o amigo com quem mais
gosto de falar é o P. B.; mas fi-
cou em Porto Alegre. Meu tão
caro amigo R. B. R. já não me
compreende mais; ou se o faz
quer-me transformar. F. P. S. qua-
se me lamenta e não é a mes-
ma pessoa para mim. L. V. C. só

61
me causou dano, aliando sua
inconsequência à minha in-
flexão. Mas, tudo passou, e tal-
vez ainda possa construir algo.

Naturalmente tudo o que
eu disser e pretendesse agora,
neste momento, seria inútil, pois
ainda não comencei nada de
minha nova fase. Por enquan-
to espero o passar das horas, para
amanhã enfrentar o quartel.
Há poucos minutos, antes de es-
crever este segundo período, pen-
sei que "a solidão é boa", que "é
bom eu não ter com quem falar", pois
assim talvez me dedique mais
à literatura e às coisas do espírito.
Mas, imediatamente, surgiram
duas objeções: a primeira: mi-
nhas atividades no quartel exi-
giram de mim muita força e
deixam-me tão cansado e abati-
do para essas coisas; a segun-

da: não poderei suportar por muito tempo esta solidão; em breve terei conhecimentos que me solicitarão para todos os lados, e me forçarão a revelar minha natureza!

Li "Jean Barois", e Roger Martin du Gard trouxe-me vários sentimentos que já me pertenceram. Com algumas modificações, encontro vários semelhanças entre "Jean et moi", e grandes. Deveria haver livros que trouxessem soluções para nossa vida. Mas, é que não somos iguais! nunca somos iguais! Com que orgulho deus tu escreito Jean Barois: "Como, entretanto, não me seria possível modificar o espírito do meu ensino, e como faz questão essencial de apresentar-me ante meus alunos tal qual sou, como um homem livre que se dirige a inteligências livres, não vejo outra solução senão a

63
de apresentar-lhe minha doutrina." Depois, creio que com temor, li estas linhas: "Deveria mesmo tu compreender há mais tempo que não estava no meu lugar nesse eslapio de padre, e retirar-me espontaneamente. Lamento ter-me deixado ceifar por tanto tempo." Mas, enfim, li apenas a primeira parte do livro. Vejamos qual o destino dessa consciência.

Abri. 21.-

Ontem de tarde, ao escrever para minha irmã Ruth, formulei uma imagem que talvez indique precisamente o doloroso de uma angústia. É que há poucos dias uma desesperante aflicção me dominou ao perceber que nenhuma cidade me atraía suficientemente para aí residir. Por outro lado, não é que isto sig-

nifiquem que me contento com a mudança contínua de residência. Ao contrário, isso me des-
posta, e principalmente quando significa afastamento dos meus.
Então, fiquei reduzido a uma situação verdadeiramente impossível: nem ficar, nem partir! Além, meus últimos dias de Porto Alegre foram uma espécie de martirização dessa impossibilidade: enquanto que fatos inadiáveis, que forçavam a permanecer, outros, imediatos, me obrigavam a embarcar.

Então, a imagem: uma ave de penas dilaceradas durante o voo, e a angústia de não saber como ^{agrade.} pensar, ou, meu, lirico: um homem acorrentado a uma bela coluna que se desmorona sobre si e o sistema, sem que tenha podido usar de suas fant-

65
dado para fugir.

Mas, parece agora, são imagens de natureza diversa, que se não podem confundir. A primeira é uma imagem pura de angústia verdadeira: um ser mais ou menos inconsciente, solto no espaço, e dirigindo-se, por si só, para a morte e o aniquilamento. A outra exprime a impossibilidade de ação de um ser consciente, dirigido para a morte, e desprovido de liberdade.

As duas atitudes bem verdadeiras; a segunda é, apesar de tudo, mais cômoda, pois exclui a luta ativa. — ou, por isso mesmo, será mais dolorosa? Ao homem negaram o direito de se debater, de se defender, à que concederam a possibilidade de procurar um pouco, enquanto se aniquilam suas forças. De

qualquer forma, duas ilusões.
Atitudes verdadeiras, porém ne-
gativas.

Abn. 22 -

No livro de Martin Du-
fard, a personalidade de Marc-
Elie Lucie supera a de Jean Ba-
rois. É bem mais nobre (ou or-
gultoso?) que Barois. Diz, por exem-
plo:

— "Você não fez justiça à
sua vida, Barois; e isso não é direito.
Você procurou; achem parcelas de ver-
dade; divulgue-as generosamente;
contribuiu para estirpar certos erros
e para preservar alguns, certos
que vacilavam; defendeu a justiça
com fervor comunicativo."

É ante o desânimo e des-
crença de Barois:

— "Esses homens, a quem

67

demos tudo o que nos foi possí-
vel fazer, — devem ter tido esse
mesmo desespero, devem ter ima-
ginado que seu esforço era inútil.
Basta, para ter feito boa obra, ter-
se dado, humanamente, durante
toda a vida."

Do padre Lirys, que,
apesar de si mesmo, assistiu à
conversação de Barois e concorre de
certa forma para isso, ele resu-
me o sentido de sua existência:

"Minha esperança, ela
não exige, como a sua, a abdi-
cação da razão; pelo contrário, minha
razão ampara-a. Ela me prova que
nossa vida não é um movimento
sem sentido, nem uma simples
oportunidade para sofrer, nem uma
carreira em busca da felicidade
individual; prova-me que meus
atos colaboram no grande esforço
universal; e faz-me descobrir

por toda a parte motivos para
esperar! Vêjo por toda a parte a
vida nascer da morte, a ener-
gia nascer da dor, a ciência
nascer do erro, a harmonia
nascer da desarmonia... E, em
minha mente, essas evoluções pro-
duzem-se todos os dias."

É completa esse despoimen-
to com o que diz sobre sua mor-
te: "É o último ato que me falta
realizar, para ter feito o que devia".

Realmente, uma tão
forte convicção nos pode "consolar
de todas as coisas ruins que en-
contramos pelo caminho", mas
é tão difícil aceitar isso que
nossa vida, em resumo, nada
mais é do que a colaboração
com o grande esforço universal!

Abril 24 -

Tenho-me sentido calmo, tran-
quilo, e mais em meus à vontade.
Creio que a principal responsável
por esse estado de espírito foi
uma carta recebida de Celeste, an-
te-ontem: receber uma carta
sempre me foi um consolo por
esta vida afóra, mesmo não sen-
do uma carta alegre, mas pelo
fato de terem pensado em mim
durante aquele tempo e, de cer-
ta forma, haverem recorrido a
mim. Verdade, sim, mas tam-
bem a sensação de não se estar
só e abandonado.

O que me despoja e pin-
pa de negro a solidão é, sem
sombra de dúvidas, a proximidade.
Muito desejo, mais uma vez repetido,
de evadir-se, de enfrentar a reali-
dade cá de fora. Mas talvez
seja um motivo de eterno arrepen-

dimento. Não obstante, no Rio tal
vez pare promissor. Trata-se, efi-
nal, de uma luta de consciência
tão constante e intensa que eu
não tenho o direito de prolongar.

Vejamos o dia de hoje:
não fiz absolutamente nada de
útil para mim, ou para quem quer
que seja. Fui ao quartel e voltei
dele com o desejo de permanecer
em meu quarto lendo ou escre-
vendo. E lá nada tive a fazer
que me ocupasse o tempo. Em con-
sequência, o tedio passou comi-
ço o dia inteiro pelo velho quar-
tel do 12: R.1. e esperei impacien-
tamente a hora de ir embora.

E o por é que há o que fazer.
A função que me deram, essen-
cialmente técnica, e por isso
mesmo aversa à minha manei-
ra de ser, mas para a qual eu
deveria estar apto em virtude de

71
um curso de especialização que
mal tive em Porto Alegre, essa
função exige dedicação e um
esforço que não deixo dispendir,
um pouco por ter de estudar
muito e por em dia meus conhe-
cimentos, e entretanto porque
creio que em poucos dias minha
situação militar modificar-se-á.
Mas, caso isso não se dê, terei
de enfrentar o problema, eu ver
meu amor próprio ferido.

Essas pequenas coisas
atiram muitos lutos interiores.

Abri. 30 -

Ruth parou o fim de
semana comigo. Fomos a um bai-
le, dançamos, fomos ao Parque Ma-
riano Procopio e Museu, um mu-
seu bem dotado, um castelo em
que se hospedou D. Pedro II com a
família imperial. Continuamos

Parque Redentor, com o Cristo, de onde se vê a cidade quasi toda.

Resolvi enfrentar a parte técnica de minha função, e descobri que, no fim de contas, não é tão difícil e que ainda sei bastante coisa.

Fui promovido a Capitão. Vou tentar uma transferência para o Rio.

Mais 14 -

Estive em Barbacena a 1.º e no Rio no último fim de semana. Ruth esteve novamente aqui.

Em Barbacena vi uma bela igreja em estilo barroco, de 1815. Igreja da Boa No-

te. Uma beleza! aquele azul esmaecido contrastando com o pardo das pedras das graminças. Um pequeno detalhe: o buraco da fechadura com cerca de 7 cms. Duas belas torres cilíndricas apontando o caminho do céu. - Lá vi também a Escola de Perovantica, que visitei detidamente, e uma praça com um muito interessante monumento às datas nacionais. Os versos são escritos assim 7 bro, 8 bro, 9 bro, 10 bro. É uma bela coluna fênica de cerca de 10 ms, encimada por uma grande esfera de vidro com aros de ferro. Realmente seítis.

No Rio fui ao ballet, que há muito tempo não via. Voltei um pouco aquele encantamento que experimentei no tempo passado, e houve um momento de Sulfides em que senti tal elevação espiritual como

mas sentia há bastante. Depois
fui apresentado a alguns intelec-
tuais e falaram em ler e publi-
car minhas coisas. Voltou toda
aquela serracot de 1946-48 e
fiquei de remeter para publica-
ção. Na viagem ainda pensei,
mas aqui nada procurei para
mandar. No entanto, pensa-
ra até em escrever um conto
que há algum dia vem me
perseguido. Mas um peque-
no incidente, ou acidente, de
ordem sentimental tem me
atormetado... e isso é horrível.
Antes à noite tirou-me o sono,
e hoje ainda anda aparrado co-
migo.

Jun. 13. -

Fiz manobras, transferi
residência, fui ao Rio. No entanto,
quero nada a dizer. Arrumarei

meus livros numa boa estante,
mas o que me veio foi o arrepen-
dimento de haver tanta coisa co-
migo, por ficar numa mala cheia
com os quadros, os arquivos (por-
que era ansia de carregar toda a
a minha história comigo?). Neces-
sidade de fixação, de morar defini-
tivamente em algum lugar acon-
do pudesse estabelecer uma ordem
nas coisas, embora eu partisse
por tempos levando a certeza de
que aquela terra, aquele quarto es-
tariam esperando por mim sempre.

É uma velha sensação
que toma forma numa nova ima-
gem encontrada: ser numa vela
inutilmente acesa num quarto
sem ninguém.

Noite de 15. -

C novamente em da

loroso sentimento que vai crescendo, crescendo, domina-nos todos os músculos e a alma. Depois disso, manteu-se o sorriso de sempre e as conversas de quem nada sente ou nada percebe! - O pensamento, minuto sobre minuto, fixo numa impossibilidade. Planos e planos que a inspiração constrói incessantemente, como rins. Sentimentos se desmancham as ondas na praia.

Jun. 16 -

Ainda apertar as dificuldades nascidas de minha transferência. E sou solicitado para duas situações difíceis: Ruth, no Rio, não encontra emprego, desanima-se e quer vir para aqui, na esperança de empregar-se, e talvez por sentir-se só; Celso

te, em Porto Alegre, recebe comunicação de que o apartamento foi vendido e que deve mudar-se.

Quisera não criar laços algum aqui, e fazer tudo para, o mais breve possível, ser transferido para o Rio. Isso faz com que não deseje a vinda de Ruth, mas, não sei se poderei mantê-la enquanto perdurar sua situação de desemprego.

Jun. 20 -

Quasi que diariamente a imprensa, a semi-ilusão de que amanhã haverá algo diferente que tudo modificará. No entanto, dia após dia, a monotonia de sempre, com os mesmos horários e os mesmos acontecimentos.

Antes, porém, recomencei a tradução de "La Porte Etroite", com um plano na cabeça. Mas antes

fa' nada fiz, e talvez nada mais
faça. No entanto, preciso estudar
e fazer um curso para o ma-
jorato militar.

Para que este diário se
justifique terei de escrever uma
dúzia de livros.

Jun. 25.-

Venho praguejado com a
tradução.

Jun. 26.-

Mesmo assim, traduzi
cerca de 36 páginas em 8 dias (os
capítulos III e IV). Concoen para
isso eu estar sem dinheiro. Perti
relativamente poucas dificuldades.
Mas há expressões e palavras que
não posso traduzir corretamente, por
falta de um bom dicionário.

Como é belo este capítu-

tulo quarto! De uma técnica perfei-
ta, para não falar, por exemplo, na
extrema sensibilidade de que está
cheio.

Julho 8.-

Ontem de noite estive
doente. Uma cossa ligeira, certa
indisposição do estômago. Mas,
como estou praticamente só, sem
os carinhos e cuidados de Ce-
lesti, fiquei bastante abatido,
ditei-me cedo, e como é natu-
ral, pensei que talvez não me
acordasse mais, pois imaginei
logo tratar-se de uma complica-
da congestão alimentar. Até aí
nada de mais. No entanto, quan-
do me surpreendi pensando em
minha morte, surpreendi-me
também por não perceber senti-
mento algum de tristeza por
essa partida definitiva. Agora

penso: será que foi pelo absurdo da
ideia ou porque morreram todos
os meus interesses pela vida? Fi-
quei então imensamente triste por
não estar triste. Mas o certo
é que até mesmo uma certa
alegria me visitou, porque eu
via nessa partida uma liberta-
ção total dos problemas que me
angustiam. Lamento bastante isso,
pois veio aí uma completa ne-
gação de mim mesmo.

Jul. 28. -

Creio que minha vida
nunca esteve tão descontrolada co-
mo agora. Não me sobra um cen-
tavo! não tenho reserva alguma,
não posso fazer roupas, comprar
nada, ir ao dentista, e se conti-
nuar assim não poderei pagar férias
fim de ano, e não sei que faça
como ano passado: o absurdo de

81
um empréstimo de dez mil, dois
grais sete mil para pagar, sim-
plesmente.

Este mês pouco sobrou para
minhas despesas mensais. Pois tive, além
do normal, um compromisso de mais
mil e quinhentos cruzeiros. Tive
então a ideia de calcular quanto pos-
to em cigarros. R\$ 429,00! pois fumo
três carteiros por dia. Resolvi parar por
alguns dias, a fim de ver se consigo
diminuir a dose.

Sobre cigarros, em geral há
muito o que se contar, as diversas predi-
leções, a beleza das carteiros e um sem
número de assuntos. Pois, quanto a
mim, há algumas noites encontrei
um colega e fomos beber e fumar
até de madrugada. Em dado momen-
to me disse:

- Você não é sincero, Lou.

- ?

- Nem quando fumo *esci*

é sincero. Você não fuma por prazer,
fuma por fumar.

Não sei até que ponto me
havia observado, para querer generalizar
a questão da sinceridade. Mas creio
que seu exemplo foi muito bem es-
colhido: foi fumo sujeito apenas a
um automatismo completo: aconteceu
às vezes que ainda há um cigarro
excessivo no cigarro e, já esquecido,
acende outro.

O fato de fumar três carteiros
nasceu muito simplesmente de
uma pergunta e uma resposta. Com espí-
rito foi depois disso que me encontrei
vendo escapar. Foi no ano passado, em
que eu fumava apenas uma. E pen-
sava que seria um "record". Falando
a outro colega sobre cigarros disse-lhe
como procedia e perguntou-lhe quanto
fumava.

— Três carteiros, respondeu. Hoje
também fumo em, três e sinto um

ridículo prazer em dizer isso aos outros.

Outra grande fonte de
minha despesa, é o álcool. Pelo me-
nos aos sábados, gosto de ficar liban-
do até tarde com alguns companhei-
ros. Também na casa da bebida,
não vejo limites. Inquanto suporto,
bebo. É sinto-me bastante feliz,
com um humor extremamente
afunado, minha conversação adquire
mais brilho e graça: gosto imensa-
mente de verificar que estou diver-
tindo os amigos e, consequentemente,
divertindo-me. É o pior é que, a
partir de determinado momento,
esqueço completamente minhas di-
ficuldades financeiras, faço pedidos
extravagantes, e o pior: minha pro-
digalidade chega ao ponto de, al-
gumas vezes, fazer questão absoluta
de pagar a conta geral, e achar
ridículo quem quer pagar sua parte.

Nas noites bebo demasiada-

do, e então comen os comentários a
mar respeito: que foy iró e aguido,
que disse tal coisa, etc. Pois bem,
sei que escaparam quando me redu-
zem a um alcaçolista inveterado.
mas sinto um estranho prazer ao
perder que sou alvo de comentários.
Talvez, se não houvesse quem comen-
tasse, eu nem beberia. Afinal, não dei-
xa de se também diminuir a

No meio de tudo isso, uma
satisfação; não tenho dívidas.

Pg. 4. -

Un homme dit: "La beauté
c'est l'équilibre." Un autre: "La beauté
c'est le malin." Force que se com-
prends: Le malin c'est l'équilibre.

- Qui, pour la mathéma-
tique, se croit que vous avez de raison.
Mais la moral a peu de choses
en commun avec les nombres,
les égalités et ce théorème là.

85
Agosto 13. -

Sim, penso nela várias vezes.
Não tem uma forma completa-
mente definida, pois é mais um desejo
que uma pessoa. Não obstante, comen-
tiza-se algumas vezes, num belo
sorriso, numa palavra suave, uma
simples palavra dita de um modo
especial. Também se manifesta
no brilho dos olhos: ou dois dia-
mantes negros, ou duas esmeral-
das, duas safiras. Quando negro
ou verde, pela malícia e inteli-
gência; se azuis, pela pureza e tran-
quilidade.

Talvez não tenha existido
nem venha a existir, talvez deva
ser procurada para sempre, como
a Dulcineia de Don Quixote (não
como liberdade ou glória, mas como
mulher, simplesmente).

Outras vezes considero-a perdi-
da para sempre. Então é que mais

poeta da poesia de Pablo Neruda,
e como ele tenta me iludir:
"Ya no la quiero, es
cierto, pero tal vez la quiero."

Apr. 19-

Estive no Rio e assisti
fezabll, de Arrouilh, por Henri-
te Monineau e seus artistas.

É uma peça de grande
intensidade dramática, envolvendo
sempre o perigo de cair em drama-
tismo, do que está livre pelo desem-
penho equilibrado dos elenco.

Tem, por assim dizer, dois
"clímax": um no primeiro ato e um
no terceiro. Durante o segundo
a peça decai um pouco, mas o
grande diálogo em que a mãe
confessa seu crime é realmente
um dos pontos altos de toda a
trajetória, pela maneira como é
dissipada a inquirição pelo filho.

Tive oportunidade de ver re-
presentada em minha frente uma si-
tuação muito vez apresentada em
nossa vida: a cena em que, depois
de um diálogo extremamente tencio-
so e dramático, em que mãe e
filho estão entregue ao maior desespero
de suas consciências, chega a cria-
da falando sobre os coprimos — e
essa coisa simples, concreta, vulgar
peça a que toda a tensão sepa brutal-
mente dissipada por uma realidade
banal do cotidiano. Na peça em ques-
tão ainda os coprimos têm um gran-
de "papel", mas na realidade, mui-
tas vezes, esses fatos nada têm de
importante: é uma visita que chega,
o telefone que toca, etc.

O tema do drama, por uma
simples transposição, pode bem se
vir e equiparado a esse "amor que
não se atreve a dizer seu nome". O
mesmo sacrifício completo da digni-

dele, de repente, da honra, das mais
rapadas afecções pela mais comple-
ta e eterna insatisfação: o "amor
do amor", que amor não de sentimen-
to mas dos sentidos, com amor
em que nunca se pode esperar reci-
procidade ("Na vida nada é reci-
proco" - diz a mãe; "poucas coisas
são reciprocos", - diz mais tarde,
para concluir que em sua prostitu-
ção "não poderia encontrar reciprocidade
de sentimentos").

Ag. 22.-

At manhã me apazigua;
a tarde me entedia; e a noite...
me excita.

Ag. 24.-

Il s'agit d'un morceau
de lettre à un ami:

"Notre 'race', qui ne se
caractérise par la couleur de la peau,

la forme des yeux ou des lèvres,
mais eni par cette mélange de sen-
timents parfois contradicteurs, n'est
pas complètement interdite à la com-
préhension.

"Je crois que vous avez beau-
coup de choses à regretter à moi; je
sais, d'autre côté, que vous n'ig-
norez pas que moi aussi je le ai.
Je sais que vous et moi nous ai-
mons la vérité - faire profession
de cela c'était notre idéal - mais
nous savons aussi que ce n'est
pas possible. Simi comme vous, je
désire de tout mon cœur être sin-
cère, être bon et juste, mais cela
ne nous est pas permis. Mon dé-
sir, le plus grand, c'est avoir
confiance en chacun de mes
amis, et correspondre à la con-
fiance mis en moi-même. Est-il
possible? Non, je le sais: je ne
peut pas confier à personne ~~moi~~

sentiments les plus intimes, et
vous aussi ne le pouvez faire.
Peut-être, la chose plus triste
de notre condition soit savoir
tout cela... et rien pouvoir faire
pour la métamorphose. Nous
sommes toujours deuse: un à
penser, autre à agir; un à dire,
autre à faire; un à désirer les
choses à faire, l'autre à souffrir
les choses faites. Dans un mo-
ment nous avons de la convic-
tion; dans le suivant nous
éprouvons de l'angoisse, de la
tristesse, de l'anéantissement."

Ag. 31-

Noticiário de jornal:
Um garoto de Belo Horizonte foge de
casa para acompanhar o circo
de anões. Aqui a polícia o prende
e destrói seu primeiros sonhos e
ato de liberdade.

Quanta vezes nós desejamos
fugir com um circo que passa!
Mas tarde, nossos sonhos tomam
formas diferentes, pensamos em ser
nômades de outra maneira, tal-
vez com a inquietação dos person-
agens de Hermann Heine ou de John
dos Pano.

Um dos maiores exemplos
de libertação talvez seja o de Paul
Foucault. Conheço pouco sobre sua
vida; pouco mais do que as definições
de dicionário. É o livro de W. S.
Maurham, no que tiver de autêntico.
No entanto, sempre senti uma
estranha atração por uma existência
tão rica, considerada em si, por
suas afirmações, e ao mesmo tem-
po tão triste, quando trazida para
o plano convencional do cotidiano.

"Um forte e seu Vintus" é
um livro que atrai grandemente.
Muito mais pela história, pelo te-

ma, do que pela realização do autor. Mesmo assim, a figura de Charles Strickland é bem traçada, e apesar do caráter egocêntrico dessa personagem, o autor, pela demonstração da ironia e do cinismo do pintor, consegue dar a seu livro momentos de bastante grandeza, pondo em evidência sua filosofia pessoal. Mas a descrição de sua arte é bastante falsa e vazia — parece querer valorizar aos olhos dos outros uma coisa em que ele próprio pouco acredita.

Este livro há outra figura de bastante interesse: a do pintor comerciante Dirk Stroeve, de profundo senso crítico, que acredita Strickland um gênio, se sacrifica, se humilha perante ele. As reações de Blanche, sua esposa, são cépticas. Os segundos a psicologia de Dostoiévsky, quando o autor faz

Strickland dizer palavras como estas:

— Acredita que Blanche algum dia lhe perdoara o que ele (Dirk) fez por ela?

— A mulher sempre perdoa o mal que o homem lhe faz, mas nunca os sacrifícios que ele se impõe em seu benefício.

Set. 1.º -

Talvez ninguém tenha o direito de publicar um Diário antes de haver escrito e dado à leitura alguma outra espécie de livro; ou ainda de uma maneira notória que abra a curiosidade em torno de si. Comigo... nem uma coisa nem outra. No entanto, quisera excitar algum sentimento em quem me lere esta obra. Qualquer sentimento, mesmo a irritação, conquanto que não fosse a indiferença.

Set. 3. -

Desde 1950 tenho comigo um livro de Hermann Hesse, intitulado "Narciso et Goldmund". Adquiri-o sob a recomendação do Sr. Haro, ex. Carro, grande conhecedor da literatura alemã, que sempre me indicou bons livros, mas que me disse certa vez ser "Le Médecin de Peana", de Gerhart Hauptmann, superior a "Thaïs", de Anatole France.

Cheguei a iniciar a leitura de Narciso e Goldmund, mas, por algum motivo que não mais recordo, fechei-o e só agora o leio integralmente.

Não são todos os autores que mantêm entre seus livros tantos pontos de contacto como Hermann Hesse. Em todos os meus despo desesperado de fixar sua personalidade por seu próprio valor, estendo-se, não obstante, a um ideal superior

que ele nunca despreza, mas que não tem o sentido comum que se atribue a Deus. É mais uma procura de afirmação fora dele. Sempre uma profunda tristeza em face da vida, apesar de toda a vontade de viver; um desespero, uma aflicção imensa, uma busca incessante de experiências que lhe fortifiquem a existência e lhe mostrem o caminho verdadeiro.

Em Narciso e Goldmund apreciamos o desenvolvimento progressivo e integral de uma personalidade. Por assim dizer, Narciso é o espírito e Goldmund o corpo de um mesmo ser. Um cultiva e aperfeiçoa o espírito; o outro entrega-se aos despo dos sentidos, procurando, ambos, a tranquilidade e a paz. Goldmund é um "être sans foyer" que, quando estacionado por algum tempo, admirava-se de não haver sido par-

tudo há muito tempo, indiferente ao dinheiro, à propriedade, pródigo e sensualmente extravagante, "partout désir des femmes et comblé par elles". Mas, não obstante isso, sentindo muito vezes a inutilidade da vida que leva. É então que procura a Arte, como meio de prolongar sua existência, eternizá-la, se possível: "Il se disait que lui-même, comme tous les hommes, s'écoulaient, se transformait sans cesse pour se dissoudre enfin, tandis que son image créée par l'artiste resterait immuablement la même et pour toujours."

Narciso é uma espécie de mentor de feldmund. Enquanto que para si vê como finalidade "colocar-se onde melhor possa servir, onde sua natureza, suas qualidades, seus dons encontrará o melhor caminho, o mais vasto campo de ação", para feldmund - descobri-

97
do nele um artista, um ser completamente diferente de si, que no dia em que se encontra sobrepõe-lhe, vê um destino cujo quinhão é a força do amor, a capacidade de viver as coisas intensamente, a plenitude da vida, o belo país da Arte, para quem brilham os estelões e a lua. Narciso diz sempre a palavra que orienta e conduz feldmund: Narciso criou feldmund, fazendo-o viver uma existência atraente mas perigosa. É mais tarde, na validade de seu comentário, ele cria feldmund, e fortifica a existência levada por ele: "Talvez fosse mais difícil, mais valioso e mais nobre percorrer as florestas e os estrados com sapatos rotos, sofrer o sol, a chuva e a miséria, divertir-se com os projetos dos sentidos e papá-los em seguida com dores."

O livro de Hene está

repletos de um profundo sentimento
de religiosidade: um pouco assim
como se a infância do autor tivesse
sido extremamente religiosa e pelo
resto da vida procurasse libertar-
se dela, em dar-lhe um sentido
novo, sem se perder. Assim é que
anda sempre à procura de uma
finalidade, da justificação de
tudo o absurdo que encontra
no mundo, e das maldades que
praticam seus personagens. Em
Derriman lê-se: "La vie d'un bon-
neur et d'un libérateur est sans doute
plus vivante que celle d'un bon-
heur inépuisable. Et puis - j'ai
lu cela quelque part - la vie d'un
débauché est la meilleure préparation
à la vie d'un mystique." Em
Narciso e Feldmund: Em toda casa
Feldmund lhe mostrava que um
homem chamado a alta destino
podia mergulhar bastante na em-

brulha e na confusão banquinetista
da vida e cobri-se de uma cama-
da de pó e de sangue sem, no en-
tanto, tornar-se mesquinho e vulgar,
sem meter em si o senso do divi-
no, que podia errar em trevas
profundas sem que se extinguísse,
no santuário de sua alma, a luz
divina e a força criadora. Ou
então, mais incisivamente: "Ne
sais-tu pas que l'âme de ceux de plus
cœur qui mènent à la sainteté,
c'est la vie débauchée?"

Ha muita beleza e poesia
em Narciso e Feldmund. Não fosse
assim o livro, dados os contornos aven-
tureiros amorosos, e a maneira como são
apresentados, cairia no imoral, tal-
vez mesmo no vulgar. Mas, numa
paixão salva a outra. Também o
autor faz mais poesia que literati-
za, pois há fatos que parecem
um tanto irreais e absurdos. Mas

100
por exemplo, dados as circunstâncias,
a série de coincidências, que cercam
o primeiro encontro amoroso — com
Lise — fez-me pulpar que se tratava
de uma senho. E por minutos paupi-
nos pulpei que se fosse acordar
e achar-se novamente no convento.
Também a facilidade das conqui-
stas é um tanto chocante (o caso
de Lise, por exemplo, que chega a
ser um pouco infantil). Sendo
assim, muitas vezes parece unicamen-
te um trabalho de "imaginação" e
não de "experiência real". Mas,
tudo isso também pode ser levado
para o lado da adolescência do
personagem, do seu estado de semi-
consciência e espanto em face da
vida, tentando a dar a tudo um
cunho de irrealidade e surpresa.
Efectivamente, os fatos do romance
que se vão situando para o final,
revelam mais maturidade no per-

101
sonagem, mas, mesmo assim, ^{foldmund} conserva
sempre uma espécie de sentimento
de que está vivendo fora do tempo,
e debruça-se profundamente ao
pensar que já não mais atrai os
mulheres.

Como traço comum na obra
de Hermann Hesse, também neste
livro encontra-se o constante recor-
dar da vida passada, trazendo sem-
pre presente na mente do leitor os
pontos principais da novela, e a
visão compunha do romance.

Já na parte final do
romance (pag. 256), Foldmund pensa
que "o tempo era chegado de fazer
obra que fique, de criar alguma
coisa que permaneça e lhe sobreviva".
Narciso pretende, pela vida, perma-
necer; o outro pela obra. Assim sen-
do, o primeiro escolheu "uma vida
melhor fundada na razão, na mo-
ral, mais estável, mais ordenada,

mais digna de ser dada como exemplo".
Feldmann, lutando sempre por se de-
finir, concluiu que "toda a vida
não teria um sentido maior quan-
do se conseguisse combinar ambas
as existências (a dos sentidos e a
da renúncia), quando não fosse
dividida por esse dilema: criar
sem pagar esta criação ao preço
de uma vida!"

Feldmann aproxima-se tanto
mais de Unamuno como deste se
afasta Narciso.

Set. 4-

Felizmente a vida nos apre-
senta incidentes que de tão abundantes
resultam cômicos.

Hoje, por exemplo: o Regi-
mento em marcha para uma soleni-
dade simples de comemoração à Re-
mana da Pátria.

103
O microfone fala um Tenen-
te sobre a data. Concluída a oração,
entra o regimento fazendo ouvir dizendo que
a banda executará o Hino da Inde-
pendência. Assim se procede. É
salida a influência que exercem
tais hinos patrióticos: os militares
vão-se deixando tomar por um radi-
cal sentimento de patriotismo, os cora-
ções sentem-se enobrecidos, os mús-
culos tensos, o corpo inteiro vibran-
do sob o comando marcial dessa
música que, nos velhos soldados,
faz lembrar todas as campanhas
passadas, e nos moços faz sentirem-
se capazes e desejosos de enfrentar
combates e revoluções. Quando
termina a execução, ainda per-
siste um eco de todos esses no-
bres sentimentos, obrigando a to-
dos a marcharem ou comandarem
com um passo e com uma inala-
ção.

Mas, hoje foi surpreendente-
mente diversa a conclusão. Termi-
nada o Hino, o altofalante proclama-
do com o dissonante "Mambo fambo"
peru com o dissonante "Mambo fambo"
surpresa geral! O Coronel sobe os de-
graus e desaparece. A música perui-
te. Aos poucos, como o latins tem
uma grande capacidade mimética,
a tropa, a começar pelos oficiais -
como convém - inicia o sorriso
iônico que se transforma em riso,
e a hilariedade é geral. Um Re-
pimento em forma para enviar o
Mambo fambo!

Dissolvida a formatura,
surtem os comentários. Revolta de
nos, comentários humorísticos e
iônicos de outros. Quem é o res-
ponsável? (Pois no Exército é neces-
sário sempre encontrar-se um res-
ponsável por tudo). Aparecem o
nome de um major que deu
ordem, ao sarapento para que,

105
depois da cerimônia, tocam musi-
ca popular para os soldados. Mas
sabido é que "depois da cerimônia"
não especifica a hora. E o sarpen-
to, fiel cumpridor de seus deveres,
resolven cumprir a ordem ime-
diatamente.

Encerra-se a discursão
com ~~uma~~ observação mordaz de
um capitão:

— Conclusão: o sarapento
é comunista.

Let. 5 -

Ha' certos livros que, de
tanto ouvir falar em ler sobre eles,
cheço a ter a impressão de que já os
li. Nessa categoria encontra-se a
obra de Fogel: "Almas Mortas".

Pessoas como eu, não
duriam falar sobre obras-primas. No
entanto, pessoas como eu têm obras-
-primas, e estas impressionam-me

bem ou mal, e não considero pos-
to calar uma voz de aplauso ou
pretender justificar outra de cen-
sura ou incompreensão.

"Olhos Mortos" me sur-
preendem, acima de tudo. Agora é
que vejo que desconhecia até o peso
de palavras encarnado no título.
Por ele eu imaginava uma tragi-
dia, uma tragédia real em tons
sombrios, tristes; em vez disso, é
uma "tragédia irônica", em que o
sofismo e a miséria de um povo
são apresentados em semi-tons de
mofa, irreverência e humor negro.

C, coisa estranha, agora
que terminei a primeira parte, a
qual li quasi que de uma só
sentada, senti, repentinamente,
desinteressar pelo dois fragmentos
salvos do feto!

A narração da primeira
parte é de uma espontaneidade

107
espantosa. As palavras não são "pe-
dras no caminho" do leitor. Ao con-
trário: é como se se estivesse pla-
nando no espaço, sem saltos, nem
sobressaltos. O autor tem
um tremendo poder de descrever
ambientes e personagens, encon-
tra imagens e comparações de uma
propriedade única, e muitas vezes
de uma convicção a toda prova.
A única coisa que choca, nem par-
ticular, é a repetição demasiada
de "Deus sabe de qual..." "Deus sabe como,"
de onde, etc. Um determinado ponto
lembrei-me de Cervantes: foi quando
figural inseriu a abundante história de
Reperikine — na verdade de dimen-
sões bastante inferiores a de "Curioso
Impertinente" de Don Quixote. Mas,
embora destinada a reforçar a in-
becilidade dos personagens, evita
pela quasi total inutilidade de
intrusão. Mas, o autor, conheceu

do os sentimentos do leitor, faz logo a seguir uma observação que tudo salva, demonstrando ter havido realmente intenção de assim proceder: "Certos leitores acharão, sem dúvida, estas conversas innumeráveis. Para lhes ser agradável, o autor será da mesma opinião."

Plushkine, que ~~há~~ muitas vezes pode parecer um personagem irreal e completamente absurdo — é evidente o escape dos traços — lembrou-me uma viúva italiana e rica de minha terra natal. Também como esse homem, cuja "porta do queixo sobe a desmesuradamente, a ponto de ter que a cobrir com o lenço para não cuspir sobre ela", como ele, D. Chiquinha tinha a mania de colecionar tudo o que fosse velho e fulgado impronunciável para os outros. Tudo da reunião num grande depósito,

109
situado na base de sua magnífica residência, que muitas vezes abria através da porta gradeada, dando para a rua. Creio que nunca, pessoas, pode ser encontrada uma porta de solidariedade quando assim procedem: pois compram dos pobres, por um preço irrisório é verdade, tudo o que também para o comprador é absolutamente inútil. Sobre a viúva italiana conta-se em minha terra uma anedota bem interessante: Tinha por costume sair todas as noites de carro (um carro de mola, puxado a dois cavalos), e dar uma volta pela esburacada rua da cidade. Certa vez em que estava com visitas em casa, e cercada de familiares, chega o boleeiro e ~~pergunta~~ pergunta: "vamos fazer o que fazemos todas

as noites?

Mas, estou aqui e para
falar em "almas mortas".

Talvez tenha sido em
Nozdriov que Dostoiévsky encon-
trou a elegância e taparellice
de alguns de seus personagens.
Também outra reacção típica de Do-
stoiévsky, a de seus personagens sen-
tirem um prazer decente em hu-
milhar-se em presença de quem
os ofender, aparece em Fôgel
quando se refere a Nozdriov:
"É o mais estranho - o que não é
pessimal senão na Rússia - é que,
em seguida, como se nada houvesse
acontecido, tornava a reunir-se
aos amigos que o haviam surrado."

Set. 11.-

Quando li Don Quixote,
pensei em trabalhar a "Novela
do Curioso Impertinente." Creio que,

dependendo da maneira como o tema
fosse explorado, daria uma ótima pe-
ça. Mas, há diversas dificulda-
des e dividas. No entanto, agora
me voltou esse desejo. Reli a nove-
la com atenção e vejo possibili-
dades de tentar esse trabalho,
nem que seja só para treinamento,
uma vez que não poderei fazer
um trabalho digno do autor.

Não poucos personagens
(Anselmo, Lotário, Camila e Leonela,
os principais, mais os criados,
um desconhecido...), e a trama é
bem interessante, mas, conserva-
la integral é dar uma forma clás-
sica ao drama, coisa de que não
me pulso capaz; e para modernizá-
la talvez perca o valor.

O que mais me atrai
é o carácter de Anselmo, o marido
curioso, e dada sua grande ami-
zade por Lotário talvez fosse possi-

ed. acontecendo uma espécie de justificação para um despocho abundante. Um animal, e, como todos, põe um peso numa brama e uma vida de por um capricho ab- certo parte inibível e desproporção de bem viver (Cando e feliz, mesmo por sua esposa à prova, e para uma longa vida de seu amigo, que acaba apaixonando-se por ela. Um capricho tão como resultado a infelicidade dos três.) Digam que não se trata de dificuldade de para ser como os videntes, e se não dignos de ser recolhidos a sua raiva. Anselmo quis logo e mesmo com sua esposa, e perdê-la.

O matizes psicológicos da gente poderiam ser explorados de forma a que se dê uma resposta e uma profunda interpretação ao problema. Mas, talvez

medo de que seja preciso lançar mão, em grande escala, de monólitos - o que não é muito prático.

Aí vem, penso que poderia ser uma boa obra. Mas seria necessariamente muito silenciosa, solitária, calma e tempo. Não parece tão difícil de se conseguir, morando como mora e vivendo como vive.

(La Noche del Amor Inpartiente - Manuel de Aranda - in Don Amante de la Mancha: Cap. XXXIII, XXXIV, pag. 1172 a 1185 - Obra Completa, Ediciones Aguilar - Madrid)

Det. 12

Para comentar a um livro talvez seja necessário, pelo menos, uma vez. Depois, por uma pequena e pequena análise, porque, em fim de contas, o que fica é a obra de arte comentada.

Ficou por uma grande coisa.

tics literários, a par de ser um notável escritor, e por isso, muitas vezes, ele próprio analisa e emite fulguramentos sobre sua obra, quando, no decorrer de seus livros, emite pareceres sobre os atos e as palavras de seus personagens. É o caso, por exemplo, de "Os Subterrâneos do Vaticano", que li hoje inteiro, sua edição da Vecchi, em tradução de Mirabel da Silveira.

Terminada a leitura, procurei o livro de Jean Schults, "Fide et l'homme", e vi que estudou, a partir da pag. 57 (Ed. Mercur de France), o mesmo que eu pretendia anotar, isto é, o crime de Lafcadio, indubitavelmente a figura mais impressionante da "parva". Todos os demais existem para tornar possível sua existência. Todos têm ligação direta ou indireta consigo, concordando, de uma maneira ou de outra, para

115
possibilitarem seu ato. O personagem mais desligado, ou menos ligado a ele é Duthime Chermant. Dubois, no entanto, por sua formação psicológica, prepara o aparecimento de Lafcadio.

Em "O Luminista", fide copia os fatos sem o fulgor, como diz na introdução. O que ele pretende justificar, ou pelo menos explicar a atitude do herói. Ante do crime, fulvo, e irado, fala com Florimiro, ou antes, fala consigo próprio em presença deste — faz que despeça sua opinião e volta-se com suas interpretações — fala com ele sobre o mal patético. Lafcadio comete uma espécie de mal. Depois, ambos discutem-no, e fulvo, que por assim dizer induziu o outro à prática, convulso por "desrespeito e blasfêmia" o ato condenado.

O autor, de um senso periclitico brilhante, alerta a todos os

reações do leitor, sabe, de um modo magistral, preparar-nos para tudo. Indiscutivelmente chocante o crime de Lafcadio, principalmente por se conhecer a vítima, com toda a sua ingenuidade ridícula e de quem se tem, por entre o riso que em nós desperta, piedade. Pois fide não mais o abandona, nem a nós, e nos mostra que o criminoso / não tem em si uma consciência morta: as cenas finais, de uma beleza tão grandiosa, são provas disso. E se o autor, na última linha ainda não define o destino final de seu personagem e que ele, como nós, também tem dúvidas. E deixa a página em branco para que o próprio Lafcadio se decida; o Lafcadio que existe em cada um dos leitores.

Não se precisa pergun-

117
tar muito tempo quem seja Lafcadio. Ele mesmo diz de si, não sem variedade: "ser um ser de inconsistência". É mais tarde Protos, que lhe ensinara "que o importante neste mundo é não aparentar o que se é realmente", traça-lhe um retrato bastante próprio: "Como dizia, um adolescente quis escapar desses quadros sociais que nos aprisionam; um adolescente simpático; e bem como em posto deles: infirmos, e to-mando, fraciosamente, resoluções súbitas; porque ele não fez aquilo, presumo, por grande cálculo... Lembro-me, Cadis, como, antigamente, você era contador de números... mas, para as suas próprias despesas, você não consentia nunca em contar... O que admira a mim, e que, inteligente como você é, Cadis, pensava que podia simplesmente sair de uma sociedade sem cair logo em outra;

ou que uma sociedade possa deixar
de ter leis."

É maravilhosa a técnica
de André Gide. Como todos os inci-
dentes vão-se lenta e precisamente
se justificando! O que de iní-
cio parece uma série de inci-
dentes independentes, vai-se trans-
formando na trama macia e
suave de um tecido habilmen-
te trançado. O que a princípio
pode parecer uma coincidência
irritantemente inútil, é a ^{origem} ~~fundamento~~
de uma cena fundamen-
tal: como é o caso do conheci-
mento de Lafcadio e Freniène.
Não posso deixar de citar esta
passagem de intensa beleza plás-
tica e sentimental, do final do
livro, quando ela se declara,
(sabedora de tudo), e ele se fulga
indigno:

"É como os cabelos soltos

119
de Freniène estivamente tocando as
suas mãos, pegou-os, apertou-os apa-
ixonadamente de encontro aos olhos,
aos lábios."

Outra coisa espantosa é a
versatilidade de Gide. De obra para
obra algo de novo e inédito é en-
contrado. É bem verdade que por
certos tonalidades sentimentais,
e pelo dilema: "ser sincero ou ser
moral", seus livros conservam
uma harmonia sensível; mas
esse dilema, a liberdade, a verda-
de, a sinceridade, o sentimento
religioso, tudo isso ele experimenta
nos mais diferentes caminhos.

Set. 14. -

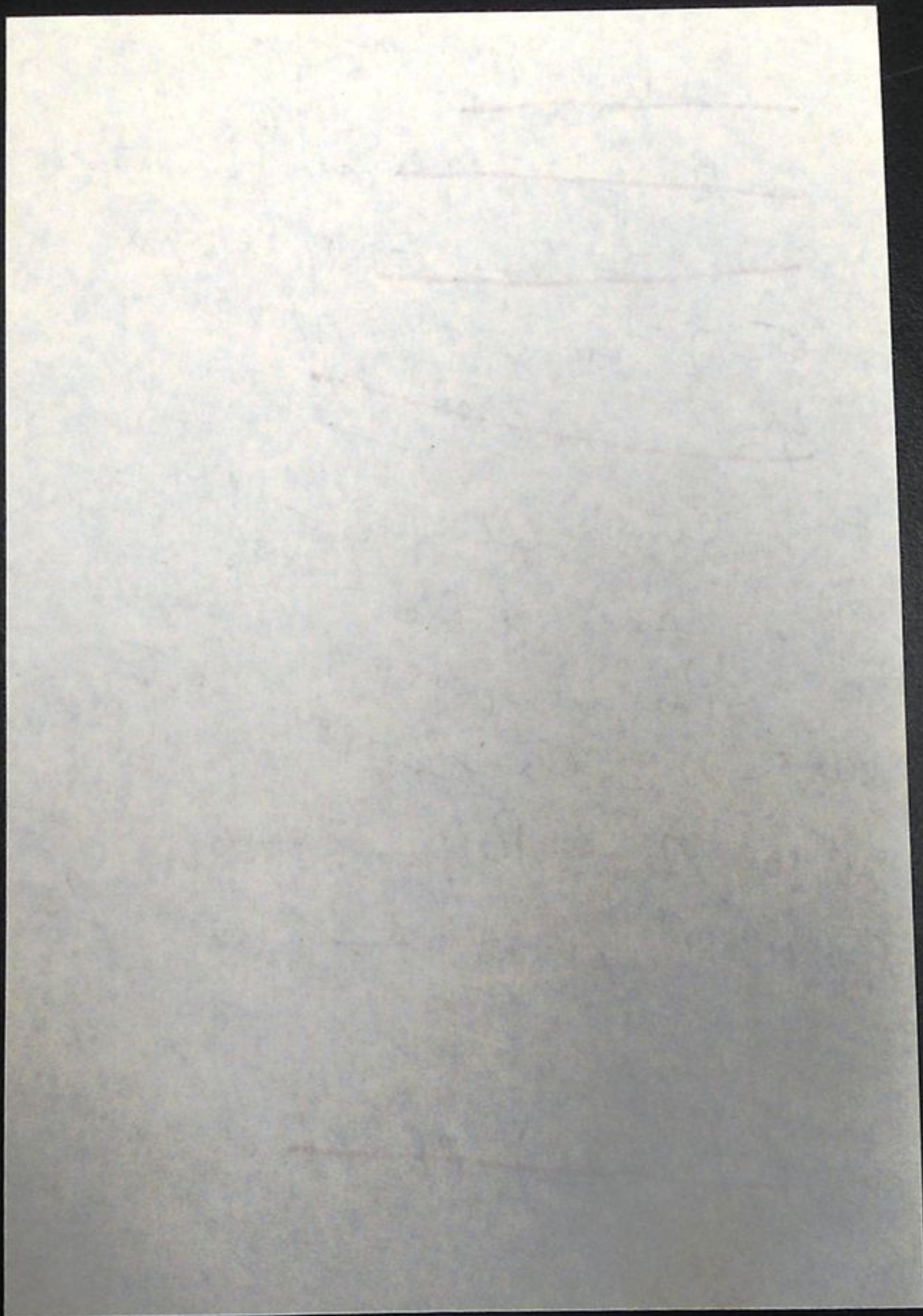
"Quando o que é falso toma
o lugar do verdadeiro, é preciso que
o verdadeiro se diminua."

Mas não se pode fingir
por muito tempo.

- 1946 - *Mythos Ngu*
- ~~1 - A Viagem~~
 - ~~2 - A Jora 1948~~ *Car. Brimins*
 - ~~3 - O Adolescente 1949~~ *PA Contos*
 - ~~5 - A Chave - 1953~~ *for de Eora*
 - ~~4 - Procinas 1949~~ *PA*

- PB 6 - Como Sempre *1977*
- PB 7 - Caixa d'Acó *1983* *Quatro*
- PB 8 - Prelúdio - 1984 *Contos*
- PB 9 - O Estranho *1984*
- SN 10 - Sem Resposta *1988*
- FLN 11 - Revelação *1988*

~~(A Vinta) - PA. 1949~~



Set. 26-

Por esses dias passados, tenho lido e estive no Rio. Li um livro de Kropotchine, outro de Saint-Camper, e um de Jacob Wassermann. O primeiro, "A Vida de um Revolucionário", de grande valor como documentário; o "Piloto de Guerra", que não sei porque foi traduzido do inglês por Monteiro Lobato e, talvez, o mais belo livro que tenho lido. A infância como purificação, a desolação da morte, a esperança, a valorização da vida ativa, tudo isso cheio da melhor poesia, simples, e de uma beleza comovente.

O livro de Wassermann foi o mais pobre dos três. Infelizmente não tenho nenhuma fonte para situar a obra, isto é, não sei a que fase pertence, mas não pode ser da melhor: dir-se-ia um livro de estíria. Assim me pareceu "Solovim",

com sua trama francesa, personagens aparecendo quasi desnecessariamente e vivendo num ambiente de revolução fracamente apresentado. O livro justifica-se pelo encontro de Maria (essa mulher que sente um poder mais místico de resolver os mais difíceis problemas, embora não conhecendo as letras), com Solovim, o marinheiro intelectual. Mas isso acontece quasi no fim do volume, quando poderia começar a nos interessar.

Além de tudo o tradutor conseguiu um português irritante, com a supressão dos "se" e dos "que", dando um sabor azedo de inglês traduzido ao pé da letra.

Para tirar essa impressão, precisa ler "Gaspard Hauser", que tenho guardado desde Dezembro.

Set. 28

Uma nota do "Jornal de Letras" fez-me voltar a Ibsen. Seria realmente uma boa oportunidade para fazer uma experiência. Mas conheço tão pouco sua obra! Apenas os seis dramas que a globo publicou, e procurei nas livrarias daqui sem nada encontrar. No entanto, procurei as livrarias com foyes e Unamuno e lá vi "O Lincepo do Povo" e "O Pato Selvagem", tomando algumas notas para um possível trabalho.

Tanto um como o outro drama tem como ideia central a luta pela verdade. No primeiro, o sacrifício da reputação própria e da família para impedir que a mentira se estabeleça: é a luta contra a mentira. Em "O Pato Selvagem" a mesma ideia apresenta-se de maneira diversa: é a luta pela verdade.

123

contra uma mentira já implanta-da. Enquanto que em "O Lincepo do Povo" o dr. Stockmann age por si próprio e contra si mesmo; no segundo drama é freges quem se debate pela pureza de consciência, mas a mentira não atinge diretamente a si ~~escriu~~ a seu amigo Hjalmar. Em ambos o pensamento central de que a tranquilidade não pode ter como base a mentira, é a luta da verdade contra o cotidiano; a pureza de consciência acima do convencional, da moral aceita. Não o conformismo, mas a luta, o sofrimento da existência; não a paz sob condições, mas a dignidade nascente do que é sincero, justo e verdadeiro.

Set. 29.

O drama de Ibsen desenvolve-se numa atmosfera de te-

manda luta de consciência. "Rosmersholm" é um claro exemplo desse conflito sempre presente em sua obra. É o ponto principal de contacto com Urnarmur: a angústia perante a falsidade da vida, a presença da dívida e o tormento vital que ela encerra.

Começando o conflito pela procura da pureza de consciência, estende-se depois à busca da finalidade na vida, que é mais uma vez uma questão de consciência, mas já agora dirigida para os outros: a purificação dos demais, como uma obrigação, pagamento de dívida contraída por sua própria existência, a maneira de justificar-la. Em "O Triunfo do Povo" é uma questão de segurança pública, dirigida, portanto, para o físico, um problema sanitário; em Rosmersholm é o espírito que se visa, "fazer o en-

tos confesar os erros, despertar a vergonha e o arrependimento em seus corações", levando "um pouco de luz para esse abismo de trevas e de maldade". Mas junto com essa nobre ambição, o peso de uma consciência culpada que faz Rosmer commover-se de que esse objectivo não poderá ser alcançado por si — "é inacessível, porque não pode haver triunfo numa obra ~~que~~ cujas raízes mergulham no crime."

Tanto Rosmer, como o Dr. Stockmann, como figuras, são possuídos de uma "febre de justiça aguda", mas a figura mais trágica é o primeiro, porque, descobrindo pelo trabalho constante de sua pesquisa que se encontra em erro, vê-se, de repente, impossibilitado de agir, porquanto não é puro o suficiente para redimir os outros. Se sempre se fulgura puro para levar a efeito essa conquista, vê-se na iminência de ter sua vida

X
espoliada pelo furto alheio; e ele mesmo começa a duvidar de si, quando percebe que não era apenas a amizade que o ligava a Rebecca, e isso desde o início...

O "inimigo do povo" leva sua luta até o fim, vendendo-se despojado de tudo. O ex-pastor de Hovmørsholm, por sofrer o choque de sua própria culpa, admite que seus amigos lhe "demonstraram, claramente, que a missão de enobrecer os espíritos não lhe convinha absolutamente", que tudo "era apenas um sonho esboçado, uma inspiração inicial, na qual nem ele mesmo crê", porque "os homens não se deixam enobrecer por uma influência exterior". O preciso, pois, que cada um sobra a sua própria angústia, e por esse caminho da luta para o conhecimento da verdade se justifique e alcance a felicidade que, no en-

127
X
tanto, não se conhece sem "o sentimento doce, alegre, confiante de uma consciência pura".

Os dramas de Ibsen entrelaçam-se não somente pelas ideias centrais dos conflitos nascentes da consciência culpada, da busca da finalidade e justificação da existência, da procura da consciência pura pela implantação da verdade e da justiça, pelos ideais de liberdade e felicidade, mas também pela apresentação de situações análogas, nos diferentes pecos, permitindo o desenvolvimento gradual do problema em questão, e suas consequências. Assim, por exemplo, em "O Pato selvagem", a mãe de Jepsen foi "conduzida ao seu miserável fim" pela intrusão de fina, a criada, em sua casa, e pelas decepções que despertou em sua presença a mente da esposa, com quem, segundo Werle, não se pode raciocinar por ser "doente e exaltada." Em *Romans*

holm, a esposa, também "doente, atormentada e exaltada", suicidou-se pelo mesmo motivo do aparecimento de uma intursa, a neta. West, que para a interenar Rosmer pelo que há em ambos de ^{identidade} ~~aparecimento~~, pelo sentimento religioso, pela dúvida e incerteza cujo combate se fazia no fundo da consciência do ex-pastor. Outro ponto comum é o apelo idêntico que Halmar e Rosmer fazem para que a pessoa amada dê uma prova definitiva de seu amor. Halmar, duvida que sua "filha" lhe dedique amor, e ao ri sarcasticamente ante a pergunta que faz: "Hedvig, queres dar a tua vida por mim?", ouve o tão certo resposta. Rosmer também obtém a prova visível, quando pergunta se Rebecca "queria tomar o caminho que Felícia tomou". Mas os incidentes, aparentemente idênticos, revestem-se de caracteres

129
típicos totalmente diversos. Em "O Pato Selvagem" a prova tem por finalidade redimir o pecado da mãe e completar a redenção afastando a mentira; em Rosmersholm é a expiação da própria falta, por parte de Rebecca, que o declara, e Rosmer, por compartilhar da culpa também se entrega à prova por ele superada.

Ibsen não precisa de uma variedade imensa de incidentes para caracterizar melhor e mais diferentemente seus habitantes; um ~~simples~~ ^{brilhante} toque em seu caleidoscópio e já os visões e os contos coloridos acomodam-se numa nova e maravilhosa forma conflituosa.

Na verdade, como escrevem Urammo, "a dramaturgia de Ibsen é uma dramaturgia mais religiosa que ética ou estética em suas raízes últimas."

Let. 30 -

A obra dramática de Ibsen, como a de Shakespeare, admite o estudo sob tantos pontos de vista e por tão múltiplos aspectos que, numa análise de pequenas dimensões, dificilmente poder-se-á fazer justiça a seu valor. Ao mesmo tempo, dada a beleza de suas criações, o entusiasmo dos leitores fundamentais e a importância dos problemas estudados, não nos sentimos capazes de nos fixarmos sobre um determinado ponto, abandonando outros que o autor talvez tivera em grande conta. Por essa seriedade de pesquisa crítica que precisamos manter durante o estudo de determinada obra, é destruída com a leitura de Ibsen, quando, repentinamente, as palavras de um personagem nos levam a apreciar o caminho im-

previsto de novo labirinto. É assim, aos poucos, vamos nos convencendo, com Rilke, de que "nada há mais difícil de exprimir do que as obras de arte, — seres vivos e secos cuja vida imortal acompanha a nossa vida efêmera."

Out. 1: -

lendo mais detidamente a nota do jornal, percebi que nada se especificava para me haver feito julgar que se tratava de coisa unicamente para autores novos. É meu entusiasmo a esquecer. Mesmo assim, ainda li "A Dama de Mar" que, aliás, não me fez voltar o interesse na experiência. Não obstante, tomei algumas notas:

Com drama, bem diverso dos outros já focalizados, guardas com eles, no entanto, muitos pontos de contato; retomam intenções semelhantes.

X
te, se tem que de uma modo di-
ferente, assim como certas frases
americanas que se dizem e se
apresentam no decorrer dos mo-
mentos infelizes. Ellida e tam-
bém uma intima, mas agora con-
vida com os que assim a conside-
ram, no que difere essencialmente
de Nina e Rebecca. As estas duas
foram intimas para a esposa, e
o e para os filhos, pela sanidade
da mente. Mas o problema fun-
damental não e de sentir-se Elli-
da sentando a paz do lar e que
a domina e a lembrança de ma-
nheiros, de quem nunca se pode
emancipar. E' uma dor, sen-
tindo a consciência culpada com
guilho e sepa, uma care de pensam-
to e uma origem, conforme vai
revelando aos poucos, firmes se
no fato de não ter tido liberdade
para escolher o seu caminho.

433
Y
Inchilenta de complexos, quando o
Dr. Wangel consideillo, pelo amor que
lhe dedica, a liberdade de partir
com a estagnação de permanecer
junto a si. Mas uma vez e' exigi-
da uma prova definitiva de amor.
Dada essa prova, tudo se esclarece e
volta a paz.

Do fim do drama entre Elli-
da e o doutor, desmola-se entre que
tem um sentido mais ou menos in-
verso. Balto e Drubelm. Cingente
que Ellida lamenta a "transação" por
com de Wangel, Balto, seu amor
por Drubelm, conta com o "outro
transação", para sentir-se livre, diz-
ela: "O mundo se abra para mim!
Mas tem mais a preocupação do dia
de amanhã". O Dr. Wangel oferece
a dama de mas uma espécie de
parcha de seu, mas que ela aceita
por estar "se", sem recursos, sem ansia.
No estado, dada a maneira como

decoveram os fatos, mas se sentia
amada integralmente, pensando
que fora procurada apenas como
mulher. Belette, ao contrário, se
lembra que também aceita a oferta
de conforto e segurança, leva a
certeza de ser amada, pois Brindley
faz sentir que se não poderia viver
como esposos, ele seria para ela
"uma amiga dedicada e fiel".

"A Dama do Mar" é per-
passado por um tom sobrenatural
que, no entanto, vai se dissolvendo
de quando Ellida encontra, ao
passar a trama vai se evoluindo
cessando, aos poucos. O sobrenatu-
ral, então, localiza-se somente
na imaginação de Ellida, que
se revela uma doente do espírito.
Em "Rommekøhn" a presença do so-
brenatural está também manifes-
tada, pela constante alusão aos "ca-
valos brancos", uma espécie de

fantasma, símbolo da desgraça, constan-
te lembrança do passado alporado.

Também continua lançar mão
de um símbolo, material ou não, e
o traço sempre ligado ao principal
movel da ação. Em "O Lato Selvagem",
a presença de uma ~~passagem~~ ^{passagem}, por ter vindo
da casa de Werle, é como que a
representação de si mesmo; é um
símbolo presente do crime passado.
Hjalmar, o enpanado, detesta sua presen-
ça; e Freya, o filho que conhece to-
do o problema, culpa que o desapare-
cimento da mãe seja a redenção.
Os cavalos brancos de Rommekøhn, estão
ligados à sorte da esposa morta. O ca-
valos brancos aparece para demonstrar
que "os mortos não se esquecem facil-
mente de Rommekøhn". Depois, os visões
que Rommekøhn sente não mais se
separando dele, surgindo espontanea-
mente para recordá-lo a morte,
e também um pouco os cavalos br-

cos do antigo e tradicional solar. Em "A Dama do Mar" o símbolo é o mar, estando distanciado ligada os estrangeiros, os amores passados. É a Chénas de Ellida, com que tem afinidade. Por ele, Ellida "noite e dia, verão e inverno, sente, sofre, a vertiginosa nostalgia"; por, com o certo amor, sempre falava sobre ele, e ~~os~~ ^{as} haviam visto lançados os dois aviões com a ~~placenta~~ ^{placenta} ~~de~~ ^{de} que se cantava-se-iam ~~no~~ ^{no} lá dentro. Aqui o símbolo torna a beleza a que se presta, como motivo poético. Pelo mar, Ellida sente vertigem, fascinação, como fascinação e vertigem sente com o convite de partir com o estrangeiro.

Tanto Ellida como Wangel, compreendem o homem como sendo algo que "amedronta e atrai." Ellida sente-se atraída pelo desconhecido, apesar de todo o medo que por ele

sente. Wampel, ao reconhecer que a esposa amedronta-o e o atira ao mesmo tempo, não se fofa capaz de deixá-la partir porque, nela, "é a atração que domina... dentro do medo que inspira". Também Rosmer, ao pôr à prova o amor de Rebecca, e no meio de suas lutas, exclama: "Há nisso um horror fascinante!..."

Ellida Wangel é ^{também} um habitante desesperado de Ibsen. Não a domina o desespero religioso que faz Rosmer debater-se "na dívida e na incerteza", mas suas dívidas e incertezas são tão intensas que ~~abalam~~ ^{abalam} completamente sua existência. Rindgaard escreve que "devemos despedaçar o eu para nos tornarmos nós próprios"; essa visão de Ibsen, na eminência de se despedaçar, inspira: "salvamos de um mal maior".

O drama termina com a afirmação da coexistência da liberdade.

de e responsabilidade, como condicões
à eschimatização do homem no meio
em que se encontra deslocado.

Nota de 1.º.

Creis que se estudam os
mais representativos personagens de
Ibsen, — e isso significa estudar
a ^{mente humana} ~~mente~~, pois que cada um encen-
ra uma ou várias parcelas de sua
consciência em luta — chegaremos
à conclusão de que "nem um só
existe que esteja isento de descon-
hecimento, que não tenha lá no fundo uma
inquietação, uma perturbação, uma
desarmonia, um receio de não se
saber o quê de desconhecido ou que
de nem ousa conhecer, receio duma
eventualidade exterior ou receio de
si próprio", como diz Kierkegaard, a
respeito de todos os homens.

Diz-se que Ibsen tenha escrito
um amigo dizendo que "pouco

139

len Kierkegaard e ainda menos o com-
preender", mas impede isso que de-
monstre em suas obras inúmeras
concordâncias com o pensamento
do filósofo. O final da angústia
expressa por Kierkegaard é uma
angústia universal, que encontra
éso profundo na conformação es-
piritual de um espanhol, Unamuno,
que, segundo seu crítico Agustín
Cielesano, tem em Ibsen e Kierkegaard
os impulsos de sua maturida-
de definitiva. *entre aqui p. 51 de Unamuno*

Vista de Dthayde, em sua
conferência feita em Paris sobre a filo-
sofia existencial, admite três conen-
ts para esta filosofia: na primeira,
a religiosa, incluem Kierkegaard e
Unamuno, sendo os dois, outros a
conen. atea e a literária. ~~Em~~ Ibsen
pode ~~ser~~ estar mais na conen. liti-
rária, litero-religiosa, pois seus ha-
bitantes percebem que o real ~~é~~ *col-*

uma do Mar", fez mais profundamente
sua consciência com o repeto con-
tra Deus: "Quê-me, Todo-Poderoso!
Dequi por diante quero ser senhor
no meu domínio, como Tu és no Teu.
Não te construirei mais ripas: con-
struirei somente habitação para os
homens". Mas, de nada adiantou
essa revolta; nada conseguiu construir
com ela novas laras, para onde os
homens não encontravam a felicidade.
E sua consciência ameaça os
poucos que cobram seu preço, e nem
uma palavra de Hilda, justamente do
lugar onde mais profundamente
a feriu. Com sua chegada, con-
sente entregar seu domínio à "mori-
dade", e espera "construir um edifi-
cio para nele instalar a felicidade
humana." Promete, aliado com Hilda,
edificar essa obra, e se imagina fa-
lendo com Deus do alto da torre:

"Quê-me. Pomba Todo-Poderoso, e

palpa-me como Te aprouver. Mas, dequi
por diante só construirei uma casa -
a mais doce que há no mundo. E
quero construí-la em companhia de
uma princesa a quem amo. Dora-
vante. Não sei ainda - se a tomarei
em meu braço e a cobrirei de beí-
jos...". No entanto, não poderia
levar a efeito sua obra com uma
"princesa", e ela ameaça partir, aban-
dando ~~o~~ com a dianteira delatando-
do-se este viver ou renunciando à vi-
da, "se porque os vivos conjuntos,
há uma pessoa a quem conheceremos."
Dormir, pois, adormecer, que temia a
espionagem sobre pela última vez a
"ventagem das alturas".

Em "O Lamento do Povo", a
luta pela pureza de consciência
conduz o Dr. Stockmann ao sacri-
fício de sua ~~consciência~~ e a
segurança. Depois, de "O Pato selvagem",
por sua "fúria de fúria".

aguda" sacrifica o fruto da união
pecaminosa. Homer, na encimera-
cia de perder aquela que "não
está sob o domínio de uma alma
maior que mostra a vida de um
modo falso", sacrifica o fruto
com ela. Palmer, o construtor, des-
provido de uma "consciência robusta",
expirou na morte em deficiência.

Este drama nos encena, na-
turalmente, o conflito de Palmer.
Também a Senhora Palmer, Kaia, Ra-
nar, o velho Kunt e Hilda, como perso-
nagens, mantêm os seus.

A introdução de Hilda
nessa peça é um traço fundamen-
talmente característico do entrelaça-
mento dos dramas de Ibsen. É como
se, por não haver-lhe apresentado
totalmente em "A Dama do Mar", que
sem reparar a falta cometida
com o seu habitante. Ela tem
o carácter de intrusa, também.

começando a despertar os ciúmos de
Hlora. Mas seu destino é outro. É
semelhante ao "estampão" de
"A Dama do Mar", que veio presen-
tar o "infral" que lhe prometia
um reino. E aqui, dada a estru-
tura da trama, não volta ao, como
o "estampão" voltava por de outra sua
exigência, mas consegue despertar
Palmer, ou melhor, aniquilá-lo em
um desejo de reparação.

Act. 2 -

Logo depois, que nos dizem
de seu biógrafo Berthel formou, tida
em Ibsen um idolo, os fogos, um
estudo, aos dezete anos de idade, de ilus-
tração drama de autor ^{norme} ~~normal~~ ^{foi},
"Quando Moeninos Despertar" ou, na edi-
ção brasileira, "Quando Despertamos de
entre os Mortos", escreveu: "O roteiro
das obras de Ibsen não depende da
ação ou dos meios. Nem mesmo

dos personagens, por perfeitamente delineados que estejam, são o mais importante destas obras. O drama desmudo — seja o conhecimento de uma grande verdade ou a descoberta de um grande problema ou conflito, que é quasi sempre independente dos atores que nele intervêm e que foi e é de importância transcendental — assegura principalmente nossa atenção. Ibsen tem as vidas comuns, em sua intransigente verdade, como base de suas últimas obras. Abandonou o verso e nunca tratou de embelizar seu trabalho com os estilos convencionais, e mesmo quando seu tema dramático chega à culminância, não trata de ~~acrescentar~~ ~~de~~ apontar extravagâncias.

Talvez, mesmo, para nenhum outro drama se apliquem melhor essas palavras do que para "Quando Despertamos de entre os Mortos", em

147
que Ibsen abandona quasi completamente a trama comum, por assim dizer necessária para que pareça real, e adota personagens unicamente simbólicas, para melhor expressar as idéias que pretende explorar. Com efeito, é o drama em que seus entes vivem mais em êxtase, envolvidos por uma névoa que tem como origem a frustração de sua existência.

O que dá um cunho de realidade à história, é a presença dos hóspedes, do inspetor de bancos, do criado Lars, mas só aparecem no 1.º ato, e Lars passa a ser apenas uma roupa ou um móvel que se usa, para desaparecer completamente no terceiro ato. As outras figuras, são todas mais sombras do que substâncias, mais aspirações do que realizações, muito mais espírito do que carne. A comédia pela Diagonia para seu encerramento por Ulphelm que se

aparece como um ser vulgar, promeio
e porque tem algo para esconder,
sob essa forma: a traíção que mu-
lher de quem havia "espírito e mais
delicadamente e o mais alto que pôde."
Em todos os dramas de Ibsen,
crio que o supremo conflito é por de-
acordo a vida material com a vida
espiritual. Uma sempre tem que
ser destruída para que a outra sub-
sista. E essa ideia é quasi sempre
posta em cena sob a forma do
matrimônio. Et intus apresenta
essa significação. Em Rosmersholm,
o aparecimento de Rebecca vem des-
pertar ~~o~~ o espírito de Rosmer,
nascendo o con-
flito com a "esposa real", que, sen-
tindo-se prejudicada, suicida-se.
Oto perceber o fato e ao sentir-se
na eminência de perder Rebecca,
fá que a existência é impossí-
vel, suicida-se também. O mesmo
em Polness e Hilda Wangel; e

149
ainda o mesmo com Rubek e Irene,
que representa a vida ideal, a plânica,
a realização de seus mais cuidados
sonhos, cuja presença constante de Maja
lhe impede. Talvez esse o sentido
dessa "convivência a três" perseguida
em algumas de suas obras, pois a
verdadeira esposa sempre se inter-
põe, dificulta a sua existência
mais completa. Rubek diz que "preci-
saria viver com uma criatura que...
vamos dizer... se somasse a mim... me
completasse... não fizesse mais do que
eu, como, em todos os atos de mi-
nha vida." Mas, sua esposa Maja
"não foi feita para as grandes ascensões" ^{ou}
a que ~~intencionava~~ ^{se} aventurar-se; ~~se~~ ^{ela}
~~como Rhina de Polness, a "vocação de~~
~~ter filhos, filhos verdadeiros, e não des-~~
~~se, que se constroem e assim escolhe~~
~~o~~ ^o caminho que pode conduzir à mor-
te", como o conduz.
Em "Polness, o Construtor",

Hilda veio do lugar em que o
contator mais intimamente
fezira sua consciência; aqui,
no lugar onde encontram a
esposa material, tendo "meios
para comprá-la e abri-lhe a casa
a todos os seus temores", nem
mesmo lugar é que reencontram
a estrangeira, e admite que
o motivo da viagem foi, efetiva-
mente "aquela senhora pálida".
Mas, essa mesma senhora também
tem uma sombra a lhe acompa-
nhar, a lhe dominar os passos -
a discorrer - e para fugirem de
suas sombras, só há o caminho
de "viver a vida até o fundo", no
esplendor luminoso dos crimes, onde
podem celebrar a festa nupcial!"

Cris que aqui terminam suas
notas sobre Ibsen. Uma vez or-
denados, o meu papel, não creio
que peçam a impressão de desordem
e de coisa incompleta. No entanto,
sinto-me satisfeito pela persistência
com que persequi esse objecto. Provou
a minha memória que a propensão, a
falta de tempo continuo, a indis-
crição dos colegas, nada pode
impedir aquilo que realmente
queremos. Outra satisfação é a
de ter-me dedicado a Ibsen e
observado de perto, se bem que im-
perfeitamente, seu valor. Mas
vêm, como contrapeso, alguns de-
feitos, e é que o interesse em sua
obra, dessa vez, veio por uma no-
ta de jornal que ofereceu uma pre-
missão, interesse mesquinho, e quan-
do me lembrei de que não po-
deria vencer, ainda ofereceu ou-
tro sentimento, não muito nobre.

escrevo por esse pensamento: "pelo
menor, alguém lêra o que escre-
vi, e talvez surja daí algu-
ma possibilidade..."

Aut. 7-

Hoje fins embora pelo
correr a fim de cumprir o seu des-
tino. Lá se vai uma coisa mi-
nha, feita com tanta dedicação,
mas também tão apressada que
se vai cheia de lacunas. Parece
que certas intenções minhas fica-
ram apenas colocadas, que me
demorei, comparativamente, tem-
po demais com pontos secundários.
E, o que é pior, por conterem muito
pouco a obra de Deus, e menos
ainda o que se escreve sobre ele,
não posso saber se tudo o que
fiz nada mais foi que repetir
o que se tem dito pelo mundo afora

153
nem sequer lá o trabalho de Car-
pente, e os perfis de cada
peça, escritos pelo conde Hozer
(ou coisa parecida), também não
se li, a não ser o que se comen-
ça da primeira leitura.

É realmente penoso o
trabalho de dar ordem à nota,
passar tudo a limpo, corrigir o
trabalho de dactilographa (que, ali-
ás, ficou cheio de erros e rasuras).
A vontade que se tem, termina-
do o esforço, é de se ausentar do
assunto por alguns dias; para de-
pois, a sangue frio, ler-se tudo
com espírito de auto-crítica, mas lá-
go readquirida a calma neces-
sária. Mas não tenho tempo, pois a con-
sa precisa depois lá dia 16.

Não obstante tudo isso,
a satisfação que tive ao ver a condi-
ção foi tão grande que me senti
leve, feliz, sorridente, e vivo

de tal forma que, numa festa,
que fui sabado de noite, numa
meca falou: "Você hoje está muito
bonito". Foi a única palavra,
estranha a minha pessoa, que
encontrei para caracterizar a
mudança peculiar.

Noite de 2 -

De repente abatem-se co-
ra mim um tal estado de espí-
rito, tão triste e lamentável, que
a única palavra que "não temos"
para reprimir o spleen. Depois
a origem e encontro, creio eu, numa
notícia de jornal: a de um
privilegio concedido por um co-
mune, justamente por quem es-
tou nesta cidade, e concedido
por um "amigo" que, para me sal-
var, mandou-me para cá.

Qualquer indivíduo de
minha "raça", apesar de toda

175
a liberdade que porta de manifestar,
de tenacidade e usadia de que
continuamente lança mão, todo
ele, quando pretende manter sua
opinião e ao mesmo tempo esbura-
cada continua de falsa aparência,
é o mesmo tipo individual que co-
te. Sua pretensa liberdade é ape-
nas revolta, enquanto tem sorte
em seus abanos, chega a portar
de fazer alarde de sua "liberdade",
embora seja continuamente numa
voz dizendo: "Solista!" Quando
for mal sucedido, quando cairam
os poderes que em vez de lhe darem
sensação de vitória dão-lhe de liberdade, na
quando isso acontecer, perceberá que
foi sempre inconsequente, inconsistente,
e continuará a ser inconsistente, in-
consequente para nós e contraditório.
Pretende, mesmo, ser claro, puro, (isso mes-
mo, ele se considera muitas vezes pe-
ro...), e o mais responsável dos seres.

Lutará sempre para afirmar a sua
negação. E age com uma risca-
rencia perfeita. Pois não sendo
assim será amiguilado por si
mesmo, reconhecendo os suicídios ou
a loucura. Começará mentindo
e enganando aos outros, para
acabar ludibriando a sua pró-
pria e desesperada pessoa. Força
argumentos de uma beleza ... a
beleza de certos cálices de cristal,
perfeitamente frágeis. E sua coleção
de cálices é interminável: rouba,
ganha-os de presente, fabrica-os
com os cascos de outros ... É digno
de lástima, mas não se tem pena
dele; pelo contrário, fulgam-no, com
os seus argumentos, com a
lei aberta na frente dos olhos e
o código penal aporando seu cas-
tigo justamente em razão direta
desse argumento em que, peral-
mente, não se pode deixar de ad-

157
misar o bilho e lamentar o penho...

Essa raça a que pertencemos, e
a que pertence esse amigo que favore-
ce um ex-amigo, que quando me
prejudica visava prejudicar, em con-
sequência, a esse que agora lhe
beneficia, não pode ser má. E
não o pode porque tem o parado, e
porque não lhe convém ter ini-
migos. Quando, por exemplo, desco-
bre a desonestidade nos outros, tem
de fechar os olhos, sob pena de
se destruir. Não pode provocar in-
júria. Tem de fazer indiferença,
bondade, uma reparação, um auto-
domínio quando lhe excitam a có-
lera, uma tolerância em face de
do procedimento alheio; deve possuir
a compreensão em tão alto grau ...
que quando daí por si transformar-
se num ídolo. Mas esse mara-
vilhoso ídolo de luz está sempre
à beira das trevas. É quasi nunca

está pronta para encerrar dentro
dela.

Pobre raça sem pátria,
sem bandeira; pobre raça de Prout!
Estás sempre de acordo em louvar
a tua obra, e sempre de acordo
em amiguetar a tua vida.

Out. 12 -

O meu verdadeiro livro
precisaria ser escrito inteiro sob
lágrimas.

Não compreendo a arte como
uma coisa muito séria.

Out. 21 -

Por esse dia, tenho lido
alguma biografia e estudos. De Ni-
colau II e de Stalin, e os depoimen-
tos de intelectuais que deixaram o
comunismo, inclusive Fidel. Para
perceber como começaram que foi
parar a aventura russa.

159
Ao mesmo tempo, no quartel,
vem lendo "Cristovam Colombo, o Domi-
nante dos Mares", de Jacobo War-
sewannis, uma brilhante inter-
pretação da personalidade do des-
cobridor, estudos psicológicos de mu-
ta força que me apresenta o au-
tor sob uma forma diferente
daquela como o conheço. Forma
surpreendente, até certo ponto.

No quartel estou agora encar-
regado de seleccionar os novos re-
cursos para incorporação dia 1.º de
Novembro. No decorrer desse traba-
lho venho fazendo alguma obser-
vação que talvez sejam escritas
nestes cadernos. Não são observações
muito apadeadas sobre nova gente.

Do Rio, por intermédio de
um colega, recebi o último número
de "Jornal de Letras". Como sempre
muito substancioso. Mas, meu
interesse maior eram as notícias

são o concurso. Fala sobre ele,
diz que se encerram e propõe com
a apresentação de dezasseis de
trabalhos. Nada mais. Copiam-se
e prestam-se a si mesmos.

Roschi deu a lista de
biblioteca. Trava de biblioteca
ca do quartel "Casa grande e pa-
gala" que pretende iniciar logo.
Em Casim, de volta de Natal, li
"Mendota" que vemite me agra-
dar. Em livros não parte de
na categoria que sempre pretende
lar mas que vem adiando sem
por a oportunidade. Depois, que
vendem mais mais, compram livros
para não aumentarem ainda a
pagar para a casa de novo ter
fornecimento suficiente para ler e
que está de bom e proveitosa
na biblioteca de B.R.L.

→ Com intenção de se
desenvolver a biblioteca do quartel de

104
Casim! de tal forma judiciosa
das que, no caso de uma transfor-
mação para qualquer quinquênio distan-
te, pode-se calmamente desenvolver
uma lista de leitura iniciada
porque não encontrada entre os
planos da próxima unidade. E, no
entanto, foram organizadas pelas
oficinas mais diferentes de mundo
de bom que uma instalação se la-
reie em norma, regulamentar,
- a regulamentação não dedica um
capítulo inteiro para isso - mas
só a mínima especificação
sobre gêneros de publicação, e não
se de um modo perfeitamente
geral. Tanto em Natal, como em
Casim, como em Ponta Velha e aqui
em fugir de hora a contância na
presença de certos livros e intermi-
tente. Por exemplo: "O poeta", os
obras completas de Machado de Assis,
de Humberto de Campos, de Monteiro

no Lobato, ^{de St. Agnig} e muitos livros de
Pitiquili. "Fuerza e Paz" aparece obri-
gatoriamente — pelo título, creio
em. Também uma boa série de
biografias, livros históricos, bons
dicionários de línguas, a "Enciclo-
pédia Internacional", e também
uma tal "Enciclopedia Internacional
de Obras Célebres" cujo plano de or-
ganização nunca pude encontrar,
pois sempre falta o primeiro volume.
É claro que também existe boa
coleção de livros sobre tática mili-
tar e outra de regulamentos que,
infelizmente, se venente da
falta dos meios. A Coleção
Nobel; da flobo, está sempre lá,
junto com volumes dos "Leis Obras
Primas do Romance Universal", de
nada se qual editora. Com poucas
variantes, e em também o con-
teúdo da biblioteca da Escola
Preparatória e Academia Militar.

163

Falo das bibliotecas comuns para dis-
tração dos alunos, porque a Escola
de Porto Alegre tem uma coleção
de obras, na grande biblioteca, con-
siderada pedagógica, de muita
importância. Era livraria, com
os vitrais coloridos das janelas e por-
tas, os arabescos talhados em ma-
deira que enfeitam suas colunas,
sempre me fez admirá-la e res-
peita-la com certo sentimento re-
ligioso. Também o bibliotecário,
de tão velho, curvado e quiralho ~~e~~
~~sempre~~ imprimia um respei-
to de encicpedista.

Mas, outro ponto comum das
bibliotecas militares: a falta de
leitores. Os livros deixam-se fi-
car de portas fechadas nas estan-
tes, na monotonia das tardes
militares, sem mãos carinhosas
que lhes ventilem os ventres. Mui-
tos são transpassados dia após dia

pelo sedor que lhes perfuram
impiedosamente os entranhos.
No Regimento de Porto
Alegre o despriso foi além: os es-
crivos, por falta de espaço nos
fichários principais, foram transpor-
tados para a Formação Veterina-
ria, para uma peça em que
se amentavam ferraduras e
demais petrechos cavalares. Um
dia recbi a incumbência de
conferir a carga dos livros e dis-
solver a biblioteca, fazendo
uma distribuição de volumes pe-
los sub-ordinados. Todos pedia-
ram supplicas por minhas mãos,
alguns se dilacerando em pranto
de folha raspada e carcomida.
Foram para estes armários, encon-
trar novos companheiros de soli-
dão.

Out. 23 -

165
Antes de manhã, ao chegar
no quartel, transeceram-me com mo-
ço em prantos. Degeronei anos trans-
formando-se em lágrimas. Negro,
os lábios grossos compoendo frases
saltos de sandade dos pais e dos
irmãos que ficaram na fazenda
em que trabalha e que abandona
para tirar o serviço militar.
Fiquei realmente tocante, pelo
contraste entre seus ombros largos e
fortes e o sentimento avassalador da
sandade, misturada ao medo do
novo ambiente.

Com uma palavra ter-
na toquei-lhe o braço. Mas, exa-
tamente como uma criança que
ao se sentir mimada redobra o
pranto, assim fez ele, escondendo
os olhos num lenço sujo.

Examinei-lhe os papéis e
imediatamente a certeza de que

nada poderia fazer: trata-se de
um insubmisso.

Parece chorando pelas
mãos de muitos oficiais, e mesmo
o comandante interrompe-se,
mas, a lei em cima da cora-
ção de todos...

Ficará. Se não ficar, co-
mo explicará em casa, a que diri-
mão tarde a seus filhos? Dois
meses, serão suficientes para que
se adapte. Trará os pés descal-
ços por entre botina preta;
as mãos prontas de lavradia tal-
vez se amaciem, a calça e a
camisa simples serão guardadas
e se verá, de repente, pintado de
verde e comendo a hora certa.
Falará de coisas e coisas que
precisará guardar na calça - não
achará lugar para tudo. Men-
dará também o porte, o andar, e
as suas pobres consciências tornarão nov-

462
ruras. (Que ruras?)

Por fim, quando estiver acos-
tumado com tudo, com o bode,
a melata fácil como a comida,
os sete botões da túnica, quando
souben que sua mãe referindo-se a
ele disse: "Meu filho é soldado", com
esse orgulho, orgulho de gente prin-
cipe. - "Meu filho é soldado. Tra-
cará todas as roupas por um pe-
dazo de papel, receberá uma pas-
sagem, embarcará, chegará em
casa, e levará quantos meses
para se readaptar?

Quando o carro em que eu
vinha debria à esquerda, vi dois
meninos olhando para o lado da
rua, parecendo que fixavam os
olhos de bode. Pensei que ti-
veriam posto bombas ali, pois de-
monstraram aversão com a

aproximadas do veículo que vinha
deslizando as rodas de ferro sobre
os trilhos. Mas quando meus
olhos aproximaram-se percebeu-se
diferente era o fato: um pe-
queno pássaro gris estava pos-
sado sobre o calçamento, olham-
do a perspectiva das duas parale-
las de ferro. E ali ficou in-
diferente. Parei pelo bordo pos-
tamente quando começava a
cobrir o pássaro. Olhando para
trás vi os meninos sorrindo
e a mãe mergulhada no mis-
tério da perspectiva, incólume.
Então os paros encharcaram-me
e ele saiu num vôo incerto
de aprendiz e meu corpo do-
lou à direita e eu comentei
o que via com os colegas e na-
da disseram. Nada. Senti-me
perfeitamente imbuído ante o
silêncio que cobria minhas palavras.

Aut. 24-

"Hay dias en que somos tan móriles, tan móriles
- - - - -
y hay dias en que somos tan fértiles, tan fértiles
- - - - -
y hay dias en que somos tan ruididos, tan ruididos
- - - - -
y hay dias en que somos tan plácidos, tan plácidos
- - - - -
y hay dias en que somos tan líbricos, tan líbricos
- - - - -
y hay dias en que somos tan ligeros, tan ligeros
- - - - -
~~mas~~ hay tambien un dia... un dia... un dia,
en que levamos anclas para farnos volver...
Un dia en que discurren vientos ineluctables,
Un dia en que ya nadie nos puede retener!"

(Estrofo da "Canción de la Vida
Profunda", de Porfirio Barba-Jacob)

Out. 25.-

Nós nos perdemos nos mistérios e atraentes caminhos do mar, no espaço infinito das estrelas.

A felicidade e a satisfação íntima, para nós, está condicionada ao abundante, ao inatingível.

Nosso reino é um astro que ainda não foi descoberto. Ou um continente submerso.

Nós nos vestimos de nuvens, ou de alfas, quando estamos só; e aparecemos em público como todos os demais.

Nossa vida é uma contradição constante. Vinemos sob o peso de uma constante vigília.

Peremos sempre os mesmos; em todos os machucados, em todos os lugares.

Fulgamos que, para nós, viver tem um sentido mais amplo.

Porque nossa existência

não se satisfaz dentro de nós próprios.

Porque temos confiança em que nós viveremos em vão.

A ilusão será sempre o nosso maior bem.

Out. 27.-

Por todos os dias deste mês, e ainda neste momento, ao escrever Outubro tenho ficado suspenso sobre essa palavra, como se devesse recordar-me algo de particular.

Mas não consigo saber o que me prende, e passo adiante, deixando o mistério dentro das vagas, tristes da palavra e da sombria cruz do T entre dois m, como um selino de mastro m, as velas derreadas, âncora lançada entre ondas infinitas.

Out. 28. -
Vibrante deixei que
vultasse tudo.

Um por um aqueles
mesmos sentimentos. A in-
diferença fingida com a presen-
ça; a angústia da ausência;
a mágoa ante essa espécie
de sorriso que despresa; as apu-
lhadas de uma língua sem cora-
ção para ser sincera; o temor
da sinceridade que vira; o cin-
me, o desepo, a febre, a insô-
mia, o fastio... o desconcólo.

Tudo evoluindo, se mis-
turando, as intencões aparecendo
ridiculamente claras sob a luz
da paixão que se vai fazendo as
pauas descontrolada.

E novamente a sensacão
de que estão escavando o chão sob
meus pés para me soterrar. Um
pânico que, com seu próprio bico,

173
arranca as penas das asas para
limitar seu vôo, para amigui-
lar em si o valor dos espaços
que se estendem aqui ante seus
olhos. Sofrer mais uma vez
a sua perda!

— Que nos resta a fazer,
Custódio?

— Desesperar e morrer.

Out. 30. -

Apesar que se aproxima o
verão e que faz frio e chove con-
tinuamente nesta cidade. Não
posso sair de casa, ainda mais que
estou resfriado e com tosse. Meu
sistema nervoso abala-se facilmente,
perco a calma, minha sen-
sibilidade fica tão visível que po-
de ser facilmente percebida. Pinto
saudades de todos, do penado in-
teiro; quizeria reunir todos e tu-

do, como se se tratasse de fazer
um testamento. Pensei na mon-
te, na fragilidade da vida, na
to desejo imenso de carícias,
de sentir alguém preocupado e
cuidadoso comigo... mas não
desejos absurdos. Não me resta
ler. E ainda bem que o que me
resta é bastante. Mas, segunda-
feira, quando a doença estava
bem mais forte, embora abrisse
vários livros, não consegui me
interessar por nada. Tomei, por
exemplo, o poema em prosa de
Hilke e as palavras não se li-
çavam entre si: eram pala-
vras, simplesmente, não me in-
spirando sentimento algum. En-
tão fechei o livro, e no escuro pro-
curei por várias horas o sono.
Em vão. Pensamentos e mais pen-
samentos rodaram por dentro de
mim; todos ou quasi todos liça-

dos "os desdém do mundo, a an-
gústia do amor desprezado".

Hoje, apesar de tudo, es-
tar mais calma. Por uma razão
tão simples, como ridícula. Assim,
vou iniciar a leitura de "Liber-
tad", de Schopenhauer, depois de
haver concluído "O Crepúsculo dos
Idolos", onde Nietzsche pergunta:
"Peria o homem um equívoco de
Deus, ou Deus, um equívoco do
homem?"

Quanto à "Casa Grande e
Senzala", li os prefácios, um to-
tal de 71 páginas... e não sei quan-
do iniciarei a leitura da obra
propriamente dita.

Nov. 4. -

Levadas lentamente para
a praia, duas belas cores de flo-
res, rosas boiavam sobre o verde
das águas do Leme, no dia de

Finados.

Ruth foi quem avistou
primeiro e todos correram para
a sacada.

— São flores para os mor-
tos no mar.

Sentou em paucos uma
dela, ancorou na areia molha-
da, junto ao rochedo, e ficou
tranquila. Mas a outra foi
vítima da curiosidade e gra-
ço dos meninos que se ba-
nhavam. Aproximaram-se
dela, arrancaram flores que
flopavam nos seus ombros, cor-
rendo todos para evitar que
as flores caíssem sobre si, como
se traxessem o veneno da morte.
Um menino leu desprendeu
a fita rosa e lançou-a para
o ar; deu uma volta no espaço
e estendeu-se na praia. Logo
o mar ficou salpicado de

177
flores que desapareciam aos pau-
cos sob a espuma das ondas.

Enquanto os criancos
brincavam com a coroa, M. fi-
cou nervosa e saiu da sacada:
— Não posto de ver isso.

O que morreu no mar,
naturalmente, ao avistarem,
seis recolher todas essas flores
e chorar sobre elas...

Nov. 13.-

Ambiente artistico do Rio:

Ninguém posta de ninguém.

Tudo o mundo desfaç tudo o mundo.
Um desprezo immenso por tudo o
que não é seu; por tudo o que
foi produzido por outros.

Se nada se vive de va-
lor creio que se ficaria completa-
mente desiludido. Pois eles dão
a impressão de que tudo não

para de distração, ocupação, co-
mício.

Falei que havia escrito
algo sobre Ibsen. Eis o que disse-
ram, pessoas diferentes, isolada-
mente, em dias diferentes:

— Acho Ibsen muito
"chato". (E me escreve peças).

— Nada adiantou teu
trabalho, pois fica tudo na "pa-
nelinha".

— Tem alguma peça
dele? (Como se fosse possível fazer
se algo sem ler o autor.)

Ninguém interessou-se
por meu estudo, no que, aliás, an-
daram muito acertadamente. Mas
o caso é que isso me desconcertou,
me angustiou, me deixou a im-
pressão de que nada do que fiz
até hoje tenha valido a pena.
De que ninguém até hoje escreveu
nada conscientemente; e que

179
ninguém se valor ou seriedade
em nada.

Mas poucas horas antes de
reprezar assisti a um espetáculo
tão maravilhoso que me restabele-
ceu prontamente: entrei no Mu-
nicipal e vi Vila-Lobos ensaian-
do com o coro do Conservatório o
seu "Descobrimento do Brasil"! Que
coisa bela e grandiosa! Enquan-
to lá fora ninguém acredita em
nada ali dentro estava ele, sen-
tado em frente à orquestra e o
coro, conduzindo e dando senti-
do a todos aqueles sons, aquelas
vozes que concertavam na
intenção. Ou mesmo Vila-Lobos
que diz: "Não sei porque ainda vol-
to ao Brasil, onde ninguém pos-
ta de mim, ninguém me com-
preende."

Nov. 25.-

Um capitão do Exército, servindo em Foz de Iguaçu, recebe mensal e tecnicamente 6.480,00 cruzeiros. Hoje, depois de receber o que efetivamente se recebe, isto é, depois de sofrer todos os descontos a que está sujeito, e uma vez saldados todos meus compromissos, sobrou pouco mais de uma insignificância, isto é, cerca de 400,00 cruzeiros. Isto é suficiente para me deixar inatado por vários dias. Inatado principalmente contra eu mesmo.

Nov. 30.-

Benjamin Constant 850.

É meu novo endereço desde então. A mudança, como todas, foi causativa e enriquecedora. Estamos em cinco. O apar-

tamento é menor, e como na última hora a coisa, mais uma vez saiu ao contrário do que eu esperava, continuo com o mesmo companheiro de quarto. Menor, não cabe nem a mesinha em que escrevia, razão por que estou escrevendo sobre meus joelhos, como mesinha de internato.

O prédio é de esquina. De um lado, um palacete tirando-nos a liberdade de andar a vontade; do outro, um campo de futebol em que hoje, domingo, desde a manhã sucedem-se partidas, como as séries contínuas de cinema.

Seg. 1º

De uma carta a minha irmã Cora:

"Viste as ondas do mar como imagem de tua felicidade va-

pa e fugidia, eu os uso como sím-
bolos da minha inquietação e
inconstância. O meu maior mal
é que deixei crescer de mais o
meu sonho e fui não o pôr de ma-
nar. Meu sonho de valor, de plô-
ria, de inteligência supera todos
meus valores reais, e' muito maior
do que eu. Tenho dentro de mim
um tão immense mundo de irreali-
dades, que me conduz sempre à
insatisfação."

Day 2-

O primeiro é o seguinte:

Primeiro manter-se sim-
pático, tolerante, compreensivo, a fim
de conquistar-se a estima, a confi-
ança, a amizade. (tão quanto
mas, qual melhor, para que o ob-
ra seja o mais propício possível.)

Depois, insinuar por
gestos e palavras veladas, alguma sen-

timento obscuro. Aqui toda a can-
ta e' pouca. Quanto mais particular
melhor. Por surpresas sentimentos
no campo adversário que, conforme
a inteligência com que se lida, po-
dem significar curiosidade ou in-
diferença. De início, a não ser que
haja uma identidade rapidamente
descoberta, as respostas não devem
ser dadas, integralmente ou com-
ta: porque o sentimento e' mais
por cortesia, respeito ou incompre-
ensão. O perigo desta fase e' satis-
mo. Por ele poderemos comprometer-
nos nos imediatamente, pois e'
grande a atração que existe. Também
quando o sentimento ultrapassa o
cálculo raramente deixamos de perder.

O terceiro ponto e' a confis-
são mais ou menos direta, envolta
sempre em ações abertas, que devem
lançar a dúvida da intenção. Quan-
do a adversário pulpa que o lance

final seria dado, promettamo-lo. Ah, como é evidente, o cálculo deve preceder o sentimento. C. cede facilmente, porque tememos a reação que advirá.

Ah! em ponto, se o processo não deu resultado — e isso é fácil de se perceber: basta um certo sorriso ou uma palavra vulgar (as palavras vulgares exprimem sempre sentimentos vulgares: só as pessoas de alguma elevação espiritual conseguem purificar nas expressões os seus sentimentos mais íntimos) — não dando, pois, resultado, o processo sofre uma completa revolução. Nasce o sentimento de perda, de prejuízo. A dolorosa sensação do fracasso.

Aqui o perigo iminente: a raiva atinge o nervo, que fica exposto. O sentimento de vingança avoluma-se; somos tentados a ferir quem nos ofendeu (assim o pulgamos). Percebemos a ironia, o despriso, e quer-

183
mos retribuir. Mas a ironia é muito mais ironia artificial, intelectual, de grande efeito; ironia que provoca uma reação, a qual chegamos a desferir, num ímpeto de auto-flagelação. O despriso é completamente vão e hipócrita. Mais uma vez somos contraditórios: a cada ironia nasce um arrependimento; a cada arrependimento um gesto de carinho.

Então, tudo está praticamente comprometido. Nada mais depende de nós. Ao adversário cabe dar a solução para tudo. Ele decidirá nosso futuro, parámos a ser marionetes, bonecos de enfeite e ridiculos.

Por fim, o despo de fúria, para recommencarmos mais uma vez o mesmo processo...

Dez. 3.-
"A natureza do homem é de
temer e, por isso, detestar quem quer
que possa prejudicá-lo, mesmo quando
pode fazê-lo com justiça."
Vittorio Alfieri (A Tirania)

Dez. 4.-
C'era' sempre assim: triste,
doente, insatisfeito.
Pera' sempre assim?

Dez. 11.-
Trinta anos!
C'era' corações vasos.
C'era' mãos variadas.

Dez. 21.-
Reflexão de um lebede, on-
tem, sob minha janela:
- "Nasci sem querer e vou
morrer sem querer."

187
Amália entrou em férias
e deu seguimento para o Rio.

1953

Jan. 27.-
Itinerário de férias:
Noite de 27 de Dez., embarque
e chegada ao Rio.
Dia 30 de Dez., embarque
e chegada à Porto Alegre.
Fim de 13 de Jan. embar-
que e chegada a Tramandaí.
Noite de domingo, 18, repen-
so a Porto Alegre.
Dia 20, repenso ao Rio.
Noite de 21, repenso a
fuga de Foz

Durante minhas férias li
tão somente um livro: "Nôis, sur
André Gide", por Roger Martin du
gard, curta mas cheia de sentido.

coisas preciosas sobre a obra e, principalmente, sobre a personalidade de Fide.

Algumas experiências interessantes, decepções, alegrias e tudo o mais que caracteriza um mês de férias.

Um dia integralmente desagradável: 5 de janeiro. Por quatro situações a que me sujeitei voluntariamente: um embarque no aeroporto de Porto Alegre, um ritual e abundante almoço de matrimônio, a promena por um bar da cidade (estrutural) e, por fim, a entrada em um território militar.

A 7 ainda persistiam as sensações desagradáveis desse dia, o que me levou a escrever em uma folha de papel ím-

que neste momento não me atinge da mesma forma: "É a alma que se desapega. A vontade de repensar, sem saber para onde."

De um modo geral, Porto Alegre me decepcionou. Creio que não mais poderei residir aí. Cheguei mesmo a sentir falta do apartamento daqui, da camaradagem dos colegas, da eletrola, dos meus livros. É quando sou forçado a concluir, agora, que talvez já seja tempo de me ir para outras terras, sinto-me triste. Mas é necessário e aconselhável, antes que seja inevitável.

Jan. 29.-

É lamentável que só agora tenha conseguido "Casa de Bonecas" e "O Espectro", já em edição de 1950. É foi preciso ir a Porto Alegre para descobri-los.

O primeiro drama, que fa' li-
vale pelo desfecho. Não é de se
admirar que tenha causado
tanta discussão quando represen-
tado na Europa. Na verdade,
a nossa sociedade atual tam-
bem não accitaria o procedi-
mento de Nora, porque a socie-
dade é puramente Helmer.

É sobre o concurso em que
concorri com o ensaio sobre Ibsen,
nada mais sobre a respeito.

Noite de 29. -

Como me fez falta a lei-
tura de "O Espectro" para fazer
o pequeno estudo sobre Ibsen!
Concluo agora sua leitura, a lei-
tura desse drama patético, en-
fa maravilhosa e profunda in-
tensidade dramática e' quasi
sem confrontos!

191
Fev. 2. -

De um momento para o outro,
renasceu tudo. Voltara com a impres-
são de cura; mas foi tão somente
um aprofundamento de tensões interior-
nascidas, talvez, de mês diferente,
de dimensões e aburdos.

Como é estranho! comecei
com uma discussão em que ficou
patenteada sua falta de educação.
Então, passei um dia inteiro sem
lhe encarar. Procurou-me sem
cenar. Não resisti; mesmo porque
seria contra-indicado, dada a
convicção e necessidade de
tolerância.

And now, in this mo-
ment, I am jealous because he
is in the telephone talking with
a girl we don't know. I was
listening the radio, but I couldn't
stay there. I turned off and here
I am with my shadow, my

books and my problem, that
receives not answers.
How stupid I am!

Feb. 3.-

Mon amour s'en va t'en
prouver... C'est à dire, il prend
son chemin. Aujourd'hui je fais
de la provocation, née d'une sim-
ple question du métier. Je vis que
pour ~~me~~ ne troubler pas ses in-
térêts particuliers, il ne desire
pas aller à une exercise militaire.
Après une courte discussion, dans
laquelle j'ai insisté de prouver qu'il
met son intérêt au dessus de
toute autre chose, il s'en suit
avec une soumission sans couleur.

Depuis, chose étrange, quand
je fus descendu, fut il le premier
à me chercher. C'est bon. R'il
fut ainsi que moi, tout était perdu.
Mais je sais aussi qu'ainsi faisant

193
il m'invite à l'offense. Je me com-
prend : j'espère une réaction de lui.

Maintenant je sais quelle
fut l'origine, le motif de mes
paroles acerbes : il n'ira pas à
l'exercice, parce qu'il s'en va t'en
vacance. Je ne desire absolument res-
ter seul.

Comme tout cela c'est ri-
dicule. Néanmoins c'est sincère. Ah!
c'est la tempête qui recommence.
Il sait tout, il comprend tout et
il sourit. Pas d'autre chose. Il se
moque de moi.

Feb. 4.-

Tenho a promessa certa
tenência à vida sedentária para
mim. Além, tem sido uma recusa
mas em meus forçada : faço um
tratamento que me impede de be-
ber. Mas não me impede de sair.
No entanto, não tenho sentido

a minima disposições para isso.
Domingo à noite fui a uma
festa e, impossibilidade de beber,
achei tudo perfeitamente entupido
e concluí que sem álcool
não toleraria a sociedade. Se
eu pudesse evitar esse espediente,
seria ótimo para meu espírito,
creio. Logo, de dia, de abstinên-
cia, provei um copo de cerveja
e foi com dificuldade que che-
guei ao fim. Mas, se eu deixasse
de beber deixaria de ser o Harry
Pons, conhecido nos meus mili-
tares; sou forçado a confessar que
é a bebida que me dá mais
segurança na camaradagem de
meio em que vivo; ela facilita
minha dissimulação, me torna
alguém, mordaz, e eu mesmo que
uma pessoa interessante para
companhia. Também notei que
em estado mais ou menos de

embriaguez minha superior lan-
te se esvaia, torna-se em
centro de interesse, deixo a
conversa, adquiro espírito e
a "populandade fácil" de que
me falam meus amigos autênticos.
Mas quando a embriaguez se
adianta me revela estupidamente,
a guarda policial toda se
deita para dormir e sai o
mal pelo portão, sem minha
fuga que é impossível. Nos dias
subsequentes, tenho que agir de
tal maneira, com tal separa-
ção, que faço esquecer a posi-
vel situação adquirida pelo confi-
dente substituído e pela divisão
de honra. No domingo deino a uma
coléza que a vida sem álcool tem
se dia de amanhã, e penso por
uma vez que isto era bem mais feliz
do que eu, por não precisava de
artifícios para sentir-se a vontade.

"Eligmente este o álcool na vida
e nos três dias de Carnaval iten
de lanca-perfume."

Fev. 8. -

Estive relendo ontem e
hoje grande parte de meu diário
e encontrei bastante coisa que
li com prazer, encontrando va-
lorosas coisas. Mas também
verifiquei que a produção de
1952 decaiu bastante, tendo per-
cebido algum adiantamento só-
no que se refere à crítica em
que, a meu ver, adquiri certa
penetração insuperável nos pri-
meiros trabalhos.

Com tudo isso, vol-
tei-me a desep de publicar, de-
pois de uma reflexão de assunto,
o que poderia trazer como tí-
tulo: "Diário Diário Intimo", e
como epigrafe o seguinte pala-

197
vros de F. S. Elliot, numa ^{tradução} da
Revista Regras, n.º 9, de agosto de 1948:

"A continuidade de uma li-
teratura é essencial para sua gran-
deza, e é sobretudo função dos es-
critores secundários preservar es-
ta continuidade, e oferecer um
conjunto de obras que não serão
necessariamente lidas pela posteri-
dade mas que desempenham gran-
de papel na formação de elo-
entre aqueles escritores que conti-
nuarão a ser lidos."

Cris que aí está uma
justificação para minha aventura.

Então, organizaria o volu-
me separando-o em três cader-
nos, o primeiro que corresponde aos
cadernos existentes.

Fev. 11

Voltei sexta-feira 13 de Feb
Horizonte onde parei quarta e

quinta-feiras, a serviço, como escri-
vão de um inquirito. A cidade,
em matéria de traçado e hama-
nia de conjunto é das mais belas
que conheço. A igreja da Pampun-
ha é algo para a gente contempla-
lar, como se fosse um museu
de Arte.

Sábado, 14, embarquei
para o Rio e lá fiquei durante
o Carnaval de chuma. Nada
de particularmente especial além
de ter conseguido mais dois livros
de Graham Greene para ler. O
primeiro, que também arranjer com
o A.B., impressionou-me viva-
mente: "La Fin d'une Liaison". A-
gora tenho "L'homme et lui-même"
e "La Puissance et la fleur".

Hoje de manhã voltei
ao serviço e encontrei tudo mes-
mulhado na maior das monotô-
nias, o tédio penetrando por to-

dos os sentidos.

199
Fev. 22.-

A impenidade de ~~de~~ nos-
sa gente simples manifesta-se, às
vezes, de um modo chocante. O
suborno no Brasil é atributo de to-
dos os profissões e classes sociais. Dia-
riamente os jornais noticiam ca-
sos dessa espécie e a consequente
abertura de inquiritos. E os co-
mentários a respeito, transforman-
do-se das cidades até os remotos
povoados de nossa terra, peram
incidentes até certo ponto cômicos,
quando elementos do povo entram
em contato conosco.

Um dia, por exemplo, meu
Comandante em Casais do Pul rece-
ber de presente um "corote" de vinho
da colônia, trazido pelo ~~meu~~ pai-
de um convocado que deixara de
servir ao Exército. Procurando le-

brar-se de como meucera esse obsequio
recordou-se que o coronel promettera
dizendo:

— Se o senhor der um jeito
para meu filho não servi em lhe
mando um corote de vinho.

O Coronel sorriu calmamente,
pois nada mais havia a fazer, e
como naquele ano muita gente
foi dispensada de incorporação, o
rapaz foi incluído naturalmente
na relação de exceno, sem a
intervenção de ninguém. E o co-
lonel cumpriu a promessa.

Também aqui em Luiz de O.
na acentese curso semelhante.
Como estivesse em na comissão de
classificação dos recrutas, foi pro-
curado por um menino que me
perguntou:

— Será que o senhor não
pode me mandar para tirar o
tempo no Quartel General?

— Por que é que quer ir pa-
ra lá?

— É que meus companheiros
vão para lá e eu queria ficar com
eles.

— Está bem. Vou ver o que se
pode fazer.

E quando foi me dispunha a
escrever seu nome em um cartão
para pleitear a transferência, acres-
centou sem malícia:

— Se o senhor arranjar, de-
pois lhe dou uma porgeta.

Mas o caso mais interessante
talvez seja o de um tenente, aqui
no 12.º R.I., que, tendo sido designa-
do para curador de uns insubmis-
so, recebeu essa proposta:

— Eu não sendo preso lhe
dou uma galinha.

Infelizmente, quando o ob-
jecto não mais é a gente sim-
ples dos campos, os objectos também

aparecem e cheias de maldade. Ainda em Cascas encontrei o Ten. M. P. W. furioso porque um conscripto oferecera-lhe, para ser dispensado, e duvidando de sua integridade, a importância de mil cruzeiros! Em oficial, conforme contem-me outro que assistira o fato de certa distância, ficam brancos, os lábios tremeram e retiraram-se sem uma palavra.

Fev. 24.-

O caso dos cinco mil cruzeiros foi realmente atordoante.

Passou-se no mês de março de 1952, em Porto Alegre, e originou-se no fato da obrigatoriedade de minha transferência para esta cidade.

Refiro-me ao negócio da transferência do apartamento para um tecto cujo nome, no momento, não recordo, se bem que não deveria

esquecê-lo.

Passamos a primeira quinzena desse mês anunciando a penapem do apartamento 42, com móveis, para quem ficasse com eles por quinze mil cruzeiros. Ao mesmo tempo procurávamos casa ou pensão em que ficassem C., D., e E.

De repente, pareceu que a sorte havia chegado: um casal de recém-casados, em conversa com amigos comuns, soube do negócio, interessou-se, veio ver o apartamento e achou-o "um amor". Foi num sábado, não sei se a 8 ou 15 de março. Tal acontecimento fez com que suspendêssemos todos os possíveis negociações que surpiam no domingo seguinte. Dada a necessidade que eu tinha de embarcar, com R., conforme decidira, tratei de providenciar meu embarque, por tem, e ficou tudo marcado para 24, segunda-feira. Entremen-

to, na semana de 9 a 15, consegui
um quarto em casa de família à
Avenida Independência para in-
stalar os que ficavam, e foi feita
a mudança. Também tratamos
da mudança de responsabilidade
de aluguel do apartamento, tendo
passado para o firmamento a partir
de 24, quando tudo seria claro.
Demorei, como "sinal", a importan-
cia de cinco mil cruzeiros, com-
prometendo-se a entregar o resto an-
tes de eu sair embora.

Nesse meio tempo, a D.,
fiz minha despedida da escola,
com um discurso que me valeu a
reputação de "inteligente e culto".

Tudo ia admiravelmente
bem quando, na véspera do embarque,
domingo 23, depois de tudo rapidamente
feito, instantaneamente, cedendo lugar
ao pânico, ao caos, ao medo!

Chegar o Sr. firmamento

de tarde, semana de 30 dias. Vinda
para entregar o resto do dinheiro e
saber os alunos. Mas, chocou-me
ao ver que o seu lar não ficaria
com amor, depois da mudança. A.
percebeu de havermos especificado:
isso vai, isso fica, etc. não imagi-
nava o que realmente ficaria, e
lá por dentro pulpar que o que ficou
não valia o dinheiro perdido. Então
foram duas horas, cento e vinte mi-
nutos em que avançamos duzentos
e quarenta argumentos de desami-
nos que chegaram com quatorze
e oitenta antes de terminarem. Por
uma pergunta era perfeitamente ab-
soluta. Sabendo que eu embarcava
dali a algumas horas, que expla-
rei-me. Havia um propósito inflexi-
vel que não se entendia. Para
aqueles que não estavam de pro-
pósito, a P. tinha defeitos em
tudo, capotava a máxima ~~inflexível~~

inbecilidade em todas as regiões
e todos os gestos. Ele de um lado
da mesa, eu do outro, sentados,
um cingido à minha frente que
se enchem aos poucos. Fiz questão
de destruir-lhe toda a argumenta-
ção. Quando falou que a proposta
era sacrificar pintura na casa
e que lhe sairia caro, fiz R. de-
levar as Dr. que sacrificassem
nos domingos do domingo para
até a ele e negar, para depois,
em particular, dizer-me: "Este
homem é louco!" Mas, se não
tinha lógica em palavras, firmou
a ideia de destruir as negociações.
E não tinha coragem de dizer in-
duzido forçar-lhe estas palavras, re-
iniciamos várias vezes o debate,
e eu, pensei-me ante essa ridícula
situação, cousei-me dela. Tive
nojo dele. E pensa. Desprezei-lhe
tanto que viembrei a perseguição

212
bilidade de humilhá-lo. Deixei a
oportunidade que não teve a cora-
gem de montar.

— Então, só há uma solu-
ção: desfazer o negócio.

Ainda assim, não teve cora-
gem de admitir. Ficou calado, as
mãos de umha pintada, sobre a
mesa, o olhar cingido e caído
dos fumeiros do Nordeste — e a
mesma obstinação.

Compreendendo então, certifi-
cando-me, de que o que o prendia
àquela cadeira eram os cinco
mil cingidos que adiantara, le-
vantei-me, fui ao quarto ~~onde a~~
malta já estava pronta para a
viagem, e voltei com os 5.000
e lhe pus nas mãos. Então a-
cordou-se. Tem a inocência de
perguntar se não queria eu que
indenizasse alguma coisa. E
antes de retirar-se estendeu-me

a mãe e disse: "Vão me levar a
mal". Não lhe estendi a mão e
respendi:

— Não pare absolutamente
fulga-la bem.

Fechada a porta, C. R. e L.
estavam petrificadas. Tudo volta-
va à ordem. Aquela diáspora era
indispensável a que R. enfrentasse
algum tempo de desemprego no Rio.
Depois de alguns minutos de comen-
tário em casa, tratei de ser razoá-
vel, amulei as panopias na Vi-
côa Férrea, e fiquei novamente
sem saber nada. Como viajar-
mos? Quando. O apartamento novo
e não novo.

Deito de dor em três dias pe-
ramos a viver no escuro. O miúdo
vel mandava cortar a luz.

Ruth foi morar com uma
amiga. Eu parei a usar vela

no apartamento que montáramos com
tudo o canudo para a felicidade dos
irmãos. Dessa vez o deus não tinha
até velas. E espávamos o domín-
go, pois era o dia em que talvez o
novo anúncio desse resultado. Mas
a semana toda, de 24 a 29, foi de
plantão, em que nos revezáramos
na espina dos poucos frequentes.
Nessa situação as despesas triplicá-
ram: papéis e o aluguel do aparta-
mento, e da pensão e muitos
refeições. Chegando o domingo, apare-
ceram três casais de frequentes, com
três motivos de desagrado. O últi-
mo sair iluminado por vela.
Foi a última oportunidade que fari-
a. Resolvi não reagir mais, pois pa-
recia que toda a resistência seria
inútil. Quando a coisa chegou a
este ponto, me disse um amigo,
a única solução é relaxar os miú-
dos. Dedicar, aceitar. Não haver

na minha pessoa que compreendi
minha atitude devolvendo o
dinheiro. Por fim, não eu mesmo
me justifiquei e passei a conso-
lar, compreendendo as reticências
alheias, que eu era uma "trouxa".

Reconhecendo a situação
lugar pessoal, retornou a sua
dona, resistindo-se a lugar,
completando o abrigado, comprou de
panaques de arizão para o dia,
sábado, disposto a convencer o
caro. R. não reagiu a nada. Esti-
va cansada, triste, sem compreender
nada mais, aceitando tudo. Via-
jando por terra, vivíamos por conta
do Ministério, mas era intolerá-
vel a ideia de cinco dias sem
do os fatos dentro do balanço da
vida pessoal.

Na madrugada de 5, o despertador teve um som parecido com a liberdade. Mas no cer-

parte, sem um amigo presente, a
minha tristeza parecia infinita.
Eu fugia devotado! Nada que in-
tentava fazer dava resultado. Perde-
ra completamente a fé, a confian-
ça em mim. Era um desastre que
embarcava. Ninguém, ninguém...

Sente em pouco o sal esta-
ra em todas as mãos, ^{para} ~~para~~ andar. O
povo enche-las ia de palavras, sorris-
sos, mas para mim, não. Para mim
nada daquilo tinha sentido. Não
era para mim o sal, as mãos não
eram para mim, nem os sorris-
sos e as palavras do povo.

Margo, 1st

Haviam um tempo em que
 julguei que o amor, ~~foi~~^{era} ~~uma~~ ^{uma} ~~revela-~~
 ção ~~que~~^{que} ~~se~~^{se} ~~est~~^{est} ~~perzava~~^{perzava}, que perderei,
 aos poucos, seu estanho fluido.
 Via-me entãto que a obra de Dante
 conservava o amor, em todos os versos

aspectos, como um dos temas preferidos. Falei a meu amigo F.P.S. sobre isso e ele respondeu que "o amor é um problema eterno como a morte". Hoje, para mim, é uma evidência. Mesmo assim, numa época em que a ciência quer dominar todos os setores, certos fatos românticos que a imprensa noticia, ou que pessoalmente verificamos, soam um tanto abundantemente. Mas a verdade é que a tragédia de "Romeu e Julieta" ainda se repete, e pode repetir-se diariamente. Há pouco tempo, em Nova Iguaçu, um casal de namorados suicidou-se impedindo o casamento, em virtude da oposição da mãe da moça contra o pretendente. E o povo fez com que se cumprisse o desejo de ambos de serem enterrados juntos, e o comércio fechou suas portas enquanto

213
to o cortejo fúnebre passava. Eis aí como o sentimento do povo, apesar de tudo, não se transforma.

Brasília Também aqui no meu quarto vi o desencaixar-se de uma tremenda paixão. Meu companheiro de quarto, vendo-se afastado de seu amor pela oposição dos pais da moça, entregou-se ao desespero e à inconsequência. Pensou em suicídio; dirigiu seu corpo durante 27 horas, sem descanso e sem alimentação, como que fugindo de si; escreveu cartas apaixonadas, perdeu o sono, a fome, o prazer de qualquer convivência e quando, um mês depois, certificou-se de que era correspondido, viu-se curado. Agora, quando é escondido dos pais, recebe um sorriso ou uma palavra dela, volta para casa com a chapa de seu amor-próprio banhada em água de rosas.

Noite de 1.º

Cheguei à conclusão de que nada mais sei de História. Por isso tenho lido uma série de livros a respeito. O facto é que desde a Escola Preparatória nada mais leria ou estudara sobre isso, a não ser "Histoire de France" por Jacques Bainville, que pretendo reler.

Do mesmo tempo que faço esse estudo, comparo a maneira como os diversos autores apresentam o assunto. Firmin Roz, por exemplo, em sua "História dos Estados Unidos", é mais didáctico que outra coisa; chega a detalhes de combates e batalhas que poderíamos desconhecer. Até à metade do livro, que é onde me encontro, tem-se attitude quasi exclusivamente à parte política, descurando fatos de ordem social e cultural que muito me interessariam. Não tem uma capa

cidade de síntese de André Maurois, em "História da Inglaterra"; ou talvez não tivesse necessidade de empacotá-la, uma vez que a história americana é mais breve. De qualquer forma, realça a superioridade de André Maurois pela maneira inteligente como dispõe os exemplos, como apresenta, a par do movimento político, considerações de ordem religiosa, social e cultural. Para apreciação de Shakespeare (livro IV, capítulo XI, item V), "que fez viver um mundo", é um trecho de antologia. Mas, de leitura muito mais atraente me foi "Os Germanos", de Emil Ludwig. Sua maneira de fazer estudo de história através da biografia prende mais a atenção pelo que tem de acção pessoal, algo como ficção. E também por se tratar de fixar personalidades, situando-as entre a terra e o povo de sua época.

temos com esse livro uma visão
dos valores individuais, um anti-
como em religiões ou política, e
vemos o carácter do povo alemão
expresso claramente ante nossos olhos.
Ludwig, talvez pela presença que es-
colheu, revela maior capacidade
de penetração do homem e seus pro-
blemas; tem maior possibilidade
de fazer psicologia, e que me apa-
da bastante. Diz, por exemplo, a
propósito não sei de que pessoa-
gem histórica: "Os indivíduos desti-
tuídos de segurança interna sentem
a necessidade de constantemente se
memorar os seus triunfos".

Com esta disponibilidade para
o gênero de livro em questão, cometi
um aburrido, dada, minhas condi-
ções financeiras: encomendei, da
Editora Jackson, uma obra de to-
tante preço: "História do Mundo".

292
e isso sem conhecê-la, sem saber
de seu valor.

Março 2 -

Se a tuas conta todos
os livros que se planejam, teria tal-
vez uns cinco ou seis romances.
Reflexões: como cadete imaginei um
com, uma trama complicadíssima
uma, cuja ação passava-se em Porto
Alegre, São Paulo e Rio. Pretia resolver
de tudo em forma de cartas, e passava
se no tempo em que havia a cen-
sura da correspondência: e assim
intravamos pela primeira carta e
diferença, acompanhando e desenrolando
drama, comédia e crimes de abominação
correspondência mistra, chegando a
prever a resolução da situação difí-
cilada, por demorações, etc. etc. Tinha
bem na cabeça, resolver publicar um
novo anti-biografia, sob o título de
"O Ideal do meu jovem Mediceu".

em que eu daria um rumo pessoal
com meus reportes, foi o livro
que perdi. Em Natal continuei
uma auto-biografia e iniciiei
um romance "O Segundo", cuja
ação se desenvolveria em Regembé-
nia, ficou inacabado e perdeu-se
com o resto. Era de uma licença
muito adiada, e eu não estava
preparado para tal. Lembra-me de
que havia uma criatura mais ou
menos assuada que eu não sabia
como apresentá-la a fim de livrá-
la de absurdo ou ridículo. Depois,
 lendo "Orlando", Virginia Woolf, che-
guei à conclusão de que esse perso-
nagem não aprovava. Nesse me-
mo tempo eu continuava o auto-
nato com o conto. Sendo a escola
eu o escrevia mas nunca me
satisfazia inteiramente. De após
o Natal, no entanto, muitos
rédios surgiram e realizei al-

guns que reuni em um volume sobre
o título de "Os Inocentes", nome
que dei ao último conto. Foi quan-
do fiz uma tentativa de publicação
que não deu certo por falta de verba.
Depois, veio-me a ideia de
acompanhar meu drama de Natal, es-
crevendo um romance do qual che-
guei a iniciar o plano. Era ridículo
com parte que passava de muito per-
soal, e que exigia uma situação dif-
fícil para mim. Substituí então
o projeto por outro: "Biografia de Olívio".
Seria novamente um trabalho auto-
biográfico, algo como "A Vida de Be-
tão quando jovem". Era mesmo
plano tomar mais tarde o nome
de "Diário Memórias de Rosário", te-
mado de um soldado do 18º Regi-
mento de Infantaria, em Corte Ple-
te. Mas depois o contendo o sol-
dado, mas esse nome me parecia
ter linhas que me impressionavam

fundamente. Mas o plano foi se transformando sucessivamente e dentro em pouco estava completamente desfigurado.teria uma romance, fiz planos, escrevi o primeiro capítulo, e, por fim, abandonei.

Mas, tarde tive a ideia de escrever um auto romance que tratava de quatro personagens que, pouco a pouco, iam se transformando em um só. Recontava-se iam nos autos e a identidade chegaria ao ponto de se unir num única só pessoa; apesar da atividade diversa que exerciam, era identidade na evolução por que a todaavia um único e grande problema. Dida depois me atei este tema.

Por fim, veio o desejo de reconstruir em peças o meu primeiro amor.teria mais uma vez

221
auto biográfico. Cheguei a escrever dois capítulos e talvez um dia se escreva.teria por título: "O G. pelho". O papelão foi sempre um simulacro de que parte. É próprio para tanta imagem, e tão bela que me atei com valentia. Com Ralho acrescentam-se algumas de grande beleza.

Mas atualmente é que me domina e o desejo de publicar o livro, ainda que não integralmente. Já se tem uma máquina, já tem iniciado o trabalho de digitação e datilografia. Dida que de nada serve, daí me ia um pouco de estudo, sentimento de realização e conforto moral.

Maria Y.

Hyp. quando começou a escrever, tinha uma doce nostalgia de lar. O céu de um azul

muito desmaiado não tinha as colorações dos parentes do Rul: estava sem unhas e triste, ainda sem estêlo, e as lâmpadas do morro do Cristo formavam um estranho cruzado de luz. Havia poucas, eu recebia duas cartas de casa. Ruth e Judith. Esta última me escreveu porque, de repente, tive a impressão de que está velha e só. Depois de ela dizer: "Agora felicemente já estou morando em minha casa e muito contente", não creio que seja necessário comemorar-se e sofrer por tanto tempo um drama para ter o direito de, no fim da vida, conseguir-se "a casinha" tão desejada.

Tive vontade de me sentar com Ruth e de ouvi-la contar tudo o que viu na viagem, perguntar por todos, saber de tudo.

E neste momento acho

223
tudo insuportável. Pois vinemos por tanto tempo nos longe dos outros que chega a ser quasi aborrecido esse amor que nos unirá para sempre. Como são profundos os laços do sangue!

E no meu caso a noção de família é diferente dos demais, das demais pessoas do mundo. Eu diria, por exemplo: "recibi cartas de casa". Nada mais falso. É uma expressão roubada e sem sentido. Com efeito, aonde é minha casa? Não é mais em Tijuca, único lugar aonde realmente foi; não é em Pano Furado, aonde convivi os únicos anos de minha vida com Judith, também em Porto Alegre deixei de ser... "Minha casa" é aonde estão nossos pais, aonde a família se conserva. Mas, para mim, "minha casa" é aonde corre o sangue dos que mais me querem e a quem mais quero.

Atando assim para dizer que ench-
canta de casa, canto do campo, can-
tas de cinema que se conhecem to-
ta e tão pouco, que se compreendem
tanto e tão pouco, que se desentendi-
dem e se separaram mas voltam
sempre com a coração cheio de
carinho e reservam para mim
lhos pensamentos para brindar
a dolorosa renúncia de uma felici-
dade perdida.

Maria S. -

Tenho andado tão cal-
mo ultimamente que, tudo so-
pentinamente converte-se de-
tado, me arreio. É que posso an-
dar por perto uma tempestade.

Pela primeira vez, mi-
nha situação financeira não me
abate. Talvez seja porque nada fei-
zendo o Carnaval e que, por sub,
seja o apogeuamente dos novos

226
Também, no qual tudo está bom
feito todo o dia. O bicho é que
não reflete sobre o estado do
espírito.

¶ Mas no meu caso cabia
uma situação desagradável compa-
rar a minha pessoa a pessoa
independente de um colega cujo caracte-
ra é da pior espécie, que se trata de
sempre por sua intuição e mal-
dição, porque em tanto fazei-
la e convenci-la foi com um de-
ceito; a pessoa deve compa-
radora de caserna, sua maneira
de falar entrecando todos os
e outras coisas e as novas palavras
repleta de maldade, e talvez en-
ma de tudo, o temor de que me
intimpe e me envolva, tudo en-
ra, como me irritaram tanto que
tudo de me retirar para não me
tran.

Março 6. -

Sempre tenho notado como o elemento civil desconhece, interpreta mal, e comenta o meio militar.

Para muitos, por exemplo, era opinião definitivamente firmada de que o postigo do Gen. João Monteiro dentro do Exército fosse imenso. Atualmente esse conceito está decaindo. Pois, quanto a essa figura de crônica jornalística, nada é mais comentado sobre ela, dentro da classe, do que sua propensão para a bebida. Existe uma fivela de cinto que se chama "João Monteiro", porque serve de abridor de garrafas.

Tenho tido sempre dificuldade em convencer a meus interlocutores de que a política é o assunto de menor frequência nas frequentes conversas entre militares. Há desconhecimento quasi

completo da matéria, e desinteresse. Considero isso um erro. Mas, em todas as regiões em que tenho servido, os temas de palestra são, quasi invariavelmente, os seguintes: prazeres sexuais, anedotas da vida militar, futebol e uma tentativa mais ou menos benigna de desprestígio de dos superiores, iguais e inferiores hierárquicos. É possível que a política impressione os oficiais superiores e os generais, mas nas relações quasi sempre estreitas que os primeiros mantêm conosco ela quasi nunca aparece. Talvez por força de se indiferentismo alguns se percam pela esquerda ou pela direita; no mais das vezes, levados não pela consciência ^{mas} por falta de esclarecimento. O militar, pelo menos durante todo o tempo que antecede o curso de Estado Maior, só pode ser político como antedidato, pois -

do meio não receberá impulso al-
furo nem sentido. Muitas vezes
se observa o descontentamento,
quando há desorganizações eviden-
te. Nem caso o oficiais, reunidos
ao acaso, comentam acaloradamente
a situação, procuram e indi-
cam o responsável. Se o Respon-
sável aparecer na sala farão
continência e cumprirão todos
os ordens que receberem. Se não
aparecer, discute-se e quando
der o "toque de ordem" todos mun-
dam de uniforme e vão para as
suas casas com a perfeita noção
do dever cumprido. Comentam
fatos dessa natureza com o mes-
mo calor que numa partida de
futebol, e com o mesmo objetivo:
passar o tempo.

Todos os civis menospre-
zam a capacidade intelectual
dos oficiais. O oficial não é uma

229
intelectual, na acepção civil da
palavra; mas é um ser intelligen-
te, quasi sempre, que procura da
melhor forma possível adaptar-
-se ao paradoxo de sua forma-
ção: recebe uma instrução supe-
rior para instruir e orientar anal-
fabetos, semi-alfabetizados e inte-
ligências primárias. É, no mais
das vezes, um espírito grande-
mente dotado de capacidade de
organização. Não tem um espíri-
to especulativo nem arejado: é
um "homem de princípios". Há
muito menos arbitrários do que se
pensa, mas sujeitam-se facilmente
à arbitrariedade dos chefes, pe-
lo menos até o ponto em que isso
não fira sua integridade física
e funcional.

Para grande parte dos ci-
vis, o oficial é um prepotente. Olha-
a na rua com certo respeito (cu-

curiosidade?), como se estivesse esperando sempre uma explosão de cólera que multiplicasse a ideia que faz dele. Realmente, de vez em quando, um resolve desrespeitar ordens da policia e do chefe: no quartel jamais faria isso. Eles constituem uma minoria ridicula. No geral, e dentro da caserna, os officiaes são de um bom humor que surpreenderia aqueles que os vêem tão e imponentes na rua. Conservam o espirito jovial e alegre, estão sempre dispostos a uma brincadeira que lhes recorde o tempo de cadete. Daí nasce a bondade com que tratam o soldado. Do mesmo ponto também o civil não admitem, fulgam que o official, que todo official maltrata os subordinados. Pode ter sido assim; hoje não o é mais. O Exército

231
também evoluiu. Encontrei apenas dois que maltratarão finicamente ao homem: ambos eram esquisitismos e imbecis. Biliários ou ulcerosos do estomago, que ofendiam com palavras ao soldado, que o ofendiam sistematicamente, não encontrei uma duzia. A literatura e legenda narra ou personifica deve ser, em parte, responsável por essa conclusão a que chegam os civis. Pois os militares que assim procedem no nosso Exército, são alvos de comentários desabonadores dos demais colegas.

O cinema americano até hoje, muito intelligentemente, abris, concede um valor excessivo ao sargento. Em geral, é esse o conceito que faz o povo desse elemento. Creio ser o ponto aonde mais o civil é induzido ao erro. Decididamente

propala-se que o sargento faz tudo
e que o oficial não faz nada.
O sargento é um prestimoso au-
xiliar. Nada mais. Diferença-se a
norma e às letras dos regulamen-
tos que lhe dizem respeito e ra-
ramente vai além. Como burocratas,
conhecem perfeitamente suas
funções mas são incapazes de
introduzir melhoramentos e
resgem passivamente a reformas
que os afastem da rotina. Acon-
tece, às vezes, que um oficial des-
gnado para certo cargo burocrata
desconheça-o completamente. (A
Escola Militar não prepara o
homem para funções dessa na-
tureza, embora todos tenham que
passar ao menos uma vez por
elas.) Então o sargento orienta-o.
Mas alguma semana depois
o oficial já ultrapassou o auxi-
liar na interpretação dos mais

233
diferentes despachos, e o que sempre
me causou surpresa, o sargento
busca orientação com esse mes-
mo oficial a quem orientou de
início. E isso se passa com a
maior naturalidade, sem susci-
tibilidades feridas. Isso compreen-
de-se facilmente: o novo sargento, to-
rivelmente, poucas vezes recebe
uma instrução superior, ou mes-
mo secundária. Não desconheço
que existem oficiais que "começam
pelas mãos do sargento", como se
diz. Mas constituem outra mino-
ria sem respeito próprio, como em
todas as classes. Provocar o pânico
em uma alma simples é, por exem-
plo, dar-lhe um ofício e dizer:
— Responda isso. — Sem a
mínima preparação ele procurará
um modelo anterior que trate do
assunto semelhante. Certas per-
guntas que nos fazem sobre a ma-

neira de adaptar ou adotar nova
orientação no trabalho, ou escri-
tural um novo livro, revelam
completa incapacidade de inno-
vação e um raciocínio primário.
Como monitores, na
instrução, revelam-se ótimos no
que diz respeito à parte de traba-
lho mecânico. Também mani-
festam especial predileção em
guardar de memória os nomes
das mais obscuras peças do arma-
mento, como que para assembrar
o recruta com tantas pala-
vas difíceis e plenamente desco-
nhecidas, e adquirirem, com
isso, o respeito dos subordinados.
Mas, no que se refere a fazer uma
exposição demorada sobre um
assunto banal de instrução, re-
velam-se incapazes adotando,
misteriosamente, processos dialé-
ticos de há muito considerados.

235
Não poucas vezes, recorrem a uma
falsa cólera, que se exprime por
berros e promessas de castigo, a
fim de ativarem o interesse pelo
que pretendem ensinar. Ou então,
à repetição insuperante do exercí-
cio até cansar o homem. Tam-
bem há oficiais que usam desse
expediente. Tanto num caso como
no outro a falsa cólera signifi-
ca incompetência.

Mas, a par de tudo isso,
o sargento é indispensável. Le-
al, amigável, está sempre pronto a
cumprir todas as ordens e atender
todos os pedidos. É o homem que
faz mais continências dentro do qua-
tel e na rua. Tem um respeito
a toda a prova pelo oficial, prin-
cipalmente os mais velhos e com-
pletamente dominados pela roti-
na doente das casernas. Quando
verifico seu completo conformis-

mo com o ambiente e total
alheamento da revolta, chegou
a me espantar. Em geral têm
família numerosa, uma situa-
ção financeira pouco irreflexiva,
a possibilidade muito longin-
qua de uma promoção. Mas, a
rotina e a confiança nos venci-
mentos do fim do mês, domina-
ram completamente toda a
ambição de uma vida melhor.

Marco P. -

Pergruntaram-se uma vez
se pretendia casar-me.

- É claro. Não sei quan-
do, mas virá naturalmente, como
a morte.

Então, quando ia para
a Rua Halfeld, surgiu-me na mem-
brança essa frase, sem razão algu-
ma aparente. Então pensei sobre
ela:

237

- O que há de certo no que
falei? Que semelhanças existem en-
tre casamento e morte? O casa-
mento não é inevitável; mas, um
tanto como quem não morresse e
continuasse vendo a sucessão de
gerações estranhas a si, o solteiro
vai-se sentindo deslocado, ridí-
culo e procura a solidão, troca o
convívio das pessoas pelo das ciên-
cias ou da arte. Como a morte,
muitas vezes desespamos e tememos
essa união: a uma porque separa,
à outra porque liga para sempre.
O definitivo nos assusta e nos atrai.
É o desconhecido também, pela es-
perança que encerra. As consequên-
cias de ambas nos são desconhecidas.
A uma desconhecemos totalmente:
só temos dela as fantasias dos poe-
tas e dos filósofos. Quanto ao casa-
mento, fazemos, novas as experiên-
cias, dos outros. É nos assustamos.

↙ Há quem não case por egoi-
mo, como aquelle personagem de
Dostoiévsky. Outros por vaidade
concedem-se tanto valor que des-
prezam todas as mulheres por ful-
garem nos seres inferiores. Alguns
transformam-se em pensamento, como
Schopenhauer, e só se lembram
dela para objecto de suas diatribes.
As mulheres simples são procuradas
por uma classe de homens; outra
classe procura as inteligentes e sen-
te-se bem em sua presença, como
na presença de um amigo. Bande-
laire escrevem: "Penser les femmes
intelligentes est un plaisir de pédé-
roste."

Valug tenha razão um
amigo que me explicou:

— Todo selteirão é um
anormal!

239
Marco 9. —

C' lamentável o nivel
mental de nosso soldado. Quasi
diariamente me deu conta disso.
Mas é por acções de escama, e ins-
pecções que verifico os maiores dis-
parates. Por exemplo: se quiseses
obter qualquer resposta ao que per-
guntares, não esijas deli uma de-
finição. Não perguntas:

— O que é uma transgredência?

— O que é Pátria?

— O que vem a ser camu-
flagem?

C' inútil. Pede exemplos que
te dará alguns.

Também não pretendo que
compreenda o sentido das compara-
ções simples e inadequadas para dar es-
colha de alguma coisa. Guardará a
imagem e esquecerá o motivo. Em
Natal um sapente, erroneamente,
sem ter uma granada de mãos

para mostrar, pretendem dar
instruções sobre isso. Um dado su-
mento, referindo-se a certo tipo
de granada, falou que tinha o
formato de uma abacaxi, e
trouxe-o. No fim da instrução
perguntou ao soldado.

— O que é uma granada?

— É um abacaxi, respon-
dem o rapaz sem maldade.

Aqui em Juiz de Fora, em
inspeção com os alunos, recolhi duas
anedotas:

— Quantos cartuchos cabem
no mosquetão?

— Cinco.

— Mas não sabe tam-
bém? perguntou o Tenente Coronel.

— Apertando, dá.

A gente vê, mas ele não
percebe absolutamente a razão.

Outra vez a pergunta foi
sobre ~~o~~ as Forças Armadas
do Brasil. Uma vez elas.

O soldado fica embarrasado
em nossa frente. Antes apudava-se:

— Uma anda em terra.

— Cobiçante.

— Continua! (Nada) Antes
é de mar.

— Maninha.

— Muito bem, só falta uma.

Qual é?

Silêncio absoluto. Procura-se
que ninguém lembrou-se. Damos mais
uma anedota, apontando para o céu
e dizendo que anda lá por cima.
Antes ele fala, mas ~~se~~ é para reme-
tar com uma verdade abundante para
o caso. Responde:

— É Deus.

O Tenente E.M., estudante da
Faculdade Católica de Filosofia, curso

de História e Geografia, veio muito desconsolado contar-me que dava uma aula, ou melhor, uma instrução de Geografia: Estados e Capitais do Brasil. Mas foi-se entusiasmado e, quando deu por si, falava em "despertar do sentimento nativista brasileiro." Então resolveu fazer uma pequena sondagem naqueles espíritos que seguíam todos as suas palavras com tanta atenção. Voltando à Geografia perguntou para mim qual o maior: Rio Grande do Sul ou Brasil? (com o mapa aberto na frente).

— "Pás igual", responder o menino.

243
Março 11. —

Nossa empregada chama-se Helena. É preta, baixa, gorda, e de idade imprecisa: dir-se-ia que tem quarenta anos, mas a mim que lhe perguntou, respondeu — 28.

Cosinha como ninguém, fica alegre quando se come bastante e triste quando não se traz comida para o almoço ou jantar. Trabalhou em restaurante e diz que não gosta de cozinhar para pouca gente. Traz a casa sempre em ordem e um dia explicou: "Aqui não tem dona de casa e depois vão dizer que eu sou relaxada." Para o dia bem disposta, cantando, falando sozinho e ri de um modo tão espontâneo — uma farfalhada franca — que conquistou a simpatia de todos. Enfim, é o que faltava a este apartamento de rapazes. Lava e passa minha roupa, preocupa-se quando alguém

está doente, e tem um coração tão grande que o mundo não lhe pode ofender. Ou, pelo menos, não tem consciência disso.

Sabe pouco mais do que ler algumas palavras, vive um tanto fora de si, e creio que foi por isso por todas as lições da vida, sem contudo apreender-las. Não tem raiva de ninguém, pois, como disse, não poderá aceitar que alguém lhe faça ^{ou lhe queira} mal. Sua simplicidade, ingenuidade (talvez se possa dizer - pureza), são tão ilimitadas que hoje me comoveram até quasi às lágrimas:

Havia terminado o jantar e enquanto tirava a mesa um companheiro e eu, os irmãos em casa hoje, sentámo-nos para ouvir o rádio e o Feneunte pôs-se a conversar com ela. Ela

245
estava distraída, prestando mais atenção ao lamulho da chuva nas árvores do que às palavras que dizia. Mas, a certa altura ela disse:

— Eu mais ela nem vai cá, porque vai ficar um mês em casa. (Referia-se a outra moça que lhe substituiria).

— Ficar em casa porque?, perguntou o Feneunte.

— O senhor não vê como estão enforcando?

Ele não compreendeu em seguida. Como foi-me falando no assunto, expliquei:

— Dona Helena está esperando criança para Junho.

— Quem é o pai? perguntou novamente o moço.

E ela sem se perturbar:

— O C..., do Hotel C...

Eu trabalhava lá e ele ficou apaixonado por mim.

Dai' por diante falou sempre com uma expressão de ternura nos olhos, um sorriso con-
placente nos lábios, o que com-
trastava abundantemente com a su-
deza de suas palavras. Encostada
a uma cadeira, com um prato
vasio na mão, seus olhos iam
de seu interlocutor a mim, de-
pois baixavam mansamente
sobre a mesa, sem rancor, sem
maldade.

— Pensei em botar ele pra
fora, mas fiquei com medo de
morrer. Vai ser o meu primeiro
filho.

O Tenente aconselhou:

— A senhora deve tratar
muito bem dele.

— Oh! ele vai passar bem.
Foi só toda a senpinha dele;
está tudo lá em casa arru-
mado e passadinho. — Depois de

242
uma pequena pausa, acrescentou:

— Vai ser casheadinho...
O pai dele é claro como o setúbar,
trabalha no B... da L... — É cheia
de animação, com mais ternura
e alegria na voz:

— Depois ele vem pra
cá, me ajuda; ih!, vai ficar
tão esperto! — e ris bem alto,
cheia de confiança, enquanto
levava o prato para dentro.

Requis-se um silêncio.

Nós ambos estávamos comovidos,
amigüilados. Penti que o Tenente
me olhou, mas eu só via a
chuva, o barulho da chuva, o
~~barulho~~ ^{incoerente} ~~trêmulo~~ ^{constante} das folhas,
sob as gotas impiedosas da chuva.

Marco 12.-

Andrews, o personagem de Graham Greene em "L'Homme et Lui-même" (The Man Within), parece dizer com André Gide:

- "Je ne connais pas un sentiment dont la sincérité ne puisse être mise en doute."

Marco 13.-

Qual o drama de Andrews?

Considera-se um covarde, e o repete sem cessar. É uma criatura frustrada que train precisamente àquela a quem gostaria de esquecer-se, Carlyon, "qui était tout ce qu'Andrews eût voulu être, courageux, compréhensif, désespérément romanesque quand il s'agissait non pas des femmes, mais de la vie". Train-o pelo domínio absoluto que sempre exercen sobre si. Train aquela que "the court case, que não contaria a mais

249

ninguém agora... conta, a que amava e porque os amava. Todas as coisas a que amava."

Consumado seu "crime", não usa de se analisar, de se angustiar numa constante auto-flagelação. Lucy explica-o: "Tu es un de ces hommes qui ne peuvent se débarrasser de leur conscience". A todos fazia presente de sua covardia, a procura de quem o justificasse e porque, como sabe Carlyon, "il n'a pas la courage de rien dissimuler." Até mesmo em público, no tribunal, como para se redimir, confessa que train seu amigo porque "je suis un lâche. Vous le savez tous".

É também no tribunal, ao longo de todo o seu depoimento, que apresenta a chave de sua personalidade. E particularmente quando explica as razões que o levaram à delação: "C'est parce que j'avais un père qui me débâtait et qu'on me citait toujours

un exemple. J'avais peur d'être blâmé
et je détestais la mer, le bruit et le
dangere. Puis j'ai voulu montrer à
ces hommes qu'il fallait compter
avec moi, que j'avais le pouvoir de
faire effondrer tous leurs plans."

Andrews precisava de al-
guem que lhe trouxesse a confiança
em si mesmo. Preencher essa possibil-
idade em Elisabeth e enfrentar to-
do o perigo para salvá-la e, com
ela, salvar a si próprio. Carlyon,
que o conhece bem, sabe que ele se-
ria capaz de amar "la femme qui
le révélerait à lui-même." Mas
esse espírito fraco, ou melhor, esse
ser egoísta que ante o perigo não
pensa em nada mais do que em sua
segurança - (Quando Cockney Harry
lhe aparece para fazer o favor, "il
oublia l'étoile, Elisabeth, Lucy, tout,
excepté sa propre sécurité".) - esse
egoísta, ~~quando~~ na última ~~do~~ opo-

timidade que lhe concede Elizabeth para se afirmar, por ter-lhe dado aqui em plena liberdade, ainda se trai e foge. Bamente se regenera quando percebe que sua última esperança estava morta. Então confessa-se autor de um crime que não cometera e exclama: "Te voilà saisi maintenant, Carlyon. Nous sommes quittes." Achá que, na verdade, foi ele quem matou Elizabeth, ou, antes, seu pai nele próprio. E para matar seu pai, tão inseparável de si, suicida-se.

Uma vez Andrews diz:

— "On dirait qu'il y a
six personnages différents en moi, dit
~~le ténor~~ ~~le ténor~~ Ils me conseillent
tous des choses différentes. Je ne sais le-
quel est vraiment moi-même".

No entanto, não é bem
esse o seu problema. Apenas, não se
encontrar, ou melhor, não encon-

trou quem admitisse e lhe encorajasse a ser o que realmente sentia ser. Carlyle difere muito de Narcisse, ao passo que tanto confundem-se com Goldmund são, ambos, "du côté de la mère". Em Andrews não há a dualidade ou a multiplicidade que pretende ver: o que existe nele é a negação da própria personalidade — e sua covardia consiste em não ter coragem de afirmá-la. É, por natureza, contrário à duplicidade. Não consegue admitir que seu pai, odiado dentro de casa, fosse admirado no mar; que Carlyle, ~~que~~ amando a, mesmas coisas, que ele próprio, pudesse levar seu amor a coisa apostas.

É um belo livro, esse de Graham Greene. Não tenho nenhuma fonte em que possa extrair ~~o~~ autor e sua obra, mas me pa-

253
re não ser posterior a "La Fin d'une Liaison". O trama deste é bastante mais complexa do que a de "The man Within", assim como é menos profundo o sentimento religioso que envolve os personagens ~~de~~ de "L'homme et lui-même". Andrews, em presença de Elisabeth, pensa: "for-taria de fazê-la chorar". E quando ~~ele~~ conta o que fez em Lewes, "il trouva une sorte de jouissance à se flapper, à égarer sa lâcheté, son ivresse, sa première sensualité". Os sentimentos que determinam essas reacções aparecem bastante ampliados em "La Fin d'une Liaison".

A história de ~~de~~ Graham Greene é, afinal, uma história simples, cinematográfica, em que o autor prende a atenção com um grande poder de "suspense". Há cenas e finais de capítulos que se caracterizam extremamente por isso. A curiosi-

dade leva-nos sempre a continuar a leitura. Mas o seu valor não consiste nisso. O seu valor maior está na substância, no drama intenso dos personagens, no valor psicológico das reações, na profundidade dos conceitos, na vida de seus seres.

É preciso notar que a cena final do romance, quando encontra Elizabeth morta e Carlyon junto dela, são de uma beleza extrema. Qualquer coisa assim tão bela e comovente como a cena um tanto semelhante em "O Lolieta", de Dostoiévsky.

Março 14.-

Tive hoje a mais intensa alegria de toda a minha vida.

Seriam nove horas da manhã, quando um soldado me

255
leveu a correspondência: uma carta de M. e o número de Fevereiro do "Jornal de Letras", remetido pela mesma, a meu pedido, pois o "Diário de Notícias" publicara que nesse número sairia o resultado do Concurso Nicolau Carlos Magno. Na última folha encontrei o resultado e deparei com essa pergunta: "Quem é 'Tiqueto'?" Corri os olhos pela notícia e sob o título "Os Vencedores" verificuei achar-me relacionado meu trabalho: Alguns Habitantes de Ibsen.

Foi uma emoção tão brusca que meus olhos encheram-se de lágrimas e tive de passar à sala do lado, aonde sentei-me e li a nota segundo a qual não fui identificado. Não compreendi, pois fiztei um pequeno envelope contendo um cartão com nome e endereço. Depois procurei no texto da notícia que referência haveria a meu ensaio. Claude Vincent

escrevera: "O trabalho sobre Ibsen,
por Tipuço — tipuço, o barro preto
do fundo do Rio Tipuço, em minha
terra natal catarinense —, é de um
nível mais alto. Soube falar com
interesse sobre os personagens que Ibsen
criou. Impressiona como estilo e
desdobramento do assunto."

Voltei a minha mesa e
mostrei o jornal ao Tenente-Coronel,
que naturalmente não poderia com-
preender meu arrebatamento. Várias
vezes tive que disfarçar as lágrimas,
pois meus pensamentos não se afas-
tava do assunto, trazendo-me sem-
pre idéias novas de conexão. Redigi
um telegrama para o jornal, reve-
lando minha identidade e fiz
sair um soldado para ir ao Teli-
grafo. Precisava falar com alguém.
Dei com o jornal na mão a pro-
cura de um Tenente que mora co-
migo: havia saído. Procurei então

257
o Sargento que datilografara o trabalho
e lhe dei a notícia. Voltei a meu
pabnete, cheguei à janela: tudo ti-
nha uma expressão diferente. Senti-
me e, de uma vez, consegui ler toda
a notícia, todas as notas. Novamen-
te as lágrimas dominaram meus
olhos. (Como essas lágrimas deviam
ser as de minha mãe, quando re-
via um filho desde muito tempo
ausente.) Desci novamente, andei
sem destino por dentro do quartel,
voltei à sala, escrevi um telegrama
para M. e, sempre intranquilo, à
orze horas, não pude mais ficar no
Regimento. Mas, não tive coragem
de pedir ao comandante para sair.
Como poderia justificar? E saí sem
falar com ninguém, fui ao telégrafo,
andei pela Rua Halfeld. Ninguém.
Vim para casa e encontrei o Te-
nente a quem comuniquei minha
alegria. Felicitou-me, falou li-

geralmente são tudo.

Agora estão mais tranquilos.

Março 20-

Na noite do dia 17, assisti à "primeira" brasileira de "Cota Verde Choucri Prata", de Pedro Bloch, com Paulo César Ferreira. Fiz algumas observações e reuni tudo numa crítica que talvez ainda passe a limpo neste caderno. Como aqui as notas são sempre de primeira forma, não sinto agora dificuldades para transcrevê-las.

Março 25-

Sentimento dominante hoje: necessidade de encontrar alguém que sinta pena de mim.

Noite de 25-

Desde domingo minha calma interior me abandonou. C'è amor impossível a parte auto-

259
fois d'une voix très basse. Il est revenu de son voyage pâle et maigre, un air triste; néanmoins ses lèvres n'ont pas perdu leur couleur ni leur beauté. Ils ont plus d'expression que les yeux. Il parle peu, mais ils disent beaucoup de choses ~~quand~~ lorsqu'il rit ou tout simplement mouvant sa bouche en ouvrant les lèvres et laissant voir ses dents petits et blancs. Une chose me déplaît: la moustache; pour moi c'est un mauvais présage.

Il y a deux heures il a sorti avec son compagnon de chambre. Pas d'imitation pour moi; pas d'au revoir. Il est simple de conclure que je suis un peu déçu par cela; aussi un peu jaloux. Mais aujourd'hui j'ai un si grand sentiment d'ancienneté, d'avenir... que cela m'a trop d'importance. Ce qui importe c'est le parti. Pas le parti tout entier.

es, mais, toute entière, la nuit dernière. J'ai parlé. Parlé de moi-même à autrui, comme si cet homme était moi-même. Je bus par désespoir et par le même motif j'ai parlé; j'ai dit des choses qu'il ne peut pas comprendre parce qu'il ne s'appartient pas à ma race. Alors, il a conclu que je ne suis pas une personne bien portante. Maintenant il va se moquer de moi et dire des choses aux amis. Autrefois il faut que je me met en garde. Autrefois. Il sera toujours ainsi. Ma sécurité moi-même la détruit. C'est dommage... D'quoi bon faire de la lamentation? Je suis ainsi; il faut qu'ainsi soit il. L'humanité ne produit seulement des fleurs; ainsi que la nature, elle produit des bêtes, pour que la vertu soit pour toujours bien portante.

267
Março, 26.-

Je ne me sens pas en sécurité. Il faut fuir autrefois. J'ai affaibli le sol sous mes pieds; il se détache de moi.

Deux jours dont ma liberté c'est en péril. Je sens qu'elle pleure sur moi-même, parce que je ne la sais porter.

J'entends des paroles qu'on me m'adressent pas; je crois apercevoir des signes qu'ils me font. C'est le poids du mensonge, de l'hypocrisie. Tout sacrifier pour la vérité?

Qu'il est pénible ce sentiment!

Ab. 6.-

Regriseri ontem de noite do Rio ande paner cerca de 10 dias.

Cumpri bons livros, amiti a bela "Via Sacra" de Henri Ghéon, conversei com meus amigos, e foram

dos tem compensadores.

Segunda-feira procurei Paulo
duval Carlo Wagner na Câmara, con-
corramos ligeiramente, tomou da-
da e me deu, além de uma fotogra-
fia, e o "Correio da Manhã" de
terça-feira, 18, publicam uma ma-
ta sobre tipografia em que consta to-
do o que lhe disse e também uma
página sobre asseio, que não me per-
tence. Eu não falava assim.

Depois no quartel verifiquei com
surpresa que muitos oficiais haviam
lido ou tido notícia da nota de
penal. Até mesmo o Comandante
do Regimento falou-me a respeito.

Quarta -

Concluí ontem a leitura de
"La Princesse et La fleur" mas não
da dissei agora sobre este livro porque
quero iniciar imediatamente a
leitura da correspondência Rilke-

fide, adquirindo no Rio, e se perdi
duas horas da noite respondendo
cartas.

Repetirei essas palavras do
tenente de polícia:

"Pouffri est un délit".

Outr. 11-

"Mas tanto quem se sente magoado
de erros em que não pode haver perdão
sem ficar mácula a magoa do pecado".
Luiz de Camões

Outr. 12-

Festa duas noites inutilmen-
te. De ontem e sexta-feira. Operar de
um pouco doente sei, bebi; fui a
um baile, e com isso somente ho-
je pude terminar de ler a correspon-
dência de Rilke e fide.

Um livro abundante-
mente comentado por René Lang,

muito interessante como documentário, sendo, no em presença de uma amizade que durou cerca de dezesseis anos, até a morte do poeta.

Poucas, veja as cartas, adotam a forma de uma correspondência íntima. Não há debates de consciência. São cartas calmas e tranquilas, o mais das vezes, ainda que abordando a angústia do período estéril da produção de Rilke. Mas, apesar disso, são cheias de interesse pelo que revelam das relações de amizade de ambos os escritores, das referências e críticas a outros escritores, da interpretação e impressão de suas próprias obras, principalmente nas cartas de Rilke.

Emocionaram-me particularmente aqueles em que se trata da perda de móveis, livros

265
e demais objetos do poeta. Pela maneira como Rilke se refere a essa perda:

... "J'en ai ça et là comme quelqu'un qui aurait fait une chute, s'en serait relevé sain et sauf et ne pourrait cependant se libérer de la crainte de ressentir tout à coup dans ses entrailles une douleur qui le ferait crier."

Eu entendo:

"Certes, deus ou três coisas, o daguerreótipo de meu pai, uma velha estampa do Cristo que estava diante de mim desde minha infância, certas correspondências e alguns livros irremplacáveis entre as centenas de volumes de minha biblioteca, me perseguiram de longe e me fôram de sinais d'adeus aos quais se respondia..."

Mas, em dois trechos não pertencem a cartas a André Gide.

I said many things he never heard before, I suppose, and I think he didn't understand. For instance: "Why always come the morning? Day by day?" He laughed. I spoke again: "How can I look at you tomorrow morning?" — And I took his hands between mine, and ~~and~~ I ~~have~~ kissed his face and chest.

He smiled patiently and calmly like a child not knowing what happens.

Apr. 15 -

Policiar, dia após dia, hora por hora, de minuto em minuto, todas as ações!

Pai há cerca de quarenta minutos, ao terminar de escrever o que ficou acima. E ao voltar encontrá-lo na mesma poltrona.

na, olhando o vazio de sua frente. Entre estiveíamos sentados, cada um a seu canto, em silêncio. C' denas penas cuja presença ausente em nós o sentido da solidão. Destroí completamente a possibilidade de comunicação humana. Deixa-se ficar em intusismo completo, por horas, como possuído de uma tremenda luta interior; e foi sempre assim, mesmo antes de nossa relativa intimidade atual. Talvez não se possa dizer ~~um~~ mesmo "como possuído", pois sua expressão não traz a existência de nenhuma dúvida íntima, de nenhum problema difícil. Revela apenas um conformismo absoluto em face da vida, ou uma indiferença completa por tudo e por todos. Acomoda-se perfeitamente à rotina e cruza mesmo que cheparia a sofrer se se visse despojado dela. Será isso a felicidade?

220
Não há alguns minutos. Foi
cumprir mais um artigo de sua
sagrada e cômoda rotina. Certamente
o tédio não o pode atingir, e muitas
vezes sinto inveja dele. Uma in-
veja amena e pacífica, sem valores
antitéticos, pois muitas vezes apia-se
de seu indiferentismo, de sua tran-
quilidade inersa face a tudo o
que há de grande sobre a terra, es-
piando do homem um esforço qual-
quer no sentido de exalar-se,
de elevar-se de, simplesmente,
preocupar-se com isso.

Detraí a possibilidade de co-
munição porque não indaga, não
cimenta, não revela ressonância
alguma, em si, daquilo que lhe con-
tamos. Aconteceu já que o procurás-
semos e falássemos largamente so-
bre nós. Única reação visível: um
sorriso constante nos lábios, por-
co, vezes atirando os olhos, e vari-

ando apenas para revelar ironia,
indiferença, aquiescência, e sem-
pre suspiros, eus, indícios, ao que
se pode chamar de cortezã. Dime por
cortezã. Bem, ficamos com a im-
pressão de que falamos ao telefone
sem termos a cortezã de que nos es-
cutam do outro lado do fio.

Néanmoins... je ne pense
rien en particulier.

Ab. 19.-

Quand même com o espírito
líquido e o corpo larso (existe isso?
Vejamos. Larso: adj. Fatigado, cansado. Dis-
soluto. Enervado. Gasto. Froies, relaxado;
larso - Lat. laxus). Por ter perdido uma
noite em baile e bebida. Escapaz
de descobrir completamente sobre qual-
quer coisa; de me dedicar à leitura.

Abn. 22 -

"His eyes were dimmed with tears and, looking humbly up to heaven, he wept for the innocence he had lost."

J. Joyce

Abn. 23 -

Conclui agora a leitura de "Geopolítica da Fome", este livro tão importante que me revelou coisas com que nem sonhava. E fico sem saber qual livro iniciar, pois tenho nada menos de sete em mãos, sem contar com "O Mediterrâneo" para concluir. Preciso de tempo, mas o tempo, e o quartel, ultimamente, têm-me tomado bastante.

Também tenho pensado em começar a datilografar o "Diário" mas a falta de uma máquina dificulta bastante minha intenção. Além disso, as ondas de

transmissões fa' arrepiar e saltar quasi as ponte anterior ao resultado de de concurso. Novamente o desencorajamento, o desânimo.

Agora escrevi a minha primeira carta, que prometeu fazer um artigo a meu respeito para o jornal, e aqui de Rio e outros ramos do "jornal de Letras" como sempre com muita coisa para se ler.

Abn. 27 -

Dia 24, sexta-feira, foi um dia completamente desperado.

De manhã, saí com alguns oficiais para fazer um reconhecimento de terreno para exercícios militares. O encontro, a 16 kms. da cidade, numa vila completamente pobre e desfigurada - humilhante, com uma igreja e escola no fim de uma praça sem cam.

teiros e sem flores, e um grupo de casas, em mocambos, que ^{seem} nidas em um grande V ^{compõem} o cenário em que correm crianças e andam adultos mal ^{vestidos}.

Do voltar para o quartel, soube que me ^{havia} chamado de casa. Telefonei às 13.45 e me foi lido ao telefone este telegrama: "Entrega prêmios sexta-feira 24 21 horas. Contamos sua Presença Paschoal Carlos Magno." Portanto, dentro de algumas horas eu deveria estar no Rio. Encontrei um colega que sairia às 16.00 horas, de carro, e tratei de me preparar para seguir com ele. Saí às 16.30 e parei em frente ao Teatro Duse às 21.30 horas.

Fui conduzido à primeira fila, em trape de panéis quando todos os demais estavam a rifar. Senti-me, depois chegar Bili Fer-

reira que me foi apresentada e que, chegada a hora, me fez a entrega do prêmio.

Com a pena e o desespero da situação, não pude avistar ninguém. Pensei tristemente na ausência de Ruth e meus amigos. Mas quando iluminaram a plateia para a filmagem, percebi que ela estava lá, com Maria, Liberato e Wilson. Foi então que me ensoquei. Tudo o mais eu avisto como algo completamente exterior e orientado para outra pessoa. Estranho, pois quando li o resultado, fulpei que no dia de entrega dos prêmios não reteria as lágrimas.

Junto com o prêmio, estes palavras: "Harry Law, ! que este 'Prêmio Nicolau Carlos Magno' lhe sirva de primeiro passo para sua glória. Afetuosamente, Paschoal Carlos Magno". (C) assinatura de Paschoal e o

mas interessante da nota: de se
raí uma traza, de C entre, parale
la de ^{quinta} de 2 de Maquis uma se
te as duas paralelas, formando
o conjunto aquela figura geomé
trica em que se estudam os tern
mos dos ângulos alternos internos,
alternos-externos e correspondentes.
Mas a personalidade de P. L. Ma
quis é geométrica).

Depois da festa, entreguei
para a redacção e fui apresentado
a diversas pessoas, entre elas o Alcaide.
Na tarde de sábado falei com a
Sr. Vera Pacheco sobre o domingo
com a Sr. Claude Vincent que
depois fez uma nota para a "Tri
buna de Imprensa", mas como de
dar uma aula conversamos pouco
e concluiu que não poderia escre
ver a meu respeito sem falar
bastante coisas. (!).

Mais 5.-

203
Festa-feira 28. comecei a da
tilografar em francês com uma
máquina que o Major Gomes me
imprestou. Já estou mais em mes
mo na metade da reprise caderno,
isto é, quasi na metade do serviço.
Reprimos cartas, enviando outras e
um tocando pra frente. Também pon
tado de muita coisa que registrei
na, também pulso que já se tem
vidade publicar em livro: poder
ão chamar-me de cabotins, etc.,
ainda que eu tenha tirado tudo,
em gran tudo, de que pulso que
poderei motivar em fulpamento.

Domingo o jornal "Ouvrier
de Notícias". Trouxe uma nota sobre
um concurso de contos. Resolvi con
dar a opinião sobre meus traba
lhos. Trouxe o volume de contos e
relí "Ouvrier" que achei tão co

fontâneas e bonito que fiquei com medo de estar completamente idiota. Então li também "O Desastre", a que concedi uma série de defeitos, e "Azeia", que me pareceu bem. Parecia a não saber qual enviar; pois se "A Procinás" era melhor não deixava de ser uma coisa muito simples e candida, enquanto que os outros dois ostentavam preleções mais importantes. Escrevi seus nomes em três folhas de papel, dobrei, embalei e pedi ao Welmer para tirar um: para "A Procinás" e foi o que remeti. Agora, como o concurso é para "novos", comecei a pensar que sou velho demais. Mas, novos não quer dizer incipiente?

Comprei um dicionário tão caro, esse tal "Candido de Figueiredo", que sempre me disse-

729
ram ser o melhor, e então não encontrei pensar, pauso, pausada. "Pensar" sem se, com g: em vão. De pós pula para poralora, que desce-beria ser o mesmo que bobolita. De pon, quissimmo salta para peuta, espécie de âncora. No entanto, em dois dicionários pequenos, francês e espanhol, encontro o verbo "poser" ou "posar", do latim "pausare", e nos acepos em que se emprega em português. Por esse dicionário, os avisos e páraos devem permanecer eternamente em vão.

Mais, 14.

Antem de noite terminei o livro. Tivei em quatro vias, pois uma capa de cartolina branca, e aí estão os quatro volumes. O que fazer deles? faria muito que alguém o lese e me dissesse se vale a pena publicá-lo. Creio que

atualmente não posso emitir
pulsamente alguma, digna de
crédito, sobre meus trabalhos.
Pois hoje, depois de dois anos,
talvez, reli "Os Incoerentes" e
pulpei-o muito bem. Mas
é um tanto hermitico, de
leitura difficil; quem não o
ler duas vezes não poderá com-
prender minha intenção.
Preciso modificar qualquer con-
sa no inicio, trocar algumas
palavras... mas posto tanto de-
le animo mesmo! Tenho mui-
tas esperanças.

Outem, meu compa-
nheiro de quarto ajudou-me a
encadernar os volumes; entre
dois se interessaram, leram
trechos, commentaram; mas
um delles, completamente in-
diferente, aprouveiton os cadern-

281
nos para fazer uma especie de
corredor sobre a mesa e passar
mais de dez minutos fazendo
uma bola de ping-pong correr
por entre elles, sem tocar nas
paredes.

É uma cousa que não
posso comprehender: a inconsciên-
cia, o conformismo, a indifferença
de certas pessoas. Sim, trata-se dele.
Encontrei no "Journal" de fide qual-
quer cousa que, sendo passivel de
applicação neste caso, talvez seja
uma explicação até certo ponto
satisfatoria: "J'aime la vie et pré-
fère le sommeil, non pas à cause
du néant, mais à cause du rêve".

No ano passado ele fi-
cou durante um mês inteiro em
casa, por motivo de uma trans-
ferência que acabou sendo annu-
lada. E por todo esse mês esti-

se dormindo. Não fez uma viagem. Não leu um livro. Creio que nem cartas escreveu. Apenas dormiu. E dorme de manhã, dorme de tarde, de noite; com ou sem barulho, com luz, claridade do dia; nada o perturba.

Agora, repete-se a dose. Nova transferência, que está para ser anulada; e novos dias de um sono que cada vez começa mais. No dizer dos colegas, ele não dorme — desmaia.

Também a atitude dos outros em relação a si não se altera. Sabe que o considera muito (digo tudo isso por não conseguir compreendê-lo: ele foge à minha capacidade de análise e isto me irrita); e minha amizade manifestei-a fortemente quando de sua transferência

para um lugar considerado horrível: escrevi a um amigo do Rio para que se interessasse. Disse que eu o fizera, depois resolveu suspender a remessa da carta "porque é muito cedo ainda". E, a instâncias de outro, acedeu em ser substituído por esse outro: ele ficaria e o segundo iria em seu lugar. Ora, naturalmente, suprimam providências: não me disser nada; soube por intermédio do segundo. E senti-me ferido com a desconsideração. E retrai-me; não falo, limito-me a responder o que pergunta (o que é quasi nada porque, segundo parece, fez voto de silêncio). Por esse procedimento não o atinge. Sou completamente afastado de suas considerações. Não atribue ~~qual~~ valor algum à minha amizade. Ou faz-lo-a conscientemente, sa-

hedor de que não passarei sem
me abri? Esta pergunta, e
a quase total certeza da respos-
ta, fazem-me parar de escrever
neste momento.

Mais 15

Hoje tive um dia alegre:
revi companheiros de Porto Alegre,
um, especialmente, de muito espí-
rito, conversamos e rimos bastan-
te; o almoço foi o ponto de máxi-
mo prazer em sua companhia.
De noite, ainda feliz, recebi carta
de Celeste com boas notícias, que
afastaram preocupações pecuniárias.
Depois todos saíram de casa; fiquei
só e, rapidamente, triste. Apesar
de todos os motivos de alegria, fi-
quei triste, abatido, e tudo porque
em amor é impossível! Como
é lamentável que eu me tenha dei-
xado dominar a tal ponto por

285
um desejo tão abundante. A satisfação, o
contentamento, passam a ser efêmeros,
não durando mais do que enquanto
estão os motivos agindo direta-
mente sobre nós: afastado o estimulante,
cena o bem-estar e volta era
insuportável angústia. O desejo, su-
jeito a essa impossibilidade, vai-se
corrompendo. A corrupção nada
mais produz que insatisfação. Prova-
mos de todos os frutos; mas enquan-
to não pudermos experimentar aque-
le... (mas é uma esnecia querer com-
parar uma coisa tão grave com uma
cotidiana necessidade de comer).

Então mesmo resolvi a-
cabar com aquela situação: convenci-me
de que é mesquinho admitir-se a
ofensa; ainda mais, que não era ofen-
sa; senti um sentimento inútil,
ante a maneira como reage a tudo.
Mas, não houve desabafos nem nada
de mais: apenas algumas palavras. E

tudo o que sinto agora sei que se sou-
bera ao lado de uma "reconciliação"
mas nunca produzido... uma ex-
pressão sentimental qualquer... uma
palavra afetuosa, um gesto, enfim,
uma comunicação. Não sabem se
me interpretam muita atitude, se
sei de alguma forma atingida por
ela, e como realmente a volta, tudo
isso é tão doloroso... Nos dias de a-
bência estava o sentimento mais
ou menos adormecido: agora volta
com novas perguntas sem respostas.
Tão lastimável que isso aconteça.
Tudo, apenas o trabalho, um trabalho
que me absorva completamente, para
amortecer esse desejo. Preciso traba-
lhar. Preciso começar logo a fazer,
que é o que tem conseguido alguns
instantes de meu pensamento entre
de noite e hoje. Preciso trabalhar, in-
felizmente, mas é tudo ainda tão
tanto indeciso, impreciso. Nunca.

282
esta entregar-me logo à ideia e tentar
de desenvolvê-la. Não comecem!
Não entreguem-se ao abando! Não
comecem, tudo isso tem? Porque
lutar contra a evidência? Eu não
me dou conta que sou o que sou
e não o que desejamos ser. Concomi-
ta-se disso, e não desejo que outra
seja diferente do que é.

Antes de noite li o
"Diário de João", até a página 58. Foi
muito bom que o fizesse. Foi uma
achando um livro muito bom e
pode servir como o frasco... Não re-
sistia a confronto algum. Os senti-
mentos não se preocupam com ele. O
"jornal", edição de La Pléiade, compra-
do com o dinheiro da primeira trans-
ação até um bom conselho, que não
se foi formando no decorrer da luta
sa. Supprimer en soi l'idée de

mérito. C'est un grand échappement
pour l'esprit" (échappement: escape).

Domingo, 24 -

Preciso escrever sobre duas
cenas, ambas acontecidas domingo
passado: a visita a uma fazenda
no Estado do Rio; e uma palestra
noturna. Mas tenho deixado de
um dia para o outro, e ainda hoje
o faço.

No "Correio da Manhã" de
hoje: Helen Keller, em resposta a
quais cenas mais desejaria ver: "O
pôr do sol e um rosto de criança."

Meio, 28 -

Tenho trabalhado em um
nova peça. Depois os estudos iniciais
isto é, releitura da novela, anotações
dos pontos em que a ação se modifica,
supressão de cenas, redução a

209
fatos essenciais e finalmente, divisão
em atos. Depois preciso fazer um es-
tudo dos caracteres dos personagens e
de como se vão modificando com o
desenvolver da ação. Depois o planeja-
mento das cenas e dos cenários. Já
está tudo mais ou menos delineado,
mas de uma forma ainda bastante
obscura. Encontro muitos difi-
culdades, principalmente de ordem técnica.
Precisaria ler um compêndio sobre is-
so, ou resolver outras. No fim de tudo
de se esperar de resultar uma coisa
que não possa ser representada. Mas
servirá como treinamento.

Dona leitura atenta, veni-
fiquei com, os seus, uma só palavra
de autor resolve uma situação com-
plexa; ao passo que o teatro precisa
argumentar, formar um diálogo lógico
e planejar, sob pena de se perdi-
do o valor do trabalho.

Junho 3.-

Salado, domingo, 2^a e 3^a de
no Rio. Uma gripe fortíssima pa-
co me deixou fagueiro. Fiquei em casa
de Gros fagueiro. Manhã de domi-
go, em casa de Paschoal. Noite de
2^a feira, visita a Vera Paschoal fondão.
Mesmo dia, de tarde, visita ao Te-
atro de Arte Moderna. Pobre tudo
isso poderia dizer bastante coisa, mas
continuo doente.

Cheguei à conclusão de que
nenhum livro não poderia chamar-se li-
vro de Arte Moderna. Logo me comen-
sava com os amigos ricos de
tudo dizendo que "é mais um di-
ário crítico, caderno de impressões,
e outras coisas, conclusão que em
tudo seria impossível.

Jun. 11.-

Passe por uma fase de

completo desentusiasmo por tudo: pela
vida e pela literatura. Não procuro
mais trabalhar em minha peça,
a leitura não me atrai, e passei
os dias num completo desatino,
incapaz de encontrar nenhuma ati-
vidade para qualquer coisa de
digno.

Noite de 11.

Antes de ler o final de
"A Protest of the Artist as a Young Man",
e encontrar o ato de fé, ou de descren-
ça, de Stephen Dedalus, no diálogo
com Rudy. É claro que muita pala-
vra me escapou, mas há coisas
que me ficaram na mente desde a
leitura em português, como uma letra
e quem inatingível depois: "I will
not serve that in which I no longer
believe". É a parte conclusiva do
diálogo.

Stephen: "I do not fear to

be alone or to be spurned for another or to leave whatever I have to leave. And I am not afraid to make a mistake, even a great mistake, a lifelong mistake and perhaps as long as eternity too.

Crabby: "Of course, quite alone. You have no fear of that. And you know what that word means? Not only to be separate from all others but to have not even one friend."

Stephen: "I will take the risk."

Crabby: "And not to have any one person who would be more than a friend, more even than the noblest and truest friend a man ever had."

My dear Stephen, I have made a mistake, a great mistake, a lifelong mistake, as long as eternity... but I am afraid. I fear to be alone, yes, Crabby, I know

what that word means, what it means to have not even one friend. I fear to be spurned for all others; I fear I have to leave as I leave... I took the risk. Why?

Now, I can not to say any more: "Old father, old artificer, stand me now and ever in good stead." How can I stand in good stead?

(More than a week I think in suicide. Again. Madness on suicide will be the end.)

Jun. 15.-

Ha sempre um abundo pronto a suplantar o anterior. Driscar tudo por um prazer incerto e tal vez um sintoma de loucura. Sou jogador, à minha maneira: não com cartas de baralho, ou dado, ou cavalo, mas com penes. (Voltar a esse assunto mais tarde, quando

a situação permitir nifilo).

Jun. 16 -

A.B. emprestou-me um livro que iniciiei a ler na véspera de regresso do Rio e conclui antes de noite. Trata-se de "Kafka via Dió", uma série de entrevistas de Faang Kafka com o famoso poeta português Fernando.

Para quem, como eu, conhece apenas parte de sua obra e que, por artigos de jornais e revistas, confirma as impressões que a obra deixara, impressões de que esse autor era uma pessoa completamente introvertida, homem de poucas palavras e de uma atividade intelectual silenciosa e febril; para mim, esse livro foi mais do que uma leitura: foi o contato direto com um homem. Um homem

295

de uma inteligência finíssima, de uma vivacidade espiritual, de uma precisão de conceitos, conceitos e autoridade impressionantes. Sua visão e compreensão da arte, da religião, política, da vida, em suma, é um facto que não pode deixar de suscitar admiração por esse artista. As respostas que dá, os comentários que faz sobre os mais variados assuntos de mostram sempre segurança, propriedade, profundidade. Kafka foi um homem que se preocupava com tudo; mas argumenta com a pergunta suprema: provava que não improvisava, que já havia pensado em tudo e sofrido por tudo; que em si as experiências haviam sido refletidas, meditadas e vistas.

Jun. 23
Quinta-feira de manhã fui
para o campo, um exercício mili-
tar, e na ida, dentro do jeep, apa-
recem-me este pensamento que pre-
cisa ser aprofundado: Se o homem
tiver certeza absoluta de que Deus
existe, suicidar-se-ia; e se tiver, por
outro lado, a certeza completa
de que Ele não existe procuraria o
mesmo fim. Mantém-se pela dúvida
e pelo desespero e esperança que dela
nascem alternadamente. Com efeito,
poderia o homem aceitar plenamente
a existência de Deus, e satisfazer-se
com ela, depois de verificar como
sua existência é miseravelmente
abandonada? É o que monti-lo-ia,
vivo se não pode esperar, ao me-
nos para mais tarde, aecal do
fusticário?

Kirilov, ao contrário, suicida-
do-se pela dúvida; por não ter

297
podido conciliar as duas idéias: "Deus
tem que existir, por ser imprescindí-
vel" e "Deus não existe, nem pode
existir". Mas, afinal, não é por
Ele dever existir que exista. E
Kirilov admite que Deus foi inven-
ção do homem para viver sem suicida-
do-se. Antes Kirilov vem apanhar
meu pensamento: suicidar-se pela
inexistência de Deus; nele a certeza
sobrepõe a dúvida, a dúvida sal-
vadora.

Umanus põe este problema
nas em furcas da existência de Deus,
mas da imortalidade ou aniquila-
mento da alma, dizendo, também,
que qualquer das duas certezas "tor-
nariam a vida igualmente impos-
sível". Ora, será possível admitir-
se a existência de Deus, sem se admi-
tir, ao mesmo tempo, a imortalidade
da alma? A alma só poderá ser
imortal se Deus existir; e só será

destinada depois da morte se Ele
não existe.

Jun. 25 -

No prefácio de D'Armel
frente à "Lettre à une Musicienne",
de Rilke, encontra isto:

"On doit la servir avec
mort: notre plus grande servitude
avec mort les mieux aimés. Plus
aucun de nos pauvres messages,
disormais, ne leur est profitable,
plus aucune de nos vanités ne
peut leur être d'aucun secours".

És uma epígrafe com que
concordo inteiramente. O que vi-
sem dever aos mortos a verdade
inteira de sua obra e sua pessoa.
A vida de uma artista que morte
deve ser estudada em toda a sua
verdade e exposta ao público para
que tenha vocal recta de seu valor.

Jun. 26

Domingo fui almoçar em
casa de um sargento. Não, foi 4.^a
feira, isto é, anti-entem.

Considera-me na véspera,
depois de uma longa conversa em
que falamos de música, política,
e outras coisas de que não entende-
mos. Sob a euforia do álcool fez
o convite, que na manhã seguinte
te confirmem.

Poras últimas palavras, na
despedida do dia anterior tinham
sido:

— "Eu, graças a Deus, não
acredito em Deus."

É no dia do almoço, em
dado momento, as ouvimos "O Lopo
dos Cisnes" e as dizer que naquele
momento em que o compositor es-
crever a música não era o homem
que estava ali mas alguma coisa
superior, disse sorrindo:

- "Continuo dizendo que,
graças a Deus, não acredito em Deus".

(Um telefonema inútil
tirou-me tudo da cabeça.)

Jun. 29

São Pedro. Em Vigueras
há uma bela praça deste san-
to, na praia. Quando eu era
criança, fui assisti-la de casa
de minha avó Domicília: o an-
dor tremor, a imagem cair,
quebrar-se, e a consternação e
superstição dominarem o povo. Per-
fui uma estampa encolherada
e as orações e a caminhada reco-
meçaram.

Noite de 27: duas festas
e um abrevado. Manhã de outor-
niquilamento. Grande crise de
pranto na noite de 24. Isso me

301

fez bem, acalmar-me por dois
dias, mas não impediu que hen-
sere o que referi. E na noite
de 21: uma festa e dois abrevados.
Assim, pois, um sucede a outro.
A virtude que mais me faz falta:
bom senso.

Antes de manhã, tele-
fonei para Ruth. Surpreendeu-se,
pois "não tinha" nada de parti-
cular para dizer-lhe. No fim devo-
tê-la alarmado. Estava também
triste e com vontade de preparar
um avião. (Eis como a família
resolue os problemas. O avião é
um símbolo para nós).

Dona Vera não respondeu
minha carta. O "Jornal de Letras"
continua publicando o ensaio so-
bre Teatro Povo, que continua a
continuar no próximo número.

Lausimar, que me disse ser o
ensaio sobre Ibsen na penúltima
do o que pude esperar, ainda
não fez uma crítica que pos-
sua publicar, (e conserva a
sua exemplar que possui do
trabalho). Também o concurso
de contos não se pronunciou,
ou se o fez não consegui encontrar
em jornal algum. Era
qualquer coisa de um Festival
da juventude Brasileira que, se-
pudo lá, já se encerrou.

Do livro de Kafka:
"Peut-être atteindra-t-il le bien
par le mal?"

Jun. 30

Capítulos decisivos: (estudo
em toda a origem, o desenvolvimento
e a consequência): 1- A viagem; 2- A
Primeira Festa; 3- A confiança (ou A

revelação?), 4- A visita (com os mínimos
detalhes do ambiente); 5- Mortificação
(promove a íntima relação com o capi-
tulo 3); 6- A Segunda Festa; 7- Confi-
dência e fortificação. (Promove dar
ao todo um ambiente de festa fune-
ria em que se desenrola a tragédia,
como a cena do Carnaval do filme
"Les Enfants du Paradis").

Diálogo em movimento:

Os começam:

- Vais ao Rio amanhã?

- Debo que não; não adian-
ta, a gente anda de um lado pro
outro e não avança nada. (Pausa). Es-
tão com vontade de escrever uma car-
ta ao Ministro para ver se resolve.
Existe uma crise que permite ir, mas
não sei qual. (Silêncio. Fiquem
imaginando as possíveis reações do
destinatário e as consequências do

gesto. Um estremeamento ante as palavras que ouvi a seguir).

— Estive te estudando, depois das últimas reacções que observei. (Refere-se à crise de prantos). Falei com o ... pra saber se há um jeito de arranjar uma licença de um mês, de tratamento de saúde. Sem citar nomes. Ele disse que é possível.

— Mas isso não resolve. (Pausa). Não te preocupes. De vez em quando me dá isso, é que desta vez tu viste a das outras não vês.

— Mas não está bem. Nem meê tu irias ao Rio, conseguir a transferência que é o que queres.

— É o que se arranjava para justificar?

— Qualquer coisa; estado nervoso abalado. (Pausa). Porque tens um problema muito íntimo, alguma coisa que não é normal. (Pausa).

sa). Não é?

— É. Mas é uma coisa que não tem solução. Já lutei com todas as armas. (Silêncio. A tentação de dizer tudo). Ele:

— Tu és muito fechada. Deves falar nos teus problemas, ter mais confiança nos amigos.

— Mas não adianta, é coisa que ninguém pode resolver. (Pois se uma vez dizia "confessa"; a outra, do amor-próprio, lembrava: "ele te desprezará").

— Às vezes a gente pensa que não pode mas pode.

— Só como desabafo. Ino em facto quando vou ao Rio. Falo com amigos, com quem tenho toda a intimidade. Eles contam os seus problemas e eu falo nos meus. (Pausa. O desejo mais forte de revelar). O pior é o clima de falsidade que se precisa manter, sempre fazendo parecer.

o que não se é. (Pausa). E quando se
é consciente isso é horrível. (Silên-
ciosa. Mas cinquenta metros em
silêncio. Depois continui o telefonema).
Domingo de manhã eu estava angus-
tado. Telefonei, mas ela também es-
tava. Disse que quer pagar um avião
e ir morar numa praia deserta,
que sua vida é horrível, do quarto
pro escritório; não sai, não parece
se sai falar; se não sai, dizem
que é anormal porque não parece,
não tem namorado. Disse, não ad-
antou nada telefonar. (Silêncio.
Mas com metros). Talvez então po-
se melhor a licença-prêmio. (Porque
me pareceu ridículo e inconcebível
querer passar por longe: o pulgamen-
to dos entros). Ele:

— Não, não precisa tanto,
nem me tu arranja a transferên-
cia. (Silêncio. Mas alguns me-
tros, a pausa para tomar um ca-

fézinho em silêncio). Ele, já narra:
— É isso; o essencial é
não desesperar.

— E não desespere. Mas
sabe lá o que é lutar vinte, trinta
anos com um problema e vê-lo
crescer dia após dia? (Silêncio;
fim do diálogo).

Folha 6 -

Resolvi, às 11.00 horas do
dia 1º, seguir para o Rio Arbarquei
às 18.05 e fiquei em Santa Teresa,
no apartamento de C.G. Voltei on-
tem de noite.

Minha maior satisfa-
ção foi encontrar, acidentalmente, no
Verdelhinha, meu amigo P.D., ab-
gado de Ponte Alegre no dia em que
o encontrei: restou feia. Estive com
ele de 11.00 até 2 da madrugada,
entrando pela tarde, pela noite,

apresentando-lhe amigos, levando-o
a lugares, que queria conhecer. Re-
encontrei meu conselheiro ideal, a
pessoa que me devolve a vontade
de viver, a cerca em mim. Con-
versamos, a sós, cerca de duas horas,
na manhã de sábado, tendo-lhe
falado sobre tudo o que caracteriza
a presente situação. É uma inteli-
gência penetrante que compreende, in-
terpreta e aconselha de uma ma-
neira precisa porque, como diz, fa-
la como se fosse para si próprio,
tal a identidade sentimental
que encontra em mim.

De revelar-lhe, aos poucos,
minha nova fixação, conduzi-lo a
assuntos de maneira a que en-
dese uma ideia do modelo; depois,
fiz-me contar fatos, atitudes toma-
das em presença desse objeto e suas
reações; e concluiu: "Di' está, claro,
não é a fixação em si que te per-

309
te; é a ideia que fôz dela. Também
se assim. Que maravilhosos conflitos
nós experimentamos ao silêncio dos
outros! O silêncio dos outros nos as-
susta. É, quando uma pequena reve-
lacao corresponde à ideia que fize-
mos, dizemos logo: "Não disse? Que
profundidade! É justamente como
eu o pensava: aí está a causa do
nervosismo: ele sofre por causa disso."
É a razão de novas lutas interiores
está no fato de que entendemos,
muitas vezes, que a fixação não
corresponde, em absoluto, à ideia
que dela fazemos. Temos uma ima-
gem maravilhosa. Temos dra-
mas, vicissitudes, em que somos o
centro de tudo. Quê é o mundo!"

Todos meus outros amigos
demonstraram interesse por mim,
me aconselharam, foram bons. O
bom de muitos seg, me atena. O

bondade dos outros em relação a mim.
Porque não sei como corresponder a
ela).

Bem, pois, minha ida
ao Rio provou-me que tenho amigos.
E também que devo deixar de pensar
em ser transferido para lá. Quando
tiver de acontecer, virá. Fiz e fizeram
o que era possível. Minha ida ao
ministério, esta-feira de tarde, deu-me
era certeza. Foi duro, mas adaptei-
facilmente à existência dos fatos.
Agora devo fazer o que deveria ter fei-
to ~~e que~~ logo que aqui cheguei: acen-
tar esta cidade como algo bem mais
definitivo do que o pensiei. Proceden-
do assim, afastando de início essa
noção de provisório, teria sido ba-
stante menos infeliz, porque teria
sabido orientar-me com muito menos
mais de bom senso.

Julho, 8.

(Volto aos tempos do grupo Es-
colar, quando tinha de levar um vidro
de tinta para molhar a pena de vez
em quando: é que perdi minha caneta
automática. O raspar da pena é mais
forte e me traz a lembrança nítida
dos dias de exames em que esse ruído
multiplicava-se pelo número nervoso
dos alunos escrevendo tudo o que sa-
biam.)

Conversei longamente, no
Rio, com Vera P. Jordão. É uma pessoa
extremamente simpática. Estivemos
juntos na "Brasileira", cerca de duas
horas, entre as 18.00 e 20.00, quando
tive de deixá-la por outro compromisso.
(Cris: de 16.00 às 18.00. Não... Não sei mais,
mas não importa). Falamos sobre uni-
versidades, sobre novas vidas, novos pro-
blemas, solidão, literatura. Dime que
me irruja por ver que tenho tanto
amor à literatura, como concluiu.

pela leitura de meu livro. C. sobre sua publicação, acha que não devo fazê-la. Que em livro é de interesse restrito (citou a crítica que faço de Jacob Wassermann, um autor praticamente desconhecido por aqui). De vez em quando, no decorrer da conversa, comentava minhas opiniões, emitidas no livro, e que me certificam de que o lêu com atenção. Disse também que carregava um "sentimento de culpa", que deixava transparecer em certas partes. Perguntou a que se devia. Respondi com mais verdades, pois ainda nos conhecemos tão pouco: apenas conversamos longamente três vezes, e esta foi a primeira que o fizemos sem uma terceira pessoa. Mas, mesmo assim, nos abrimos tanto que é de se estranhar. Novas conversas, e acidentalmente a última, marcaram toda a espécie de confiança: falamos claramente sobre os problemas mais

intimos, exceto alguns. Naturalmente há um clima de confiança recíproca que me faz muito bem. De toda a minha aventura do Prêmio de Ensaio o melhor foi meu conhecimento com D. Vera. (Combinações que eu excludo a "dona" e a "senhora" mas não sei como fazê-lo).

O maior estranho de tudo: fizemos de telefonar. No dia seguinte a não o fiz mais.

Folha 9 -

Muitas vezes olham-me como se um animal estranho. Ele, por exemplo, — e ainda hoje o notei, a sermão hoje pode definir sua maneira de me olhar — quando me vê chegando, quando entra num quarto em que se encontra, olha-me como quem espera uma revelação, muita novidade. Olha-me naturalmente para concluir definitivamente se a palavra que

escolheu para me definir "ode adha-
poio nos meus gestos mais comuns,
mais vulgares, de todo o dia e todos os
momentos. Pois essa gente só pode jul-
gar e compreender padrões estabelecidos.
Há, seguramente, momentos em que
lhe desconcerto, porque fujo à análise
e linear... Mas, nada disso impede -
e até mesmo contribui - que conclua
ser minha personalidade justamente
o que determinado padrão especifica.
A incapacidade de me definirem
não será absolutamente obstáculo para
que me destinem. Já estou classifica-
do. Já devo ter um número e uma
estante: se não caber dentro dela, do-
brar-me-ão, farão mutilações, até que
nela sirva. C'no me lembra aquela
anedota que ouvi na minha infân-
cia: Um italiano pegou de um tórso
de madeira e começou a esculpir
"la madona". Mas sua incompetên-
cia não conseguiu mais do que fazer

315
uma mão de pilão. Então, arrependido,
dizia: "já que não dá la madona,
faço uma mão de pilona."

Fulho, 10 -

"O juízo, senhores, que uma con-
ciência demasiado lúcida é uma enfer-
medad, uma verdadeira enfermidad" -
Dostoiévsky - Memorias del Submelo (1435).

"El hombre, por ser hombre,
por tener conciencia, es un animal en-
fermo. La conciencia es una enfermedad."
Uruummo - Del Sentimiento Trópico... (22).

Noite de 10 -

Há verdades que nunca devem
ser desenterradas. Verdades que doem, que
ferem, que não são flores mas flechas.
Certa vez disse, ou escrevi isso a um
amigo e ele respondeu que não; que o
homem prefere sempre a verdade à men-.

tira, a cegueira à dúvida, a sinceridade e dissimulação. Talvez, mas apenas para um pequeno número de homens, para os que têm um espírito superior, a consciência de seu valor pessoal e a audácia de enfrentarem a opinião alheia.

Refiro-me à verdade de uma personalidade, a revelação íntima dessa personalidade para os amigos. Para não os que aceitam calmamente uma verdade, sem se deixarem abater por ela, sem se deixarem transformar com seu contato. No mais das vezes, uma verdade, mesmo quando se a anuncia sob a forma da dúvida, de uma quase cegueira, tem a propriedade de modificar fundamentalmente a relação entre as pessoas. É a franqueza, a naturalidade, e se substituída pela "cordialidade" — isto é, um gesto que exprime a cordialidade, formalismo, e exclui a amizade.

Uma verdade desagregadora, que mecaniza sorrisos e industrializa

palavras, que substitui tudo pela desconfiança, se não afeta aqueles espíritos superiores, que nunca encontram, e aos que trazem em si uma verdade analoga, ou, embora muito sentida, ~~espontaneamente~~ igualmente provada (Por a verdade também admitir a mentira).

O que lhe fez talvez, não seja a verdade, a mesma verdade (o que lhe importa a mesma verdade em si mesma?), não sendo pelo temor de que ela perturbe a calma de sua existência, e não descansem enquanto não vissem que ela se afasta, carregando junto a pessoa que dela faz parte, será reparada, fadada. Mesmo que seu descontentamento com uma paz de glórias e esperanças novas, que dele têm tudo o que lhe dificulta os sonhos inconsistentes, nunca mais venha a hora de sua miserável verdade que confessa por amizade por desfeite e incompreensão de compreensão, mas impõe mesmo

todo de sinceridade.

Devemos, pois, conservar sempre acuradas as velas à Mentira; não fazer concessões à verdade; manter sempre à mostra a falsidade; até que as palavras tenham seu valor simentido e seu perfume apodrecendo.

Verdade interdita. Tu, a quem se deseja amar, és também um amor proibido.

folha, 12 -

Ninguém não conhece a interpretação dos sonhos, de Freud? Ah, por exemplo. Nunca li sobre isso, a não ser trabalhos espessos, pequenos, mas aos que interpreto meus sonhos segundo a linha seguida por ele. Uma coisa, pelo menos, acontece: pouco, vez, não encontro uma explicação, uma ligação com qualquer fato ou pensamento conhecido.

Este, numa das esquinas

da rua Ponte Antônia com a Benjamin Constant, um terreno baldio cercado por um alto muro que nos impede a visão para dentro dele. Além desse a Benjamin Constant seguindo o muro, encontra, quase no fim do terreno, um pequena porta de madeira e perche que o muro abarca e para mostrar uma fachada muito discreta de uma pequena residência em cujo minúsculo jardim está uma palmeira real, como a que vi no Nordeste, as folhas dispostas verticalmente, na maneira de um leque. A casa é de pouca altura, pouco mais de três metros, calçada, e a fachada que apoia o telhado descendo como para encontrar a rua, não tem mais de dois metros e meio. Uma porta estreita e uma janela com grades e rede mais se percebe.

A presença dessa casa surpreende. Creio que muitos dias, depois de ter vindo morar e que a descobri, pois poder-

-se passar pela rua sem notar sua sen-
tência. Mas depois que a percebi, passei
a examiná-la. Da janela de meu quarto
pode-se ver parte do terreno baldio e
todo o lado da casa; mas, entre muros altos,
torna completamente invisíveis as abor-
turas que porventura existam. Também
não existe o menor sinal de vida nova
casa: não entram nem saem pessoas, a
janela e porta da frente estão sempre fe-
chadas, a antena de rádio que aparece
sobre o telhado não parece estar, no mo-
mento, sendo de utilidade, uma vez que
não sai nem algum dos paredes.

Não é uma casa saturna.
É até certo ponto, bonita, em estilo mo-
derno os telhas novas e vermelhas. Com
poucos sinais curiosidade foi aumentando.
Um dia perguntei a um amigo se sabia
quem morava ali de quem era; e ele
sabou. Então, de repente, a casa passou
a ser triste e saturna. Meu amigo conta
que uma família rica mandou consti-

129
-la para que nela morasse e morasse
um parente leproso.

Se falei tão longamente
sobre ela é por uma espécie de gratidão,
por, entre de morte veio em meu au-
sílio, juntamente com Freud dos son-
nhos.

Estávamos à mesa para o
jantar, depois de uma tarde em que
todos dormimos. Oê chegou por úl-
timo, sentou-se e disse que tinha
tido um sonho horrível, que lutara
com um morfético, desesperadamente,
empregando toda a sua força para
impedir que o doente incorporasse a
loca no seu rosto. E acrescentou:

— Não sei como foi sonhar
isto. Não tinha visto nem falado em
nenhum morfético.

Foi então que a casinha
triste apitou-me a desfazer a angus-
tiosa identidade encontrada pelo mundo
dos sonhos. Capla quer.

- Naturalmente o teu sonho tem ligações com ~~a~~ ~~os~~ leproso que moram naquela casa abandonada.

(Enquanto conto o sonho, revê toda a cena do capítulo 6 - A Segunda Festa - e angustiou-me a pergunta: "Será que o sonho do sonho tinha um rosto definido?" - cf naturalidade com que fez a descrição não concedia a possibilidade de uma intenção oculta de fazer, de comparar; mas, se não para ele, para mim Freud aparece e evolucionou a equivalência. Agora, penso: "Então é o temor do contágio..." - e preciso não estar muito seguro de si para temê-lo.)

14 de julho.

Queda da Bastilha. E quem poderia prever que justamente hoje todo o meu destino ~~seria~~ posto em jogo?

"Pent-ête un soir m'attend
Où je boirai tranquille
En quelque vieille ville,
Et mourrai plus content

- Ah! souper est indigne!

Puisque c'est pure perte!"

15 de julho.

Não fui ao quartel hoje. De-
vi seguir amanhã para o Rio. Minas: con-
seguir minha transferência para qual-
quer lugar.

Então, a pedido do médico,
conversei com ele cerca de uma hora
e expus meu caso da melhor maneira
que pude. Embora não o tenha dito
especificamente, compreendi que suas pa-
lavras, aconselhando em "minas", e-
ram uma ordem superior.

Entrei com um requeri-
mento pedindo uma licença-prêmio

de seis meses. Não sei quando será concluída, porque há uma ordem cronológica de prioridade.

Preciso de toda a minha lucidez para não errar nem só uma

Todos sabem de tudo. E quando não sabem tudo, completam em meu desfavor. A posição que me concederam é de completa perda; por o caso contrário, para eles, é um galardo.

Precisamente a um mês, repete neste caderno o fato que deu origem a tudo. Dia 25 tive uma comunicação de que meu posto que, como sabemos, foi abando, estava sendo completamente deturpado. Pequeno período de desequilíbrio que está todo consagrado nos papéis autôgrafos. Ponto onde tive conhecimento de como andam as coisas; no entanto, minha intuição já suspeitava que algo de anormal andava

no espaço: a a fortificação para o o que escrevi na noite de 10.

Às 23.00 horas de ontem, conversei longamente com o colega de "diálogo em movimento": nesse dia ele ainda permaneceu em dúvida. Fiquem então sabendo como se processou tudo, pois ele é muito inteligente do que o médico e não sabe esconder nada. Depois de como se iniciou, como ocorreu, como se espalhou, quem os comentadores e quem se decidiram fazer. Mas ninguém teve coragem para me falar antes. E quanto ao resto, ao colega de apartamento, não sei até que ponto achou se envolvido, se romane também a sua história.

Pela que é perigoso abandonar o campo de luta neste momento, mas conforme creio, cumpro ordens. De longe não poderemos defender o meu. Muitas vezes a simples presença impede que tudo se desmorone.

ato então, por exemplo, foram quase todos de uma dissimulação e hipocrisia perfeita. Apenas notei algumas atitudes, e principalmente daquelle que mas comentei o facto, que poderiam revelar algo, mas que também poderiam ser desprezadas, ou desacreditadas em face da desconfiança de que eu estava possuido. Mas, afastado o unico obstáculo, lancei-me ao trabalho despois. Compreendendo isto, fiz o medico escrever a palavra de ordem de que nada intentaria contra mim em minha ausência. Confio-me até certo ponto. E desde já refiro a verdade dos acontecimentos para a minha volta. Como será penoso olhar para todos sem saberem até que ponto me compreendem, até que ponto acreditam os factos! Sentir-se o centro de um drama humilhante!

Uma coisa me conforta muito nesta emergência: a confiança

como sou considerado por todos, ou, pelo menos, por muitos; como procuram me auxiliar. Sou forçado a cooperar com elles e dar o melhor de minha intelligência neste sentido.

É uma coisa me angustiar: meus companheiros da viagem, o rastilho souf por minha causa. O crime em não podera ter cometido. (Quanto peccados cometi em nome da liberdade!) Querer arrancar de mim uma verdade inexistente. Para isto, concedem-lhe alternadamente, a representação de ambos os papéis. (Ele, segundo o medico, opõe-se decididamente. Aparece com a arria em volta em pose, resultado de uma luta. Perden-se por suas palavras implícitas. Pergunte: Se tivesse havido ou sido consummado algo de condemnavel. Tinha de a coragem de contar a viagem? — Mas sei também que se não comes

o momento contra ele, falarei a
verdade para salvar-se concordando
a ser o "galandão".

É noite. Acabei de escrever
uma carta de dez ou quinze páginas para
meu irmão Jaime. É a minha última.
Se todos sabem, porque não
saber também ele? Talvez eu não
tenha o direito de chocá-lo desta
maneira, mas a carta foi escrita
porque, se eu não encontrar al-
vação, ele é quem deve manter
Celeste e Celso.

Mostrarei a carta para
Ruth. Ela precisa saber de tudo, e
não tem coragem de falar.

Comprei a passagem por
os 6.000. Agora preciso arranjar a
mala.

O talente médico está

aqui de tarde. É um homem muito
digno.

Também o meu tio e
leza trataram-me como sempre.
Eles me comove.

Comprei "O Inocentista"
e dei para R e ele disse: Para
que comprados um pouco o
meu problema. - Vou o para o
quarto. Ele é um dos que, sem
saber, resolveram como deviam
agir sempre.

Perguntar ao outro:

— Se eu te fizer uma
pergunta, prometes responder com toda
a sinceridade?

— Prometo.

— Então portanto a minha
história a tudo isso também?

— Não.

— Não para R?

— Não.

Voltar à sala e continuar

a carta. Então ele veio até aqui
e disse:

— Porque perguntaste se
eu queria? Porque que pensas que
fui eu...

— Não, é porque sei
que tu sabes de tudo.

Como me sinto pequena
ante a grandeza de todos eles!
Exclua a possibilidade de qual-
quer reacção minha. Em situações
idênticas fui sempre tão espigui-
nhada que tudo isso me deixa
atônita. O que deverei toda essa
bondade?

Quanta grandeza de alma!
Como tenho sido mesquinha, como
não tenho sido irpusta.

Rio de Janeiro

Agosto

Dia 4.

Cheguei ontem de noite ao
Rio. Estou hospedado na Pensão de sem-
pre, à Av. N.S. de Copacabana. Dumbiente
um tanto sórdido, mas é o único que
minha situação financeira permite.

Preciso reter tudo o que pos-
sou, de 13 de julho até aqui.

Vindo de f. de Fora na ma-
nhã de 16, fui para um hotel de ter-
ceira classe, na rua do Riochuelo. Con-
seguida fui para a telefonar para todos
os conhecidos, a procura da casa,
mas foi tudo em vão. A viagem ha-
via sido horrível: não conseguí
desviar meus pensamentos do proble-
ma nem por um minuto. Estava
completamente transtornado e o mais
aconselhável seria ter ficado no ho-
tel para recuperar a calma, mas

não pude. Dormi e que de noite
fui à casa de Ruth e contei-lhe
tudo e dei-lhe a carta para que
a guardasse — oportunamente sem
enviada ao pai. Ela não a deu
quando acabei de lhe falar, e
acabou tão penoso que ela descom-
cia completamente, o telefone tocou
e uma das oficiais que estava tratan-
do de minha transferência disse:
— "Está conseguida. Vá para o 2.º RI".
Tive então uma crise de otimismo.
Verifiquei o absurdo de minha pressa
em revelar para Ruth, e quando
lhe disse isso ela respondeu: — "Foi
melhor eu saber por ti; se outra
pessoa me dissesse eu era capaz
de lhe dar um tiro."

Sábado, depois de almoçar
encontrei casualmente o Tenente R
que veio de J. de Fora para batizar
um sobrinho. Foi um encontro
inesperado. Conversamos longamente,

333
fomos a um cinema, depois não o vi
mais.

Durante o jornal de 3.ª feira,
21, e que publicou a transferência.
Enquanto no quarto de hotel, pedi
que me comprassem o jornal e quan-
do vi meu nome senti uma ale-
gria tão intensa e uma tão forte
sensação de salvação que repeti vá-
rias vezes em voz alta: — "Deus
existi; Deus existe. Deus Existe!"

Gostaria de ter ficado mais
dias no Rio, para dar tempo a que
a ordem sobre a transferência che-
gasse ao quartel, mas o dinheiro esca-
lava e embarquei de volta na
tarde de 4.ª feira, 22.

Dia 23 - não fui ao quartel.
Escrevi durante o dia e a manhã
de 24 uma "explicação" para ler
quando da despedida das oficiais.

Na tarde de 24 vou ao
quartel. Todos me passaram e me

tratarem como se nada tivesse acontecido; voltei na manhã de 25. Haverá na 2.^a e 3.^a feiras um exercício militar. Minha função está sendo desempenhada por um dos tenentes que moram comigo. Sou dispensado do exercício e vou ao quartel quando quero. (Um dos colegas que serviram comigo em Natal, e ainda quando eu lá estava, enloqueceu. Posteriormente, veio para o Rio tratar-se, um dia fugiu para Petrópolis e apresentou-se à Unidade de lá. Passaram a tratá-lo da mesma forma que durante esses dias fizeram comigo).

Opusculi, então, para arrumar toda a minha bagagem. Incendiarei meus livros e minhas cartas. Mandei engradar a estante. Dia 27, 6.^a feira, o boletim publicou minha transferência e foi desligado.

Na noite desse dia o co-

lega do apartamento falaram-me na intenção de se fazer um almoço e convidar alguns oficiais, para a despedida. Eu lhes disse que talvez não fosse possível, pois eu pretendia dar a todos uma explicação que naturalmente evitaria constrangimentos. Dei-lhes o papel para que o lessem. (Trata-se de uma explicação psicológica em que há referências a fatos de Natal e de J. Fora; não atende mais à conveniência do que à verdade). Resolveram suspender a decisão para a manhã seguinte.

Pilado, 1.^o, fui ao Quartel General, apresentei-me, pedi a passagem para as 1100 horas de 2.^a feira, e fui à minha Unidade para a despedida. Mas a coisa foi sabotada: inventaram uma partida de futebol justamente na hora de minha apresentação. O Ten. Cel.

quis reunir os oficiais que estavam
disponíveis mas não acatou. Fim
para a reunião de 2ª feira. Presenci
o Cel. Luit. e lhe disse que precisava
falar a todos, dar uma explicação
"por a verdade não é a que todos pre
feriam". Ele falou incômodo e com
um leve sorriso: - "Não?", e
isso irritou-me profundamente.

Pai, fui para casa com ra
iva de todos (tinha a certeza de que
R. e que inventara o fogo - na ver
dade ele dissera: - "fai que pretendes
dar uma explicação, devias atacar
o problema de frente... Isto está bom,
mas muito próximo. Está bom para
reunir que já conheço tudo e te con
ta". - Naturalmente não quis dizer
próximo, mas complexo. Eu respondi
que precisava aquilo justamente para
aqueles que me conheciam e me con
fundem, que não precisava para o
imbecis, pois eles têm muita di

ficuldade de mudança de convicção).
Em casa mudei de roupa, saí às
12.00 horas e regressei às 12.00 da
dia seguinte. Foi talvez a noite
mais escandalosa que passei. Com
pletamente idiota e destruído de bo
ras e respeito para comigo mesmo.

De voltar para casa se
encontrar R. que via "O Inveniente"
junto ao rádio. Não lhe falei. Mas
tinha sido e almooei completamente
so. Deixei-me e me acordei com
o rádio gritando uma partida de fute
bol. Lá estavam R. e W. Anunciou
alguma coisa com eles, li as folhas,
saí e recommencei minha incógn
ta que terminou às 4 da manhã
páida. Deixei-me às 10 para em
barcar às 11 horas. O tempo era
bom para algumas malhas e toa
antes providências antes da viagem.
Desde a véspera eu decidira não
mais ler a explicação. Compreendi

que um problema dessa ordem não
deve ser exposto ao público. Dando
mais que eu ia tornar-me amável
pela mentira.

Depois de uma despedida
formal, fui para a Estação Rodoviária
aonde o carregador foi o mesmo que
na noite de 14 de Abril de 1952. Recu-
lem-me. Eis o detalhe cinematográfico
do meu capítulo de fugir de Fora.
No filme americano, chamado em
português "Consciências Mortas", há
um personagem assim: é um cão
que na cena inicial atrai-nos a
uma morte sentido e na final em
sentido contrário. Mas, naquele
filme condenaram um inocente
e no meu absolveram um culpado.
Mas uma vez fui salvo pelos outros.
Tem visto sempre assim: os outros
fazem por mim o que eu é que devia
fazer.

Agora, estou no Rio. Não

que o último capítulo será escrito aqui.

Aqui tenho procurado
me estudar, me examinar, me conhe-
cer. Mas para que? se não utilizo
as descobertas. Então é hoje tenho
pensado seriamente em minha vida.
Revisando os últimos anos, sem força-
do a conclusão que nada mais fiz além
de me prejudicar. Não construí na-
da. Não tenho constância para co-
meçar como algumas e que início
deixo pelo início. Sou assim como
Vilde no Reinland dos últimos tem-
pos, quando nada mais poderia
fazer. E eu ainda nada fiz!

Estou pelo de tudo. Não
tenho mais sonhos, sapatos. Não há
nada nem um tostão de economia.
E agora, enfrento o Rio de Janeiro
e uma vida caríssima. Não sei
nem se devo alugar um aparta-
mento e morar com a Ruth. Pen-

um modo de que, de uma hora para
a outra, perca a minha profundidade
deixa minha vida em situação
para. Da outra frente. E de outro
depois um canto pedindo que eu
aumente a semente de dinheiro, mas
que seja em 200 cruzeiros. Eu não
posso mandar mais. O que me
temo adiantado esse modo de vida
idiota? Nada, nada, nem mesmo
satisfação física. Não me traz descepi-
so. Toda a sorte de descepição. Preciso
tentar uma recuperação moral e
material. Nem um alívio para
me acalmar, me levar pela mão.

Ag. 15

Ontem mudamos
para a rua Durier, um quarto grande
que dividimos por dois, eu morando
numa parte e Ruth na outra. Há
também uma pequena varanda com
encosto agora. Ontem de noite,

194
ao chegar, tinha a calçada uma sa-
cara de leite e biscoitos que Ruth
deixou para mim. Depois de manhã
parecem-me que da outra satisfação,
mas, aliás, e a manhã está tão
agradável e tranquila que uma pa-
ra pagar me sinto.

Ag. 12

Menos por indisposição
do que por esta caneta horrível, te-
ndo deixado de escrever neste caderno.

Logo começaram com novo
trabalho, ou melhor, o trabalho no
novo Regimento, segunda-feira fi-
zemos lá várias coisas, inclusive tomar
parte na lavada de dia 7.

Não posso entrar no povo
da licença-piúma agora. De quando
então há os meus na moral

Unidade. Mas, já não estou muito con-
to de tirar uma licença agora.

Cheguem toda a bagagem,
os livros, e já arrumarei tudo.

Para a huiria o conto,
reorganizei o volume, apenas com oit,
por excluir O Brinquedo que não me
me agradou. E levei o livro para
Vera Pacheco fordar dar uma lida.
E trouxe consigo o último livro de
fide, "Therese" que acabo de ler. Não
perindo todo se li esse livro, mas
"Et Mure Maure au Ve" e "Le grand
Céart", de Cocteau que me parecer
uma coisa inteligente, etc. mas
não conseguia me prender e ter-
mei pela metade. Também reli que-
tadas os "Memórias de Subtenentes", de
Dostoiévsky, a procura de uma episo-
pe para meu livro de conto, mas
fui encontrá-la na página de final

Inquiridor. E folheei livros de lilke
a procura de uma citação sobre
a infância. Encontrei em "Histórias
Do Dom Elven"

Agora ando com duas
histórias na cabeça para fazer dois
contos: "O Chame", já revivido desde
fuz de Fora, e "Um Coronel", cuja
forma já idealizei. Mas não sei
quão grande poder escrever, agora que
terei de me adaptar ao novo quartel,
pretendo anexas a dois contos os volumes
e arrumar a primeira Fábio Prado.

Está com o fim. Condi-
ção de meus contos, "A Prociência", para
sair no suplemento de "Correio da Ma-
inhã". Ele me disse não se deve um
conto de mais uma crônica, uma re-
miniscência, como que concorda. Mas
gostei bastante, assim como Paschoal.

Pergio Cardoso, que também
pessoalmente em fugir de Fora ainda
amistoso duas das peças que levava
(A Raposa e os Thos e A Falecida), pe-
diu-me para ler meu eunado de
hoje. Esteve aqui em casa, leu
um o manuscrito e agora não se
acorda poderi encontrar. O livro se
saltou para São Paulo. C não tem
nenhuma cópia.

Set. 30

Antônio a não ter o que
nunca tira e sempre desce: soci-
go. Levante-me às 04.50 da manhã
poda, me arrumo e desço em dez
minutos, tomo uma condução
e na Central me tem especial
que sai às 05.35 para a Vila
Militar. Pelo o dia inteiro os
saltos com os soldados e os com-
plicas de uma companhia que
me passaram completamente po-

dre em todos os sentidos. De 16.30
então em um initro na Vila
baldeio na Central para outra
condução e chego em Copacabana
lá pelas 18.00 horas. Cansado, con-
sono, sem disposição para na-
da a não sei dormir. Nunca mais
li um livro sequer. Nunca mais
pude escrever nada.

Tenho lido os livros de
quatro furos e saltados, e o domingo
tudo. Mas ainda não pude mate-
dizar o tempo nem, dia, para em-
prestar os convenientemente. O
resto de sábado é a risca de
que posso dispor livremente, e é
quando me divirto. Mas se a
inteligência para divirto, parece a
manhã de domingo dormindo. E
na tarde de sábado foi começo a
ficar de mau humor pensando
que devo deitar-me cedo para

dormir ao menos 7 horas. Nunca
consegui sentir-me bem no dia
seguinte quando não dormi po-
lo menos isso.

Uma noite de um
sábado atrás, fui ao drama amado
a "O Solista", adaptação para o
teatro feita por um rapaz cujo
nome não me ocorre. Resultou
um "príncipe" inexpressivo e
uma Martinha que domina a
cena sempre que aparece. Termi-
na por uma peroração do prínci-
pe em que diz coisas, estilo bri-
te "onde está que não respondei;
que, segundo me parece, foy
completamente ao sentido relígi-
so da obra de Dostoiévsky.

Sábado através o "Lous
da Manhã" publicou "O Príncipe"
com uma ilustração de Théri la-

242
março. No domingo, dia seguinte,
o "Diário de Pernambuco" iniciou
a publicação de um ensaio so-
bre Théri. Recebi o jornal no mes-
mo dia, pois levava junto chepan
de lá e me trouxe.

Fortuna de poder me-
ter-me em formalismo assinando
qualquer coisa, numa columna cer-
ta, que me deve qualquer senti-
mento, faz que a situação finan-
ceira vai de mal a pior. Mas,
para isso seria necessário frequen-
tar certos meios e pessoas... e de
onde tirarei o tempo para isso?

A vida continua a
brincar comigo, desfazendo e des-
montando tudo o que pretendo
organizar. Pretendia, por exemplo,
ficar morando no quartel, seria
consegui um pouco de tempo

dormir ao menos 7 horas. Nunca
consegui sentir-me bem no dia
seguinte quando não dormi po-
lo menos isso.

Uma noite de um
sábado atrás, fui ao Duse assistir
a "O Solista", adaptação para o
teatro feita por um rapaz cujo
nome não me ocorre. Resultou
num "príncipe" inexpressivo e
numa *Martina* que domina a
cena sempre que aparece. Termi-
na por uma peroração do prínci-
pe em que diz coisas, estilo bri-
to "onde estás que não respondes",
que, segundo me parece, foge
completamente ao sentido relígi-
oso da obra de Ibsen.

Sábado atrás, o "Correio
da Manhã" publicou "A Província"
com uma ilustração de Thériac.

247
março. No domingo, dia seguinte,
o "Diário de Pernambuco" iniciou
a publicação de meu ensaio so-
bre Ibsen. Recebi o jornal no mes-
mo dia, pois levine Pinto chegou
de lá e me trouxe.

Fortuna de poder me-
ter-me em formalismos, atraindo
qualquer coisa, numa coluna cer-
ta, que me dêe qualquer rendi-
mento, já que a situação finan-
ceira vai de mal a pior. Mas,
para isso seria necessário frequen-
tar certos meios e pessoas... e de
onde tirarei o tempo para isso?

A vida continua a
brincar comigo, desfazendo e des-
montando tudo o que pretendo
organizar. Pretendia, por exemplo,
ficar morando no quartel, seria
consegui um pouco de tempo

para ler, escrever, ou simplesmente
te descansar, quando não me
convenha nada de melhor. No por-
meio dia, levi muitas coisas para
a Vila para ficar por lá. Pois
logo na primeira noite vi que
era impraticável era intenção:
o quarto que me cabe não tem
luz, daí para o alojamento e o
banheiro dos soldados, e em todo
o quartel não há um lugar de-
cente, calmo, claro, em que eu
pudesse organizar um pouco mi-
nha existência desorganizada.
Isso é uma merda, me irrita, me
exaspera.

Outro perder o emprego.
Oti degenbro ficará numa situação,
com uma economia que tem e
enquanto resolve uma situação
sentimental que parece resolver-se
em casamento. Eu morar aqui

349
com ela, torna uma vida difícil,
pois sempre detestou cuidar de al-
guém, ter de arrumar roupas, ou
fazer comida. E aí está outra
fonte de aborrecimentos porque não
foto de transtornar a vida de mi-
guém.

Enfim, tudo continua
como sempre. "Tudo bem, tudo
agradável, tudo calmo e sereno..."

E, por intermédio de
um colega de quinz de Fora, soube
de uma notícia realmente ma-
ravilhosa... Um capitão de mi-
nha turma falou que pretendem
fazer uma reunião para exigirem
de mim uma pronúnciação no
que se refere ao "caso" de Natal.

Florianópolis, 30 de novembro de 1986.

Os três cadernos de anotações:

Caderno Preto: (folhas numeradas até 200)

1947 - Natal, dezembro (RN)

Jaltam as folhas de 1 a 20, arrancadas,
mas sei por que.

1948 - Caxias, RS até fl. 50

1949 - Porto Alegre, RS - até o final do volume com a tradução de Rilke.

Contém índice no final

1º Caderno Marrom: (páginas numeradas até 400). Contém índice no final.

1949 - Porto Alegre, 27/12

1950 - " 02/01 pag. 14

1951 - Camboriú, SC, 01/01 pag. 180

- Itapicoba, SC, 12/01 pag. 207

- Porto Alegre 21/02 pag. 211 - a 354

(Fim no Rio de Janeiro 24/12)

1952 - Porto Alegre, 02/01 pag. 355

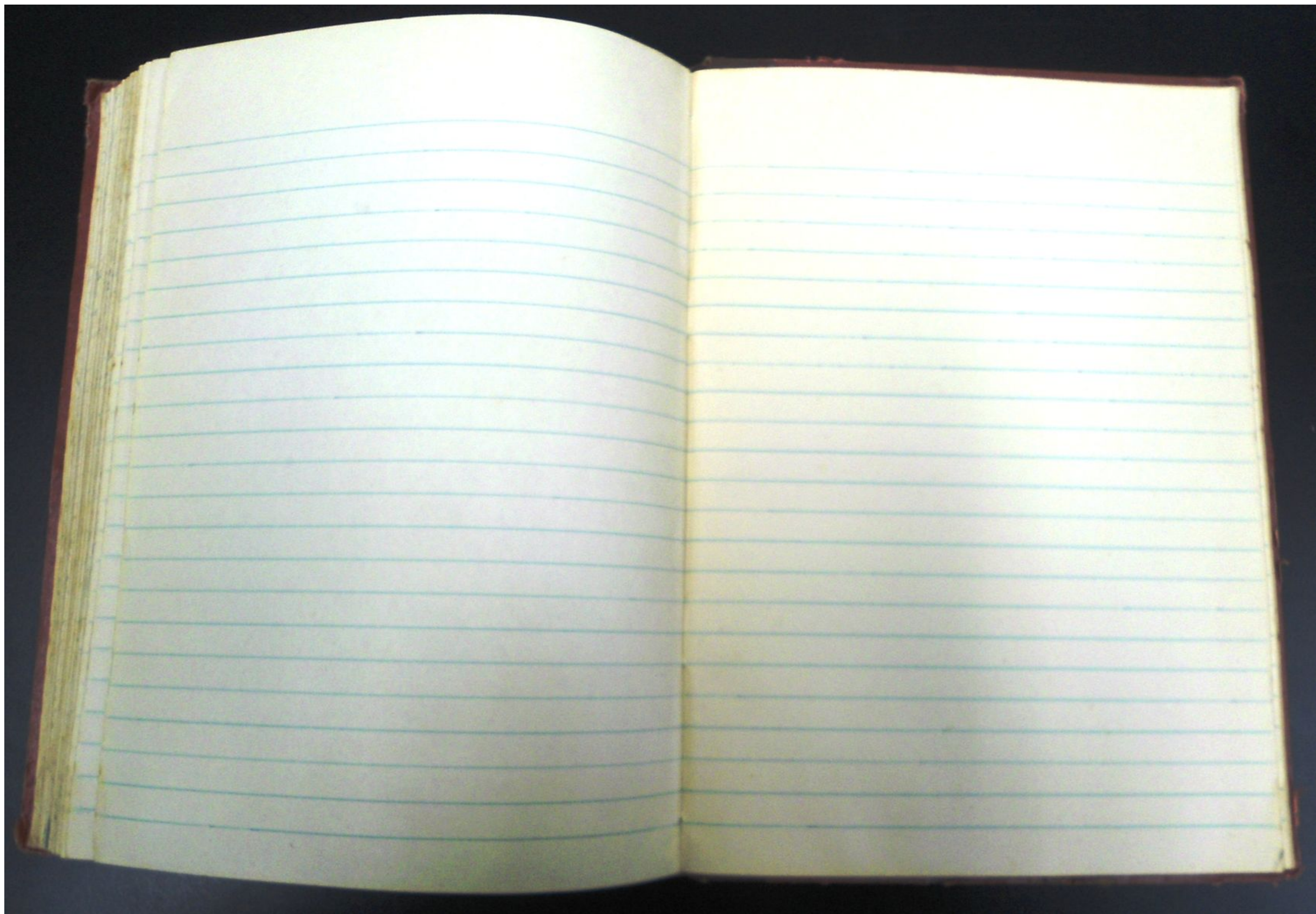
até 10/03 quando passa para o 2º caderno

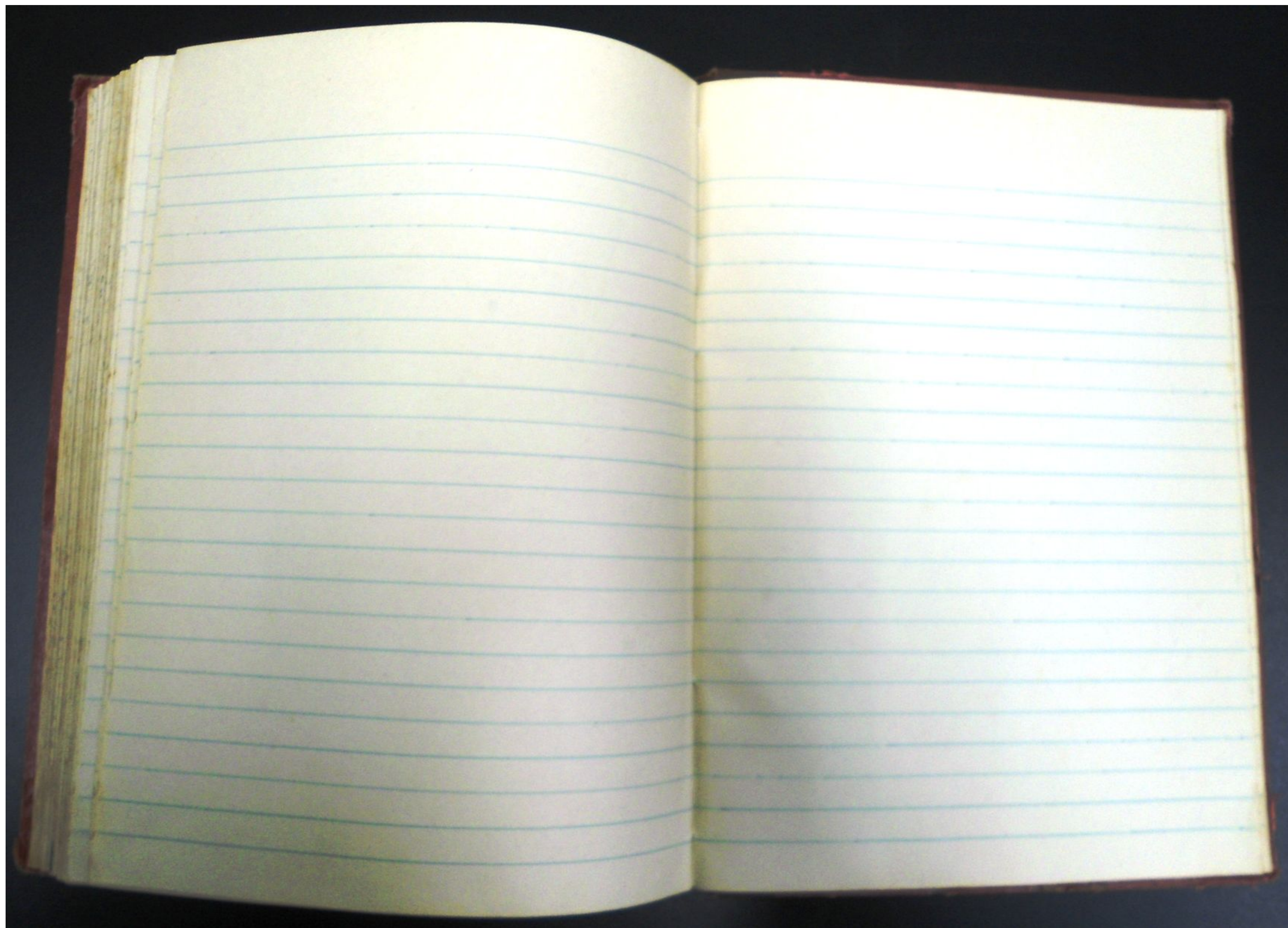
2.º Caderno Manoel

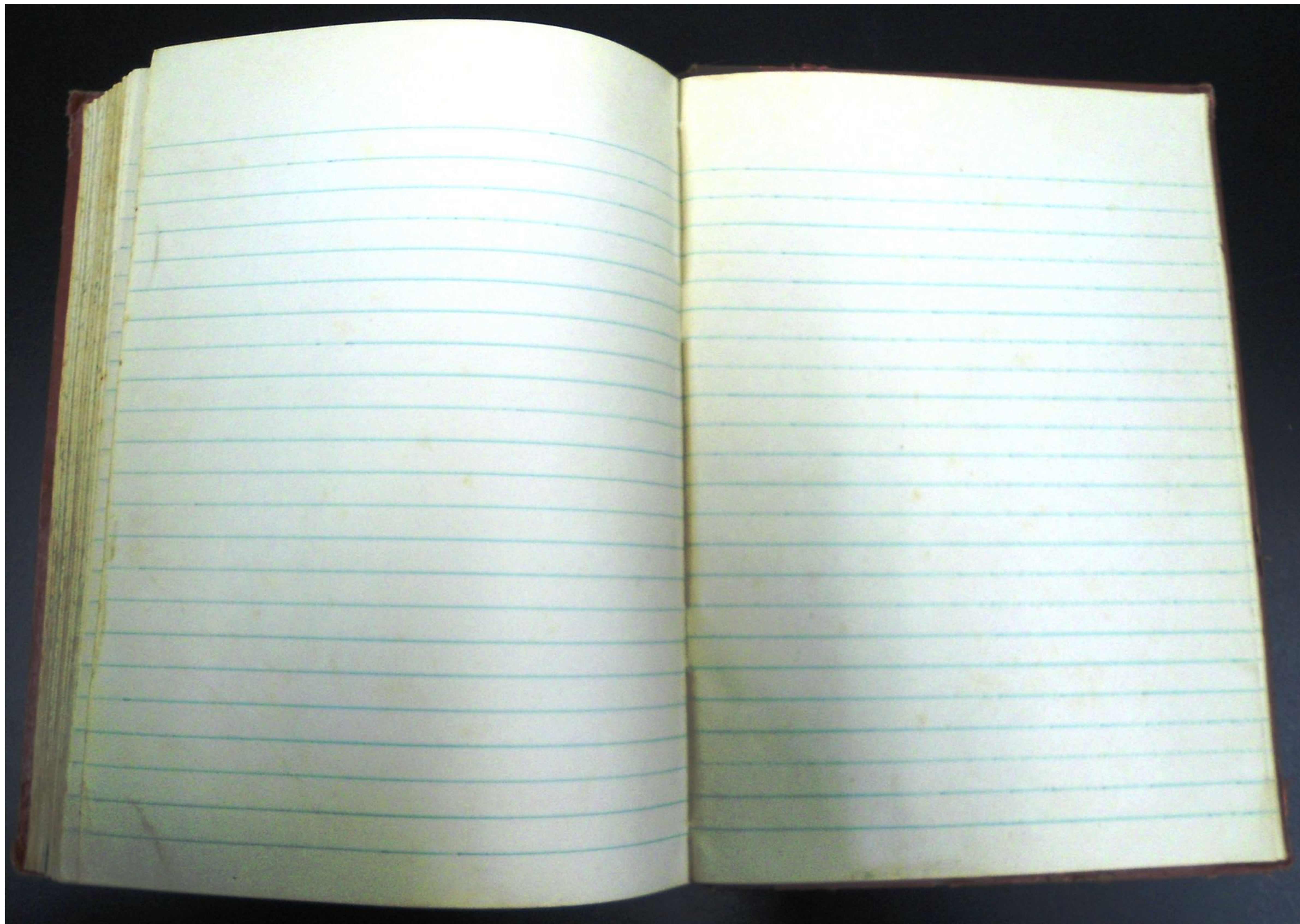
O diário começa à pag. 41 - 10/03/52.
Os papéis iniciam-se com capítulos de
um futuro livro. No final do
caderno (que é este em que souso
agora) tem índice.

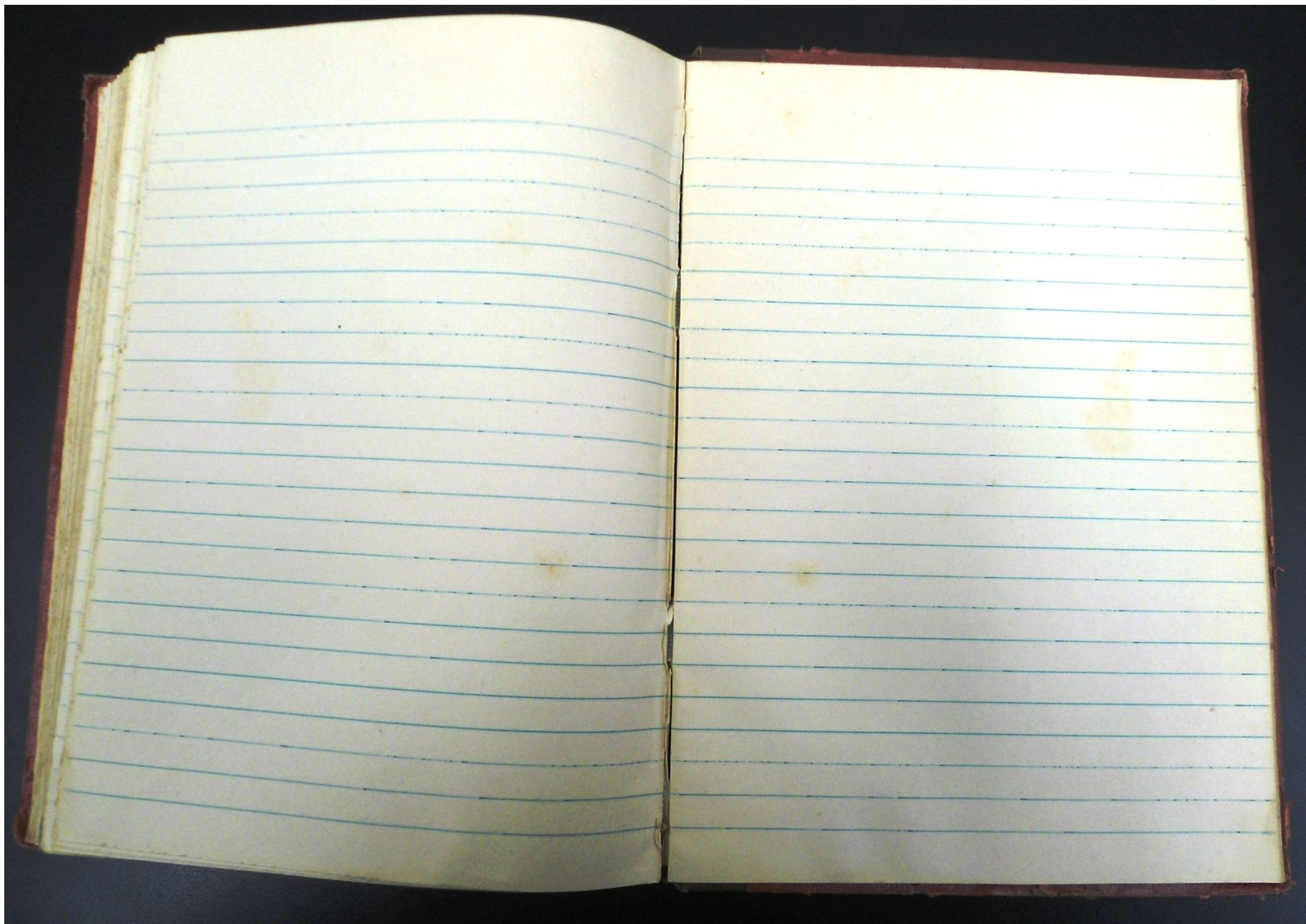
1952 - Porto Alegre - 10/03 pag 41 a 52
- Fuz de Fora, MG - 16/04 - pag 53
→ pag 186 : 11/12/1952 - 30 anos.

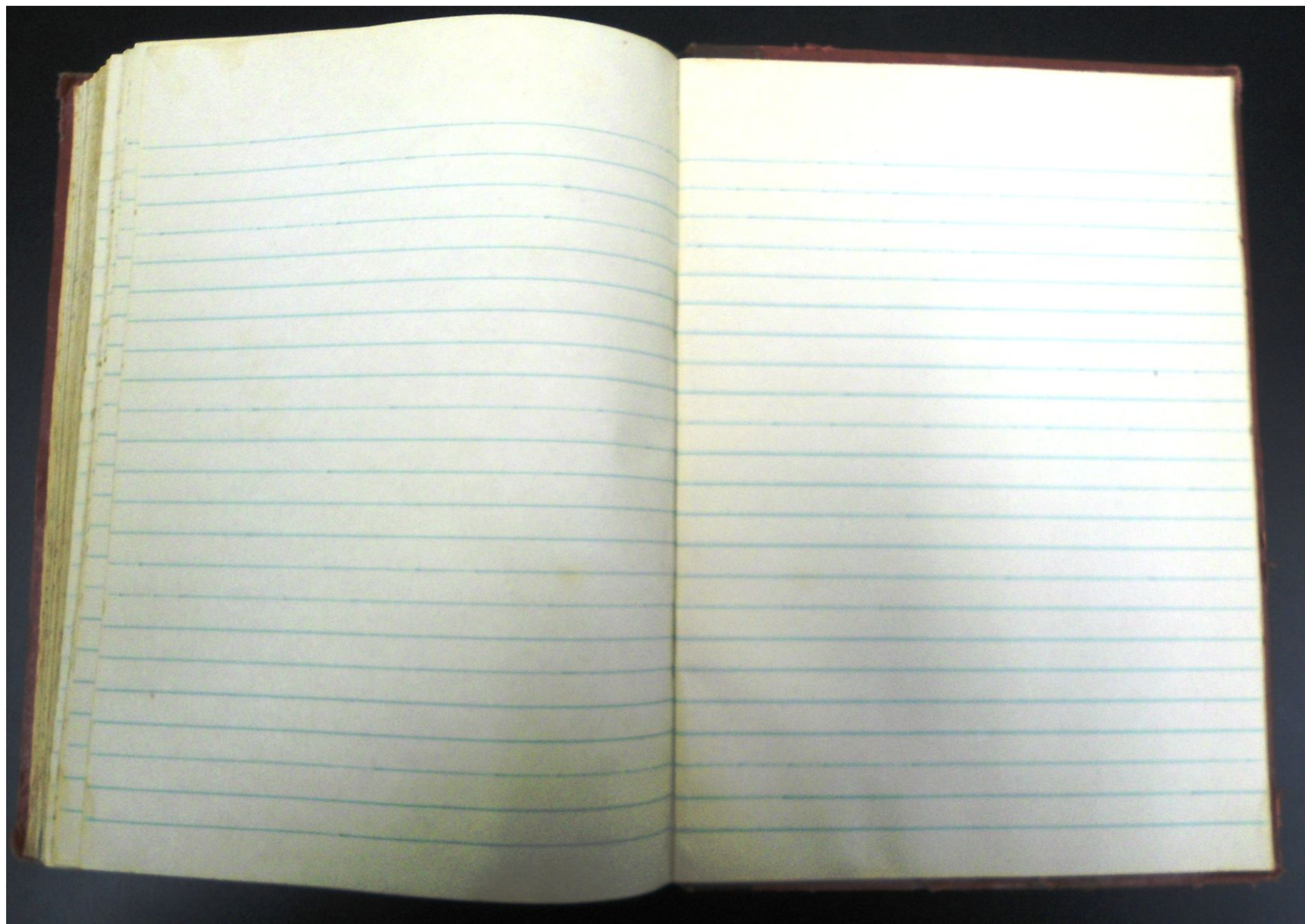
1953 - Fuz de Fora - 22/01 pag 187 a 330
(com ida ao Rio)
- Rio de Janeiro - 04/08/53 pag 331
até 349, quando praso de escrever,
nesto caderno. Última data : 30/09

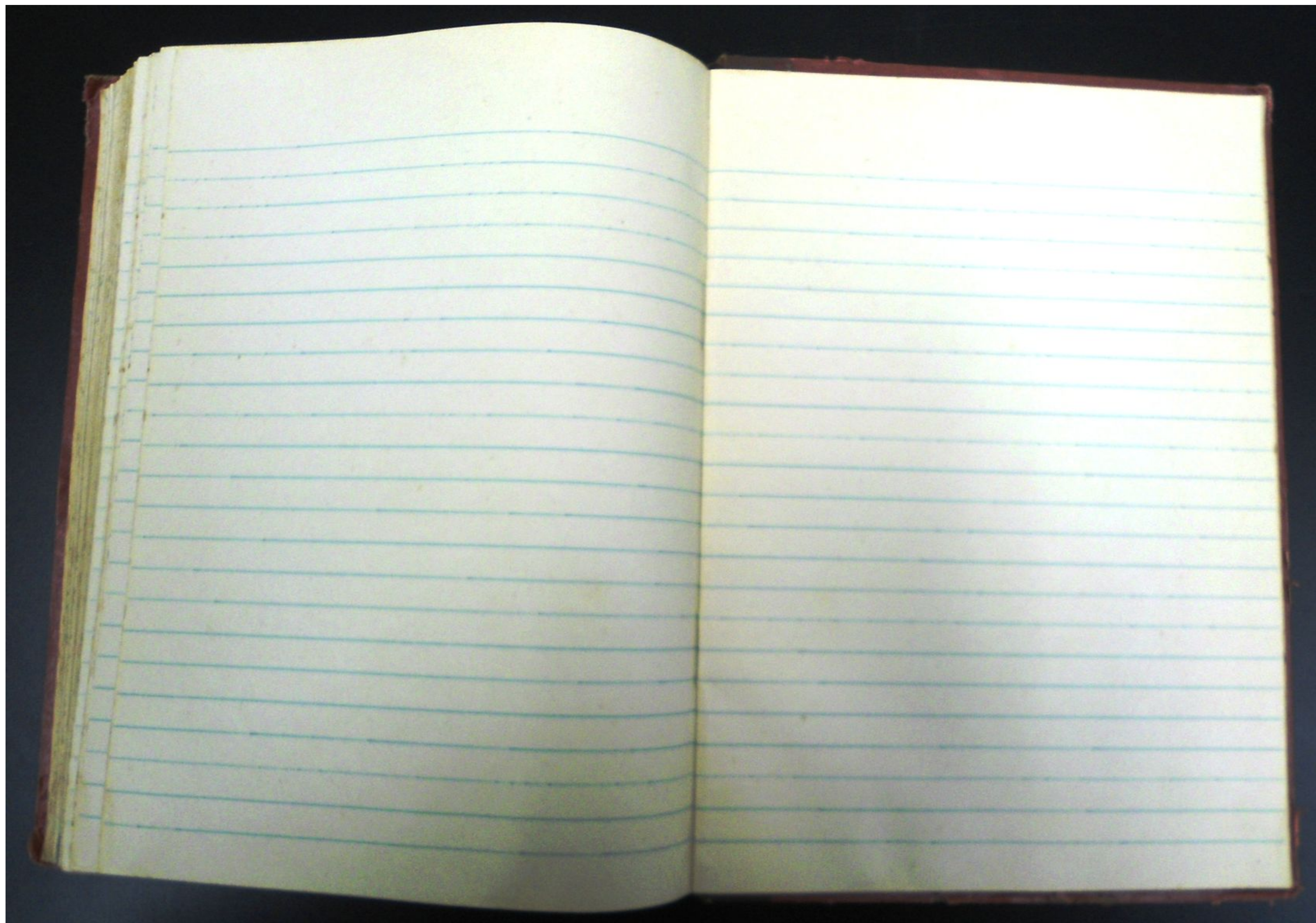


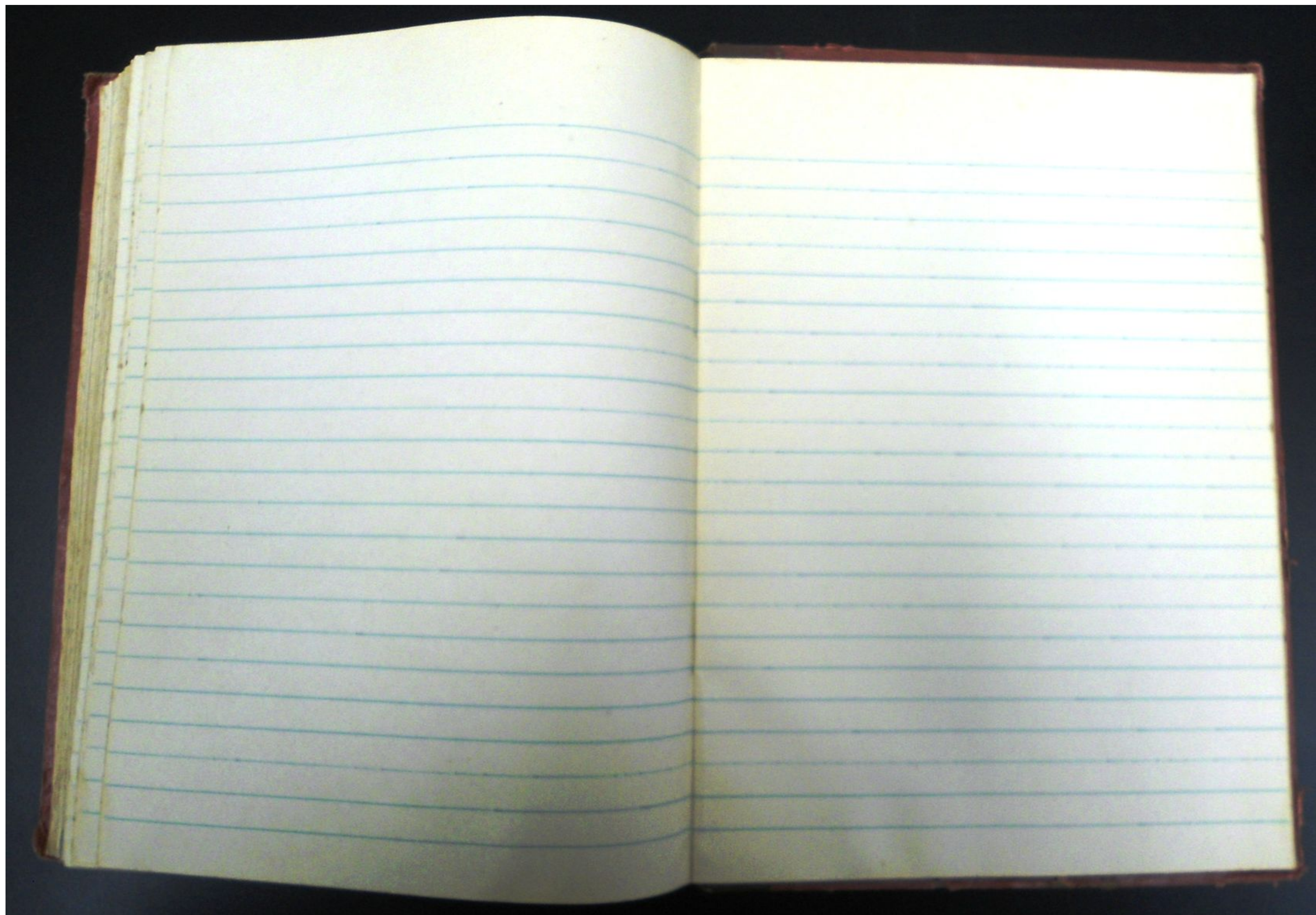


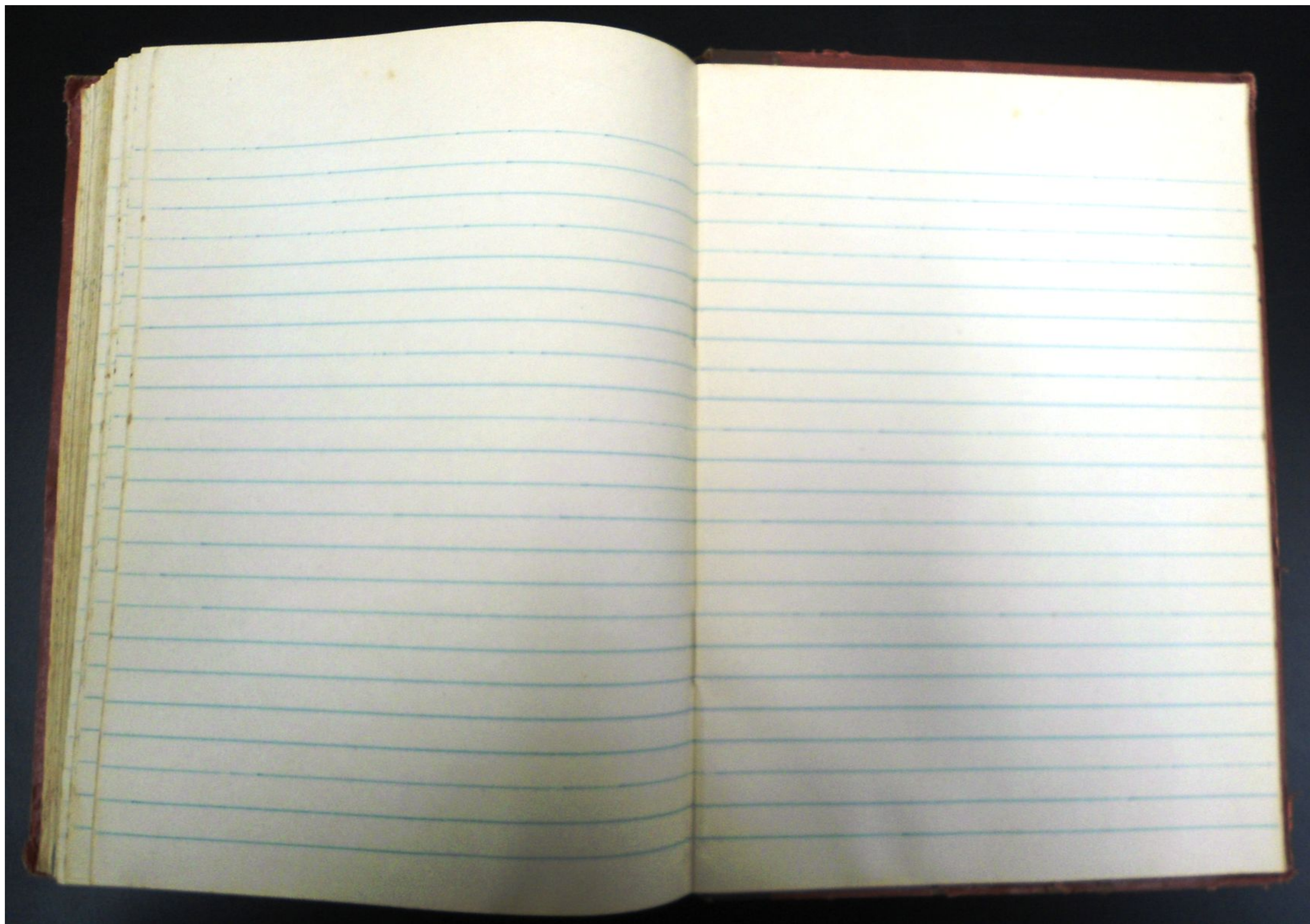


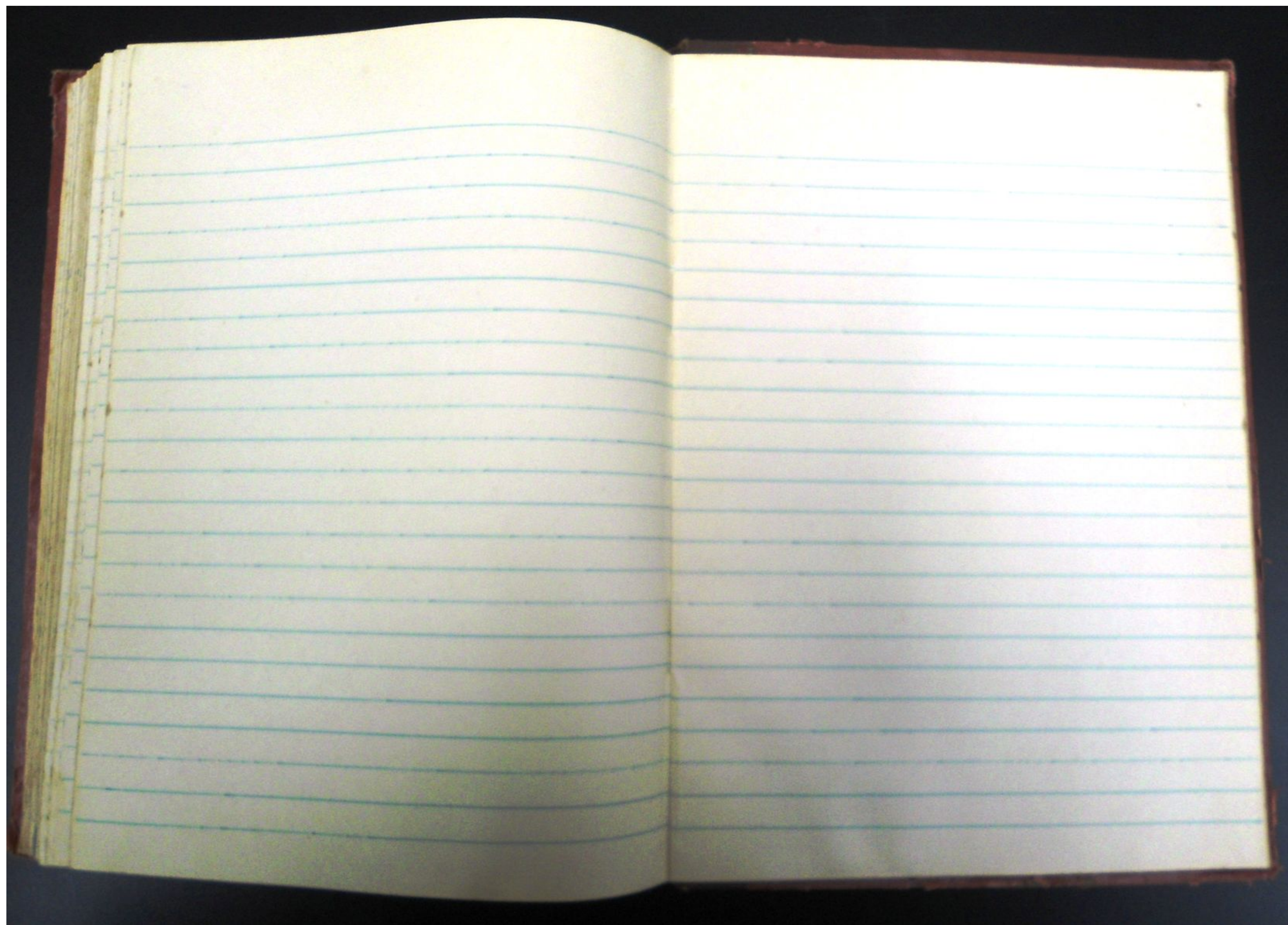


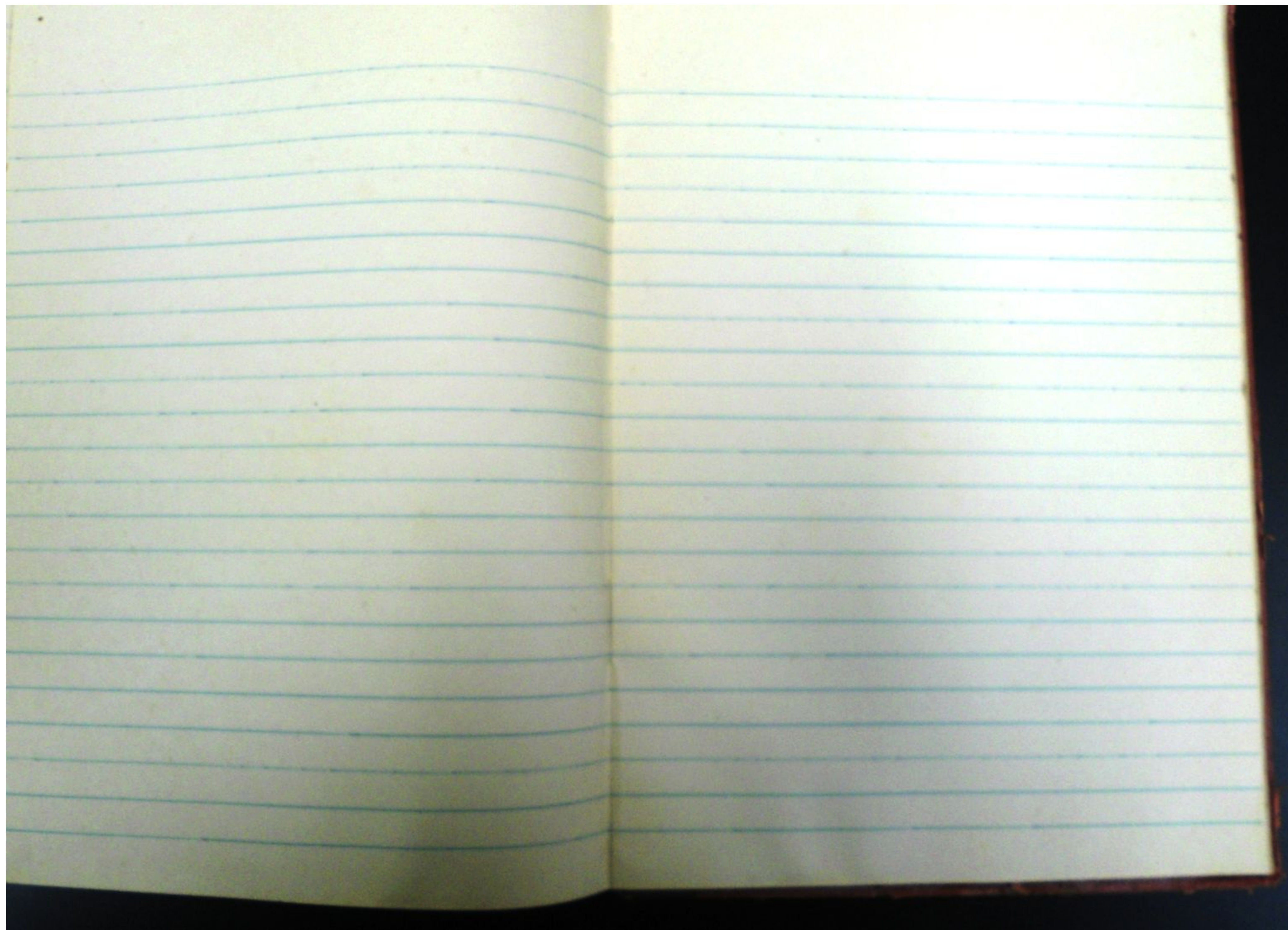


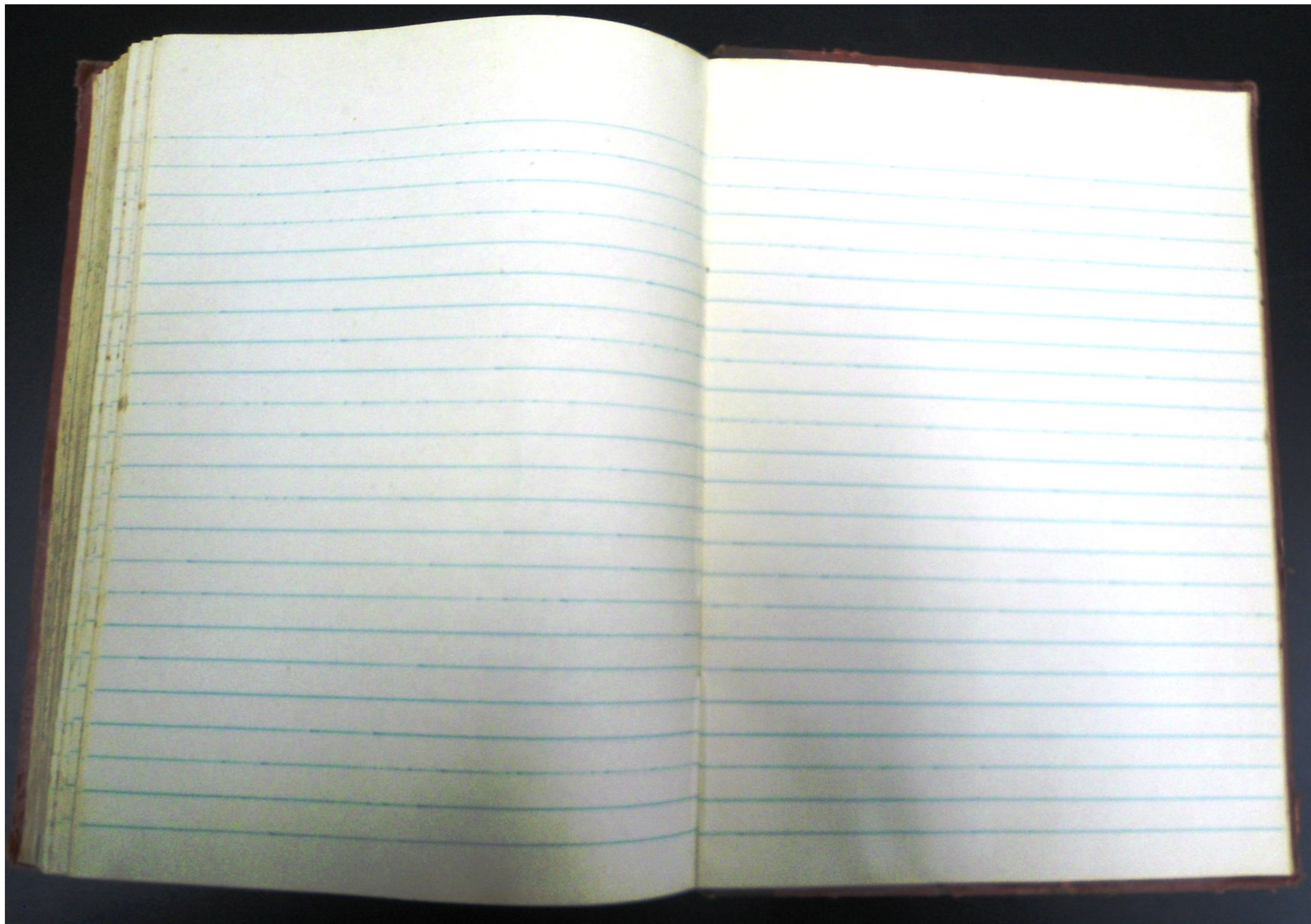


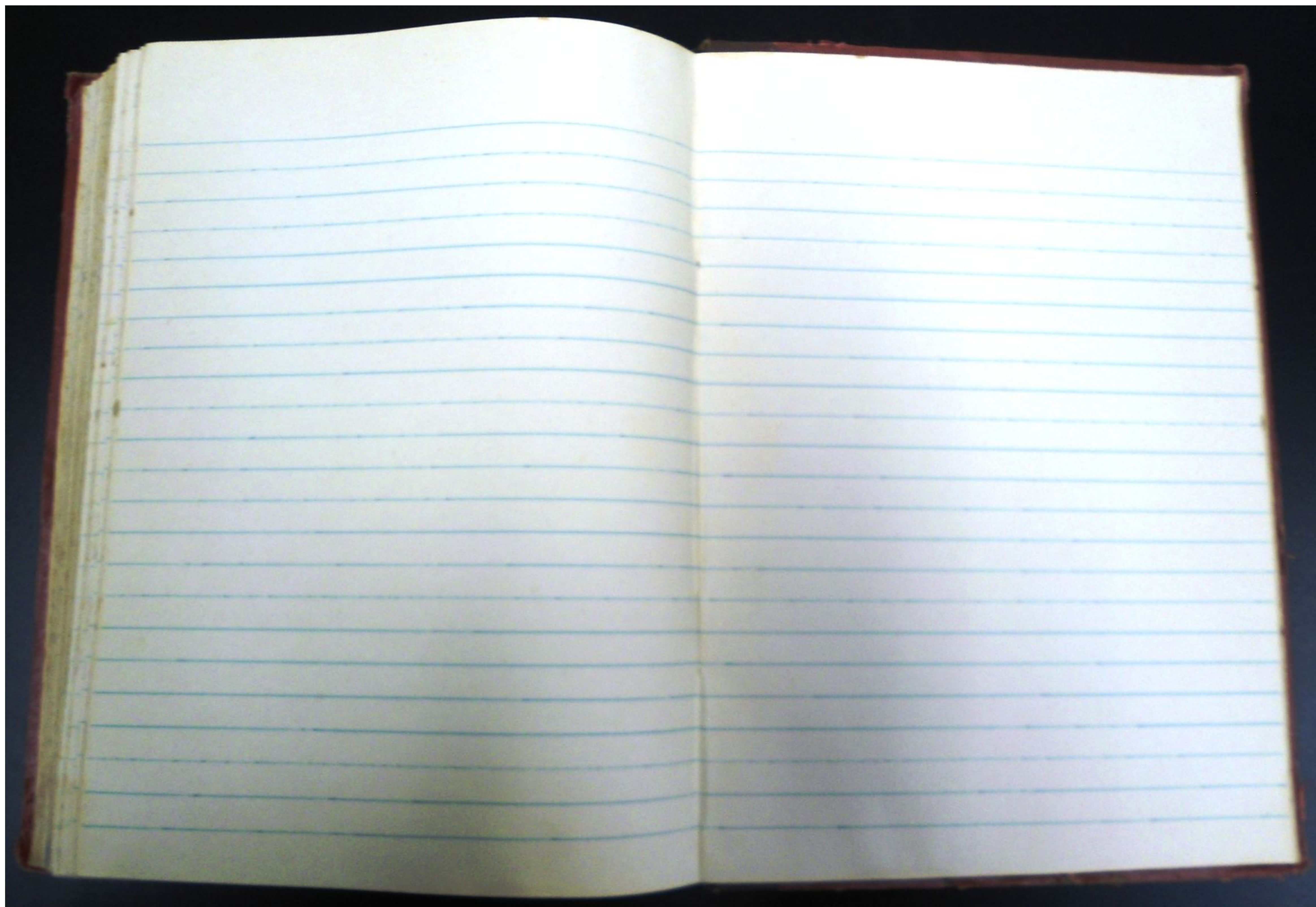


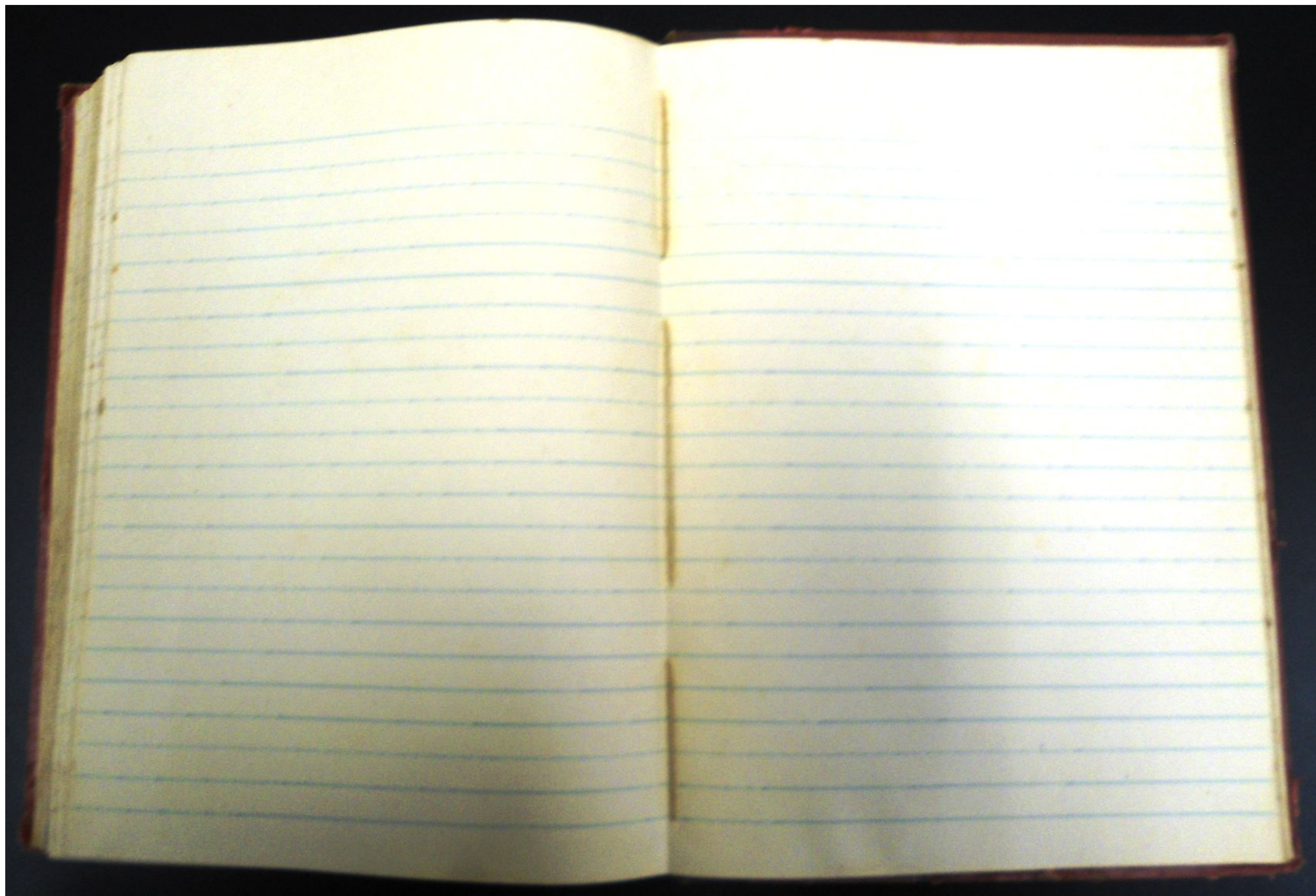


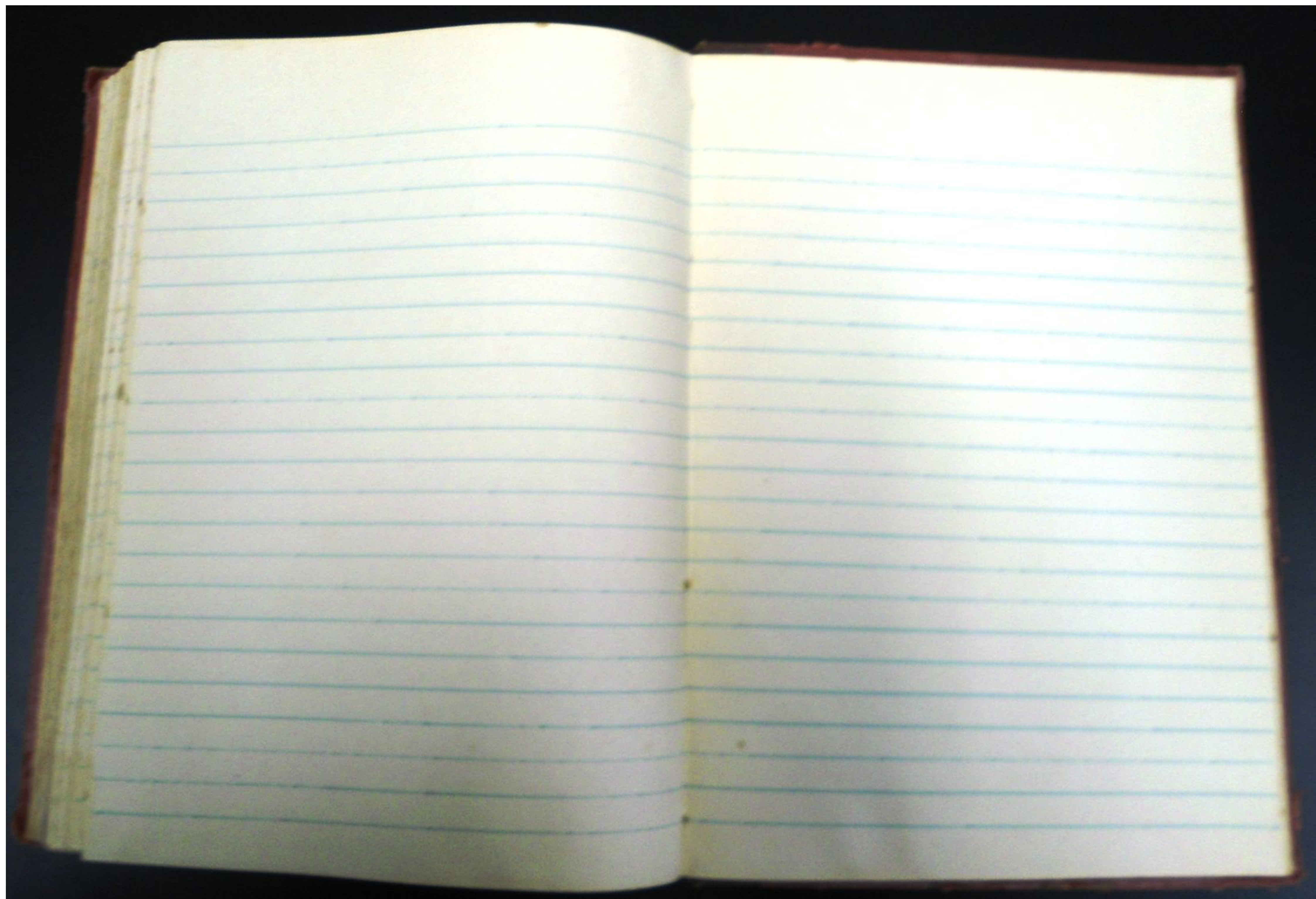


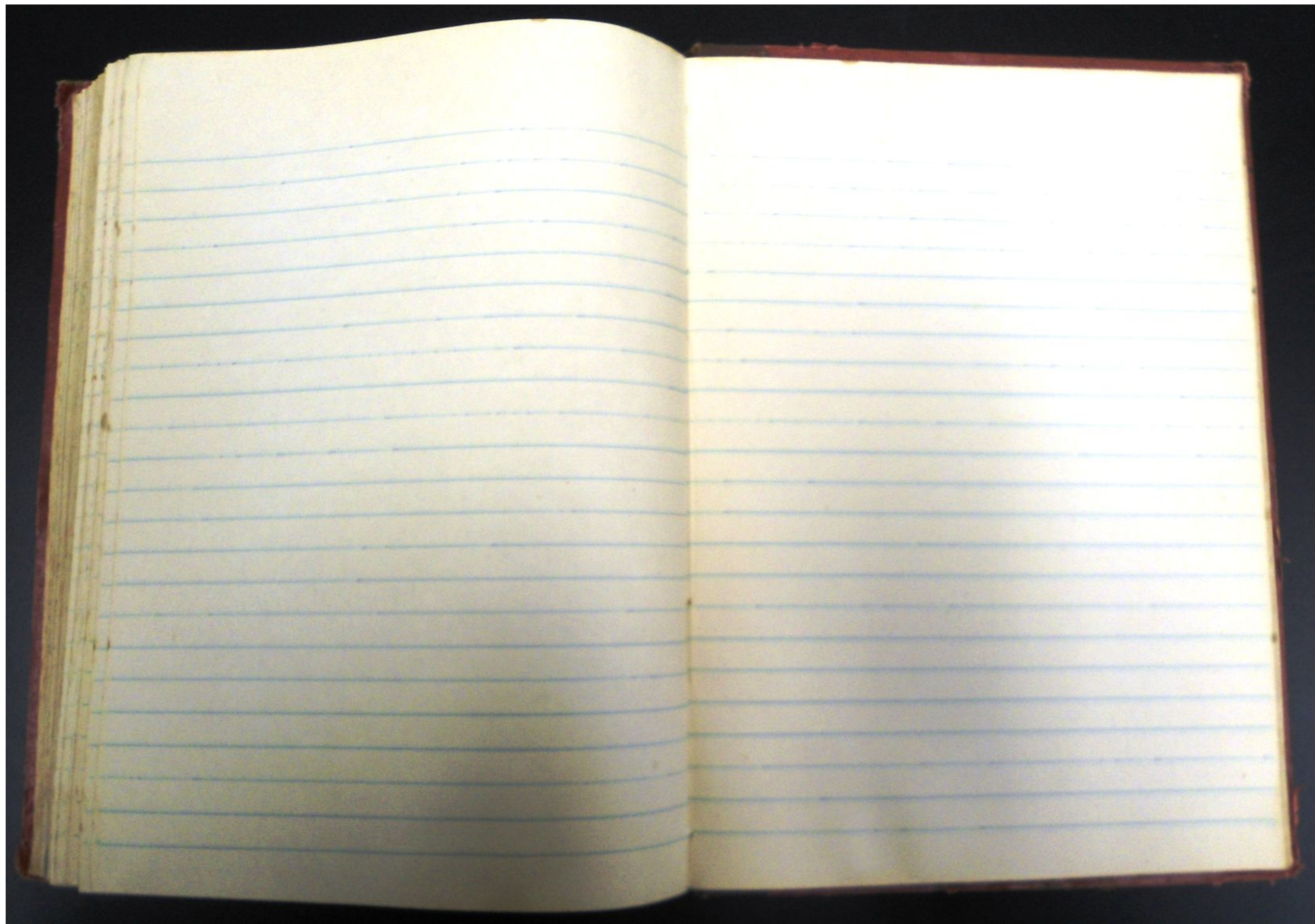


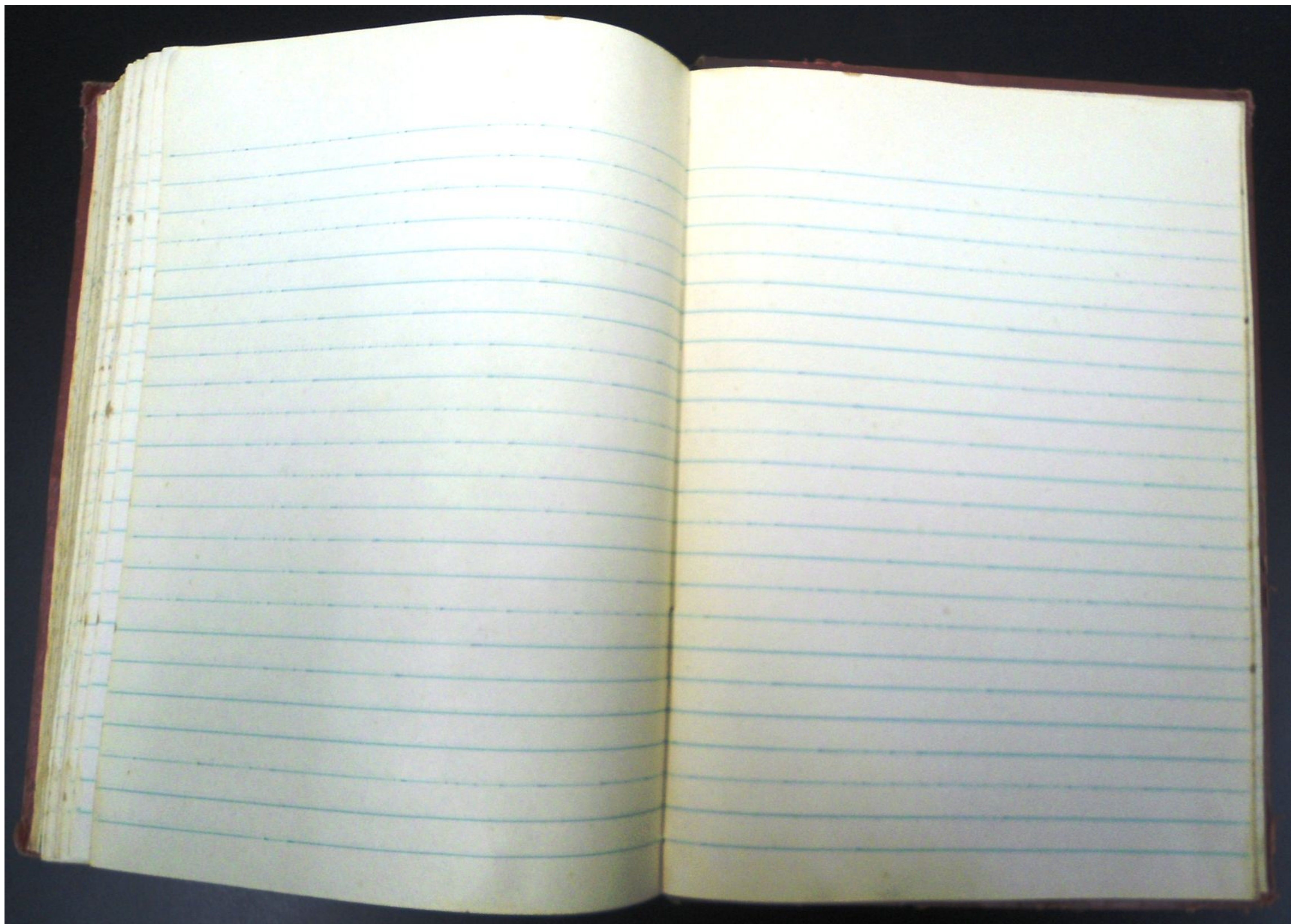


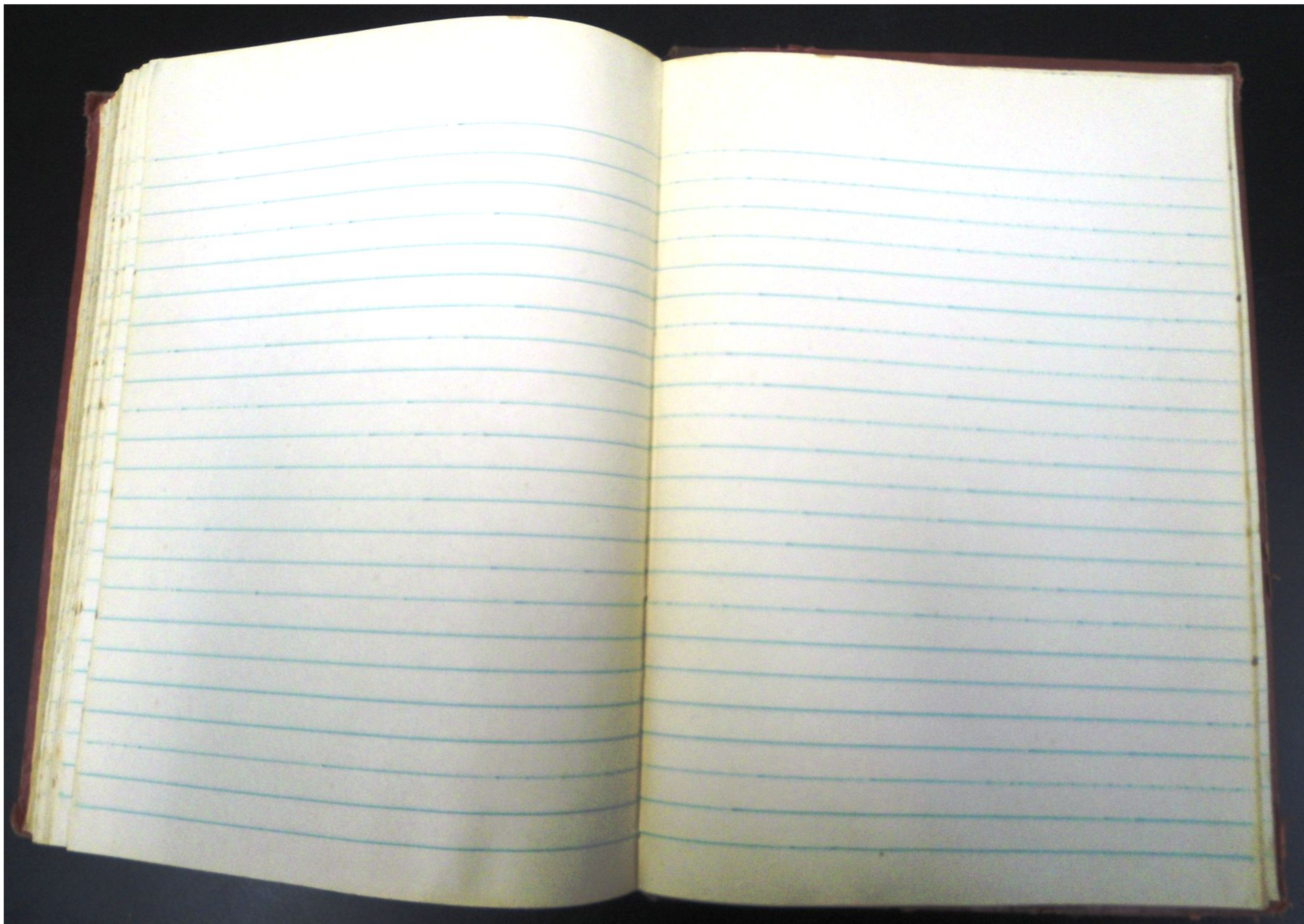


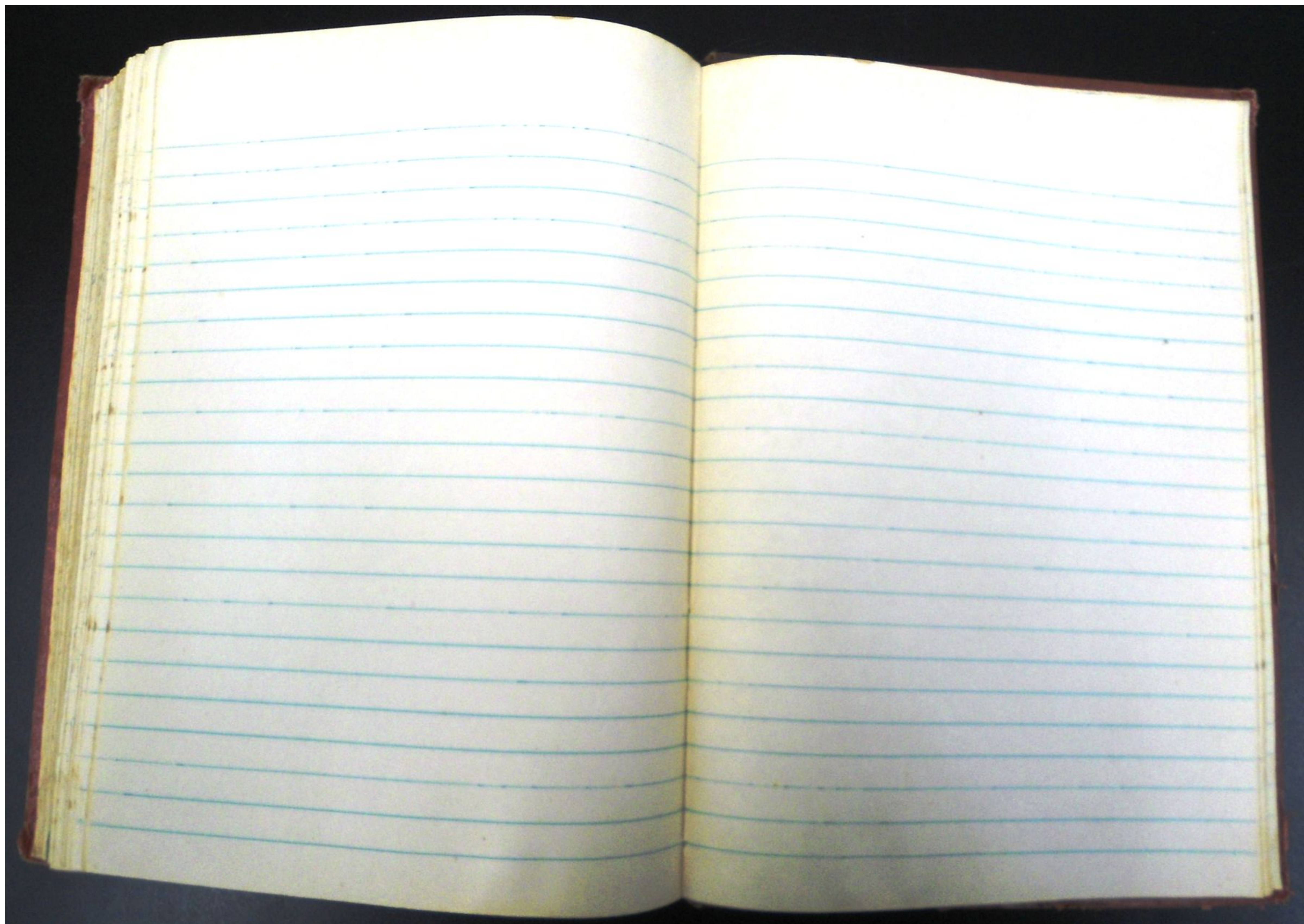


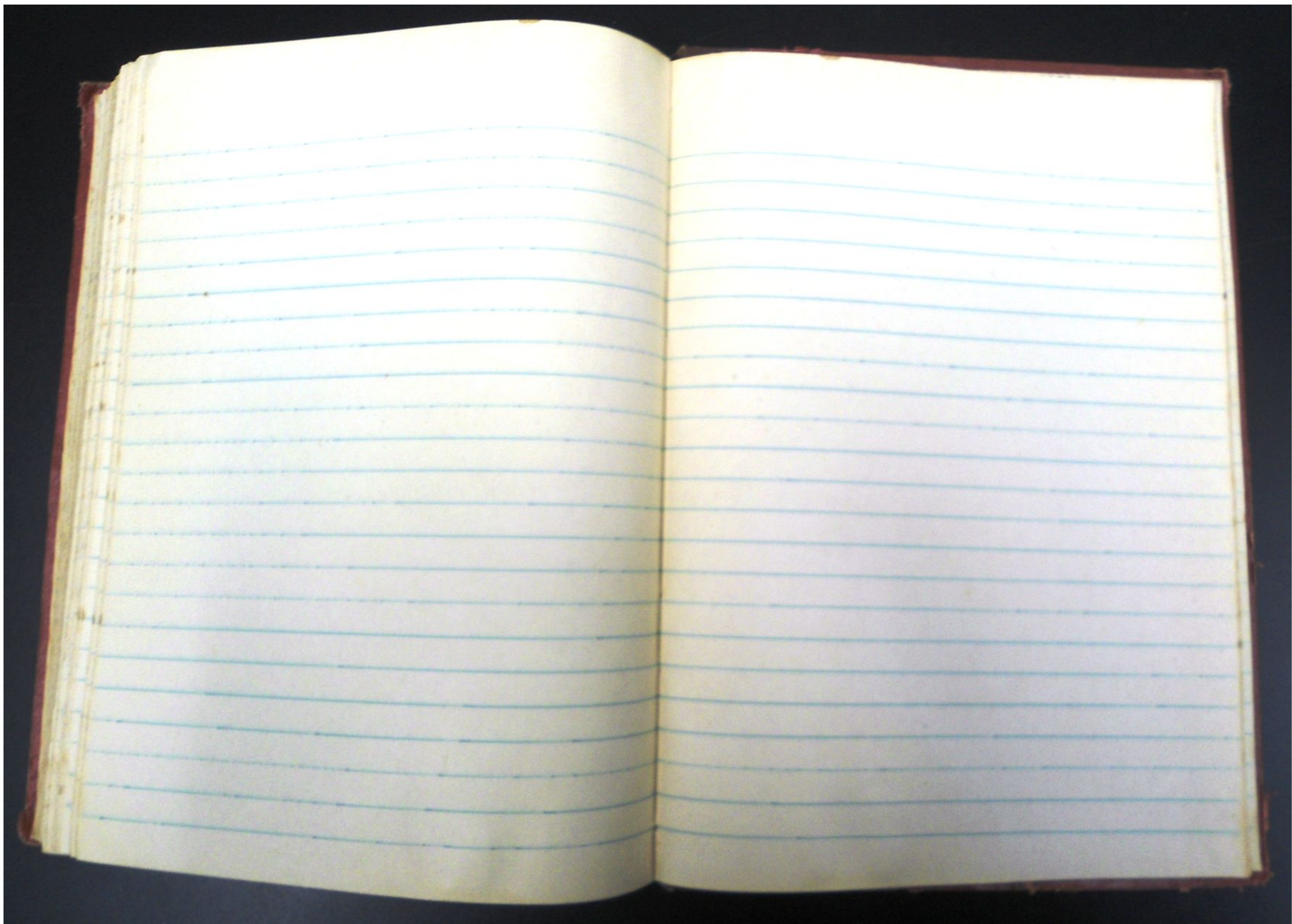


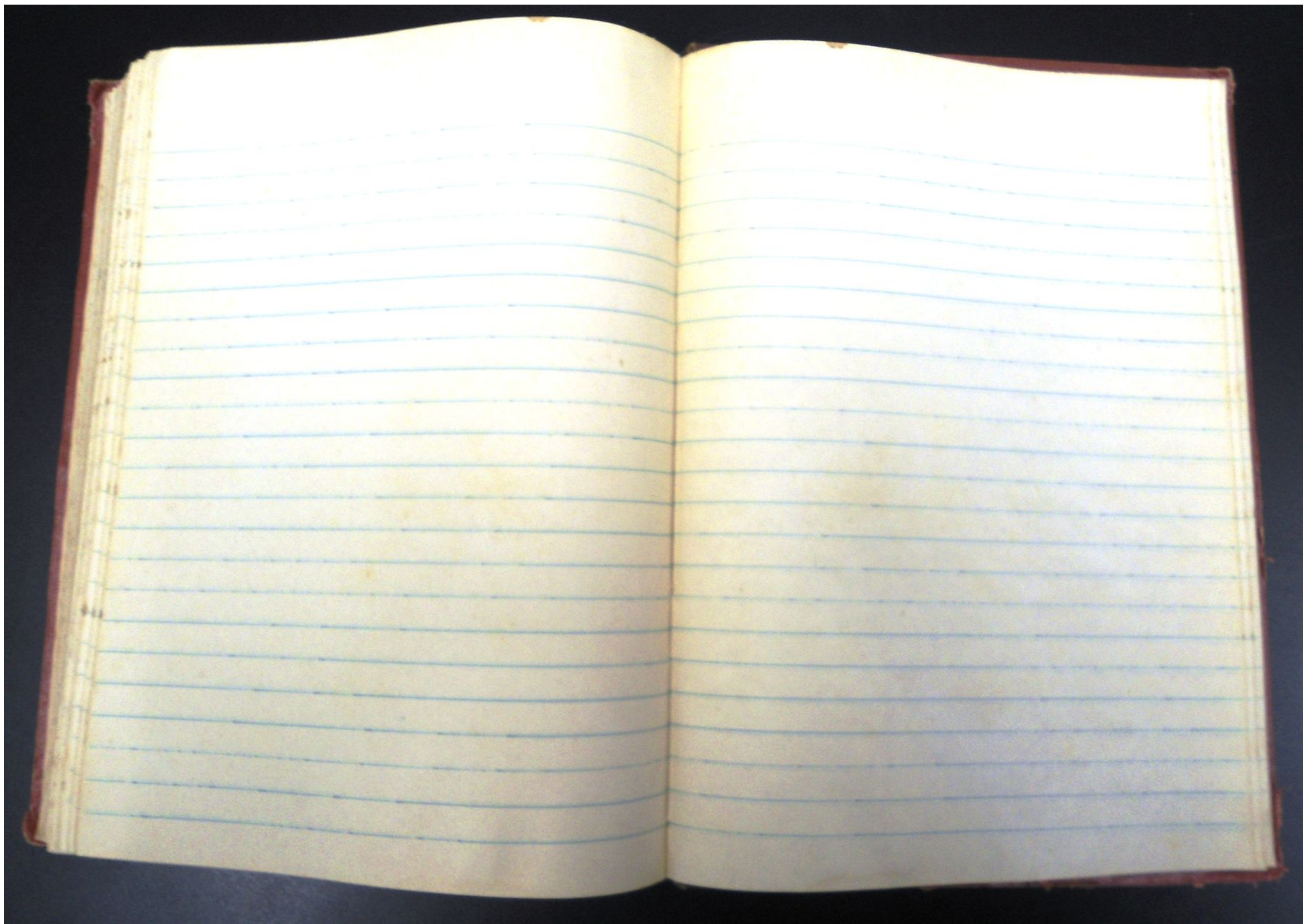












Planos, ideias, relatos.

✓ Mãe - 3

O Espelho - capítulo - 13

Impressões (J.F.) - 53

Barbacena - Rio - 72

Descontrole - 80

Reflexão - 84

Clá - 85

Aforismos, Ironia : 88 -

Morceau de lettre : 88

Vergonha : 102

"O Curioso" - 110

Raza de Piment - 154

Biblioteca de Curitiba - 160

O mago e o pajane - 165

Nós nos perdemos - 170

Antes - 171

